



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

Jessica de Jesus Figueira de Sousa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Ciências em Emoções

Orientadora:

Doutora Carla Sofia Lopes Leal Mouro, Investigadora Integrada no Centro de Investigação e
Intervenção Social do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

Agradecimentos

Nada é por acaso.

Provavelmente já escrevi esta linha e voltei a reescrevê-la dezenas de vezes. Porque agradecer nunca parece ser o suficiente. Nem nunca será diante do que recebi nestes meses. Mas cá vai, mesmo que me faltem já (literalmente) as palavras.

Obrigada,

Em primeiro lugar, e sempre, aos meus pais, que me deram e continuam a dar as asas mais fortes para voar.

À minha irmã, pelos sorrisos inacabáveis desta vida.

À Fabiana, a melhor amiga que poderia ter do outro lado da linha, fiel atendedora dos meus dilemas durante cinco anos desta aventura longe da nossa ilha.

À Carolina, à Rita, à Ana e à Beatriz, por serem a família que encontrei para sempre na nossa Lisboa.

À Manu, a quem qualquer tipo de agradecimento escrito não chega para toda a força que me deu. Que nunca nos falte a vontade de brincar com a vida, principalmente juntas em momentos de dificuldade.

Em especial, à minha orientadora, Dr^a Carla Mouro, a pessoa que melhor me poderia ter guiado, pela paciência incrível que possui e pela calma constante que me transmitiu sessão após sessão.

À Milu, à Lídia e ao Sr. Jorge, pela inspiração que um dia quero vir a ser para alguém.

Resumo

Este estudo examina a forma como as pessoas, em interação, respondem à presença de conteúdos ambivalentes (positivos e negativos) nas notícias. Mais especificamente, procura analisar o uso de emoções na aceitação ou resistência a uma proposta de alteração da representação social das vagas de calor, até agora tidas como negativas e prejudiciais, por parte da imprensa portuguesa ao longo dos meses de verão e princípio de outono do ano 2016. Foram compostos oito grupos focais, com 39 estudantes do ISCTE – IUL, do Instituto Universitário de Lisboa, a frequentar o primeiro ano de licenciatura dos cursos de Psicologia e de Serviço Social.

Foi efetuada uma análise de conteúdo das oito sessões, das opiniões e expressões emocionais de todos os participantes ao longo das conversas, orientadas numa primeira parte para debater o tema das alterações climáticas em geral, antes da tarefa de visualização e comentários às notícias.

Os resultados revelaram, (1) na primeira parte do debate, conteúdos representacionais, quer cognitivos/valorativos, quer emocionais, muito semelhantes aos encontrados previamente na literatura; (2) na segunda parte do debate, centrada sobre as notícias, resistência por parte dos participantes à proposta de alteração à representação social existente sobre as alterações climáticas e as vagas de calor, manifesta no uso de emoções negativas e estratégias de minimização dos aspetos positivos das vagas de calor através da ironia e do riso.

As conclusões deste estudo discutem a forma como os grupos assumem estratégias para resistir às alterações, propostas pelos média, para representações sociais estabelecidas e com forte consenso social.

Palavras-chave: Representações Sociais; Uso das Emoções; Alterações Climáticas; Média; Influência dos Média

Abstract

This study explores the way groups cope with the presence of ambivalent (positive and negative) content in the press. It intends to analyse the use of emotions in the acceptance or resistance of a proposal to change the social representation of heatwaves suggested by the portuguese press throughout the summer and early autumn months of year 2016.

Eight focus groups were composed by 39 students from ISCTE – IUL, attending the first year of the Psychology and Social Work courses.

A content analysis of the eight sessions, the opinions and emotional expressions of all the participants was carried out during the conversations, oriented in the first part to discuss the subject of climate change in general, before the task of observation and discussion of the presented news.

The results revealed (1) in the first part of the discussion, cognitive/evaluative and emotional representational contents, very similar to those found in the previously literature; (2) in the second part of the discussion, focused on the news, resistance shown by participants to the proposal to change the social representation of climate change and heatwaves, manifested in the use of negative emotions and strategies to minimize the positive aspects of heatwaves through irony and laugh.

The conclusions of this study discuss how groups adopt strategies to resist to the proposal of the press to change established social representations with strong social consensus.

Keywords: Social Representations; Use of Emotions; Climate Change; Media; Media Influence

Índice

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1.1.Contextualização.....	5
1.2.O papel mediador da imprensa	6
1.3.As representações sociais: dimensões cognitiva, normativa e emocional	7
1.4.Relação entre o papel mediador da imprensa, as representações sociais e as emoções verificadas.....	11
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	13
2.1.Participantes.....	13
2.2.Procedimento de recolha de dados	13
2.3.O guião dos grupos focais.....	15
a. As notícias	17
2.4. A grelha de análise.....	18
CAPÍTULO III - RESULTADOS	19
3.1. Emoções	21
3.1.1. Uso das emoções nas sessões: perspetiva geral.....	21
3.1.2. Primeira parte do debate: discussão sobre ambiente e alterações climáticas ...	26
3.1.3. Segunda parte do debate: observação, leitura e comentário das notícias	27
3.1.3.1. Comparação antes e depois da leitura da primeira notícia – emoções negativas e emoções positivas	27
3.1.3.2. Comparação antes e depois da leitura da segunda notícia – emoções negativas e emoções positivas	28
3.1.3.3.Comparação entre as duas notícias – primeira etapa/emoções negativas e emoções positivas	28
3.1.3.4.Comparação entre as duas notícias – segunda etapa/emoções negativas ...	28
3.1.4. Comparação entre a primeira e a segunda partes do debate – emoções negativas e emoções positivas	29
3.1.5. O uso da “ironia” e do “riso”.....	29
3.2. As quatro fases do debate.....	34

3.2.1. Discussão sobre o tema ambiente (primeira fase do debate).....	34
3.2.2. Discussão sobre o tema alterações climáticas (segunda parte do debate).....	36
3.2.3. Discussão sobre primeira notícia.....	40
3.2.4. Discussão sobre segunda notícia.....	40
CONCLUSÃO	42
BIBLIOGRAFIA	46
ANEXOS	48

Índice de Quadros

Quadro 2.1. Estrutura geral dos grupos focais e objetivos de cada fase da sessão	16
Quadro 3.1. Número de codificações gerais em todas as fases e categorias	20
Quadro 3.2. Número de emoções negativas codificadas em cada fase da sessão.....	23
Quadro 3.3. Uso da expressão do riso ao longo das sessões.....	30

Índice de Figuras

Figura 1. Fotografia ilustrativa de notícia do Jornal Público	1
Figura 2. Fotografia ilustrativa de notícia do Jornal de Notícias	1

INTRODUÇÃO

O ano 2016, segundo o Instituto Português do Mar e Atmosfera (IPMA, 2017), foi considerado um ano atípico, com temperaturas acima do esperado, que se prolongaram pelo outono (outubro e novembro, mais precisamente). Durante este período assistiu-se à publicação de várias notícias, no contexto nacional português, sobre vagas de calor e temperaturas mais elevadas do que aquelas a que normalmente estávamos habituados em anos anteriores. Uma onda, ou vaga, de calor ocorre quando, num intervalo de pelo menos seis dias consecutivos, a temperatura máxima diária é superior em 5°C ao valor médio diário no período de referência, informa o IPMA. Este fenómeno extremo foi relatado pela imprensa e este trabalho interessou-se por saber como essas notícias foram recebidas na esfera pública, particularmente por elas serem sistematicamente ilustradas com uma imagem positiva, de pessoas a frequentar espaços balneares.

A Figura 1 e a Figura 2 são exemplos de imagens agradáveis que acompanham notícias como as referidas anteriormente.



Figura 1. Fotografia que acompanha artigo de jornal cujo título é “Setembro foi o mês mais quente dos últimos 32 anos”.

Figura 2. Fotografia que acompanha artigo de jornal cujo título é “Subida da temperatura no planeta está a acelerar”.

As vagas de calor são um assunto de extrema relevância, quer por materializarem as alterações climáticas em curso, quer pelas consequências em termos de saúde pública. Portugal é um país em que as vagas de calor são relativamente frequentes e onde a maior onda de calor registada desde o verão de 1941 se deu em 2003, sendo a sua duração de 16 a 17 dias (IPMA, 2017). Ebi e Kovats (2006) retrataram um aumento da taxa de mortalidade em países da Europa, como a França, Espanha ou até mesmo Portugal devido ao aumento excessivo das temperaturas do planeta no ano 2003, evidenciando o facto de a população não estar devidamente adaptada ou preparada para esses casos. Foi a pensar nestas evidências que se

achou pertinente trabalhar um tema que está cada vez mais presente nos nossos dias, as vagas de calor.

Neste trabalho pretende-se examinar a forma como as pessoas atribuem significado a esta situação, como a sentem e como a vivem no seu quotidiano. Uma vez que a atribuição de significados a um assunto passa muitas vezes pelos conteúdos e abordagem que os meios de comunicação social fazem ao mesmo, considerou-se importante analisar se a forma como estes, e especificamente a imprensa escrita, intervém na representação social dos indivíduos perante esta situação.

Neste contexto, este estudo visa analisar o papel que a imprensa tem na formação de opiniões e crenças sobre as alterações climáticas e os dilemas ambientais, e averiguar as emoções emergentes da leitura de duas notícias específicas sobre vagas de calor em Portugal, publicadas no final do verão do ano 2016. Dado ser a primeira vez em que a imprensa (mas também a televisão) associou uma imagem positiva a um relato de vagas de calor, esta foi uma oportunidade de estudar as respostas das pessoas à tentativa de introdução de um elemento novo – e divergente – relativamente à representação social em circulação acerca das alterações climáticas e suas consequências. Estudar o modo como são integrados ou rejeitados novos elementos nas representações sociais é importante também para melhor compreendermos que comportamentos de mudança social (face às alterações climáticas) irão ocorrer.

À semelhança de Caillaud, Bonnot, Ratiu e Krauth-Gruber (2015), que examinaram como é que grupos de indivíduos, em grupos focais, lidam, quer ao nível dos conteúdos, quer das emoções, com a responsabilidade social que o tema dos problemas ecológicos pode fazer emergir, no presente estudo pretende-se analisar a forma de lidar com a presença de elementos positivos em notícias sobre alterações climáticas, assunto habitualmente apresentado com uma valência negativa, e, à semelhança das autoras acima citadas, fazer um levantamento de emoções e de estados emocionais nesse processo de confronto com o dilema ambiental. Por outras palavras, a relação entre a forma como os dilemas ambientais são noticiados e as emoções expressas pelas suas audiências tem sido pouco estudada e, por isso, pretende-se elaborar este estudo mais nesse sentido. Portanto, espera-se que as notícias veiculadas intervenham também sobre a dimensão afetiva das representações que os seus públicos irão criar e partilhar.

Ao longo do tempo, o conceito de representações sociais tem sido estudado em diversas dimensões (Wagner et al., 1999), embora apenas recentemente a dimensão emocional tenha recebido mais atenção (Caillaud et al., 2015 e Fisher et al., 2012). Assim, para além de

considerar as dimensões das representações sociais mais tipicamente estudadas, como as crenças, esta pesquisa pretende contribuir para uma melhor compreensão do papel das emoções que são socialmente partilhadas para lidar com este dilema.

Esta dissertação encontra-se organizada nas seguintes secções: primeiro, a contextualização da pesquisa e o enquadramento teórico do tema em questão – o papel mediador da imprensa entre as esferas pública e científica, a teoria das representações sociais associada a este contexto dos média e da emergência de uma dimensão emocional -, assim como a explicitação dos seus objetivos finais. Logo a seguir, apresentam-se o método adotado e a análise efetuada. Após a exposição dos dados da investigação e a sua explicação, segue-se a discussão dos resultados e as suas conclusões.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Contextualização

Este estudo pretende relacionar três linhas de pesquisa que servirão de pilares fundamentais para a sua execução: (1) o papel da imprensa na (re)construção de conteúdos como mediador entre duas grandes esferas da sociedade (a política/científica e a pública), (2) a sua relação (da imprensa) com as representações sociais em circulação na esfera pública, com destaque para (3) a componente emocional que emerge através da discussão em grupo do que é veiculado pela imprensa. Faremos uma breve revisão da literatura recente sobre estas três linhas, destacando-se a pesquisa sobre a dimensão emocional por constituir um fator de diferenciação em relação à maioria dos estudos feitos anteriormente sobre representações sociais das alterações climáticas e dilemas ambientais.

Não obstante, encontramos alguns estudos recentes em que a dimensão emocional das representações associadas às questões ambientais é abordada de modo mais sistemático. Um exemplo disso é o estudo de Caillaud e colegas (2015), que pretendeu examinar os processos representacionais cognitivos e emocionais associados à responsabilidade coletiva pelos problemas ecológicos existentes quando as pessoas são colocadas a debater estes assuntos. A responsabilidade coletiva está frequentemente associada a emoções negativas, e estas a padrões de comportamento individual (e.g., culpa pelo comportamento próprio, indignação pelo comportamento dos outros), mas os processos emocionais envolvidos na resposta coletiva às questões ambientais tem recebido pouca atenção (conf. Caillaud et al., 2015). No presente estudo, inspirado no anterior, a inovação consiste em expor os participantes a estímulos ambivalentes, presentes em notícias visualizadas e debatidas em conjunto, para avaliar o impacto dessa exposição na re-significação de elementos já presentes nas representações em circulação sobre as vagas de calor. Pretende-se, mais especificamente, examinar as emoções expressas em contexto grupal aquando da visualização de notícias que introduzem novos elementos (divergentes) a uma representação social já estabelecida.

Esta pesquisa pretende, assim, contribuir para uma lacuna na literatura das representações sociais, a escassez de investigação sobre a componente emocional que lhe está associada. Adicionalmente, a relação entre a forma como os dilemas ambientais são noticiados e as emoções expressas pelas suas audiências tem também sido pouco estudada. Nas secções que se seguem, começamos por rever a literatura sobre a imprensa e as alterações climáticas, depois apresenta-se o quadro teórico das representações sociais e a pesquisa mais recente usando esta abordagem onde são estudados também os processos emocionais.

1.2. O papel mediador da imprensa

Os média são responsáveis pela construção de diversas crenças pelo facto de comporem um motor de comunicação imparável na mediação de informação diária, e, hoje em dia, quase ao segundo. Num estudo desenvolvido por Happer e Philo (2013) em que um dos objetivos a alcançar seria entender a forma como o público gere as suas crenças e atitudes em resposta às mensagens dos média, verificou-se que existem diferenças na receção de informação e no seu acesso entre as várias partes do público. Também se concluiu que essas mensagens transmitidas pelos média têm um nível de influência muito variável. É evidente, portanto, que, quando o acesso ao conhecimento e à informação são escassos, a população dependa em maioria dos meios de comunicação social para se manter informada. Tanto a informação televisiva quanto o jornalismo impresso e online (que constituem consensualmente as principais fontes de informação atuais) são fundamentais para a concentração do interesse público em determinados assuntos, específicos. A imprensa atua para delinear a corrente de argumentos e perspetivas que são responsáveis por informar e alimentar o debate público, embora seja notório o facto de determinadas mensagens veiculadas pelos média não serem acolhidas uniformemente por todos os públicos, podendo o seu nível de influência ser em maior ou menor grau (Happer & Philo, 2013).

Os estudos que pretenderam analisar a influência do consumo dos média no comportamento pró-ambiental de jovens, por exemplo, são escassos, mas comprova-se que o uso dos média pode ter um impacto no desenvolvimento ambiental já durante a adolescência. A investigação sugere que o consumo dos média por jovens e jovens adultos pode ser um recurso positivo de socialização política. Os média podem ter impacto na construção de debates políticos entre os jovens e, conseqüentemente, no seu comportamento pró-ambiental. Há uma relação positiva entre os média e o comportamento pró-ambiental dos jovens, que, através da receção dessa informação, formulam debates políticos sobre o assunto em questão e sentem a vontade de agir a favor das causas ambientais. Também é claro que o facto de se discutirem estes assuntos em ambientes familiares leva os indivíduos a agir pró-ambientalmente (Östman, 2013).

A imprensa, segundo Castro, Gouveia e Mouro (2012), tem uma atividade reconstrutiva de assuntos desenvolvidos noutras esferas – neste caso, da esfera científica -, tendo a capacidade de re-significar conceitos e de ampliar ou minimizar os problemas a ser tratados. A este propósito, um estudo recente sobre a cobertura mediática das alterações climáticas em Portugal entre os anos 1992 e 2000 mostrou que os picos de maior volume de artigos sobre o tema se davam aquando de conferências e acordos internacionais, não estando

particularmente associados a eventos a nível nacional (Carvalho, Delicado, Santos & Schmidt, 2013).

O discurso mediático sobre as mudanças climáticas em Portugal é dominado por um discurso tecnológico, que tem impacto no envolvimento do público no assunto das alterações climáticas (Carvalho, 2013). Segundo esta autora, esse discurso provavelmente faz pouco no sentido de inspirar o público nas ações de combate às alterações climáticas. Por outras palavras, os média portugueses não estão a transmitir uma mensagem de ação, do que é preciso fazer, e estão a utilizar uma linguagem que não é mobilizadora dos seus públicos (Carvalho, 2013).

Os média têm, portanto, uma importante ação como mediadores entre a esfera política e científica e a esfera pública (Castro et al., 2012), contribuindo para a formação e modificação de representações sociais sobre questões ambientais. No que respeita a questão das alterações climáticas, os meios de comunicação social parecem ter contribuído para uma perceção pública de que este é um assunto distante tanto no tempo quanto no espaço. Por exemplo, no estudo de Fisher e colaboradores (2012), os participantes indicavam ser uma solução para as alterações climáticas a adoção de energias renováveis no futuro para solucionar os problemas que irão provavelmente emergir até lá. Noutro estudo, quando perguntado aos participantes que imagens associavam às alterações climáticas e de onde elas surgiam as respostas foram consensuais no que respeita à sua origem: vieram dos média (Wibeck, 2012). As imagens difundidas pelos média suecos foram de calotas polares derretidas, ursos polares ameaçados, entre outras, que retratavam consequências negativas, mas distantes do aquecimento global (Wibeck, 2012), contribuindo desta forma para uma minimização do risco associado às alterações climáticas.

O uso da imagem pelos média é relevante para o presente estudo e pode ser entendido através do processo de objetivação das representações sociais (Wagner et al., 1999). A objetivação é um tipo de materialização de ideias abstratas, que as representa como fenómenos concretos existentes no mundo físico. Um dos exemplos disto é o facto de os média associarem, por vezes, tempestades específicas, ondas de calor ou inundações às mudanças climáticas. Assim, o fenómeno abstrato é objetivado (Höijer, 2010).

1.3. As representações sociais: dimensões cognitiva, normativa e emocional

Neste estudo, será utilizada a abordagem das representações sociais, quadro teórico que se interessa pela construção partilhada de significados, onde se inclui os conteúdos colocados em circulação por sistemas mediadores como a comunicação social.

Neste trabalho, partiremos da definição de representação social como sendo “o conjunto de **pensamentos e sentimentos** expressos através do comportamento verbal de atores sociais, que constitui um objeto para um determinado grupo social” (Wagner et al., 1999, p. 96).

A teoria das representações sociais debruça-se sobre como novos fenómenos que se tornam objeto de debates, sentimentos fortes, conflitos e lutas ideológicas, alteram e são alterados pelo pensamento coletivo de uma sociedade (Höijer, 2010).

A conceptualização que interessa ao presente estudo baseia-se na ideia de as representações sociais serem descritas como a "elaboração coletiva de um objeto pela comunidade com o objetivo de se comportar e se comunicar" (Moscovici, 1963, cit. por Wagner et al., 1999, p. 96), que afeta as práticas (discursivas e não discursivas) sobre este objeto. Assim, as representações sociais, desenvolvem-se através da interação social, que vai desde a comunicação informal aos meios de comunicação social (Buijs, 2009, cit. por Fisher et al., 2012).

Analisar a interação social é fundamental para a compreensão de como se mantêm e alteram as representações sociais (Mouro & Castro, 2012). Um exemplo disso é o estudo de Wibeck (2012) sobre o papel da interação na formação e manutenção das representações sociais sobre as mudanças climáticas. Neste, quando um participante afirma que as alterações climáticas poderão ter consequências positivas para a Suécia, que normalmente é um país frio, observou-se que imediatamente os restantes participantes presentes na discussão contestaram esta ideia, dizendo que isso só traria consequências nefastas, como o derretimento dos calotes polares. Após estas declarações, o participante reformula a sua ideia e enfatiza que, se a Suécia se tornar mais quente, será um país atraente para os refugiados de áreas mais vulneráveis, o que ele vê como problemático (Wibeck, 2012). Verifica-se que, na interação com os outros, o participante rapidamente alterou a sua posição, sendo isso um exemplo da pressão do grupo para manter a representação social nos moldes normativos em que foi estabilizada (Mouro & Castro, 2012), isto é, apresentando as alterações climáticas como um evento com consequências negativas. No presente estudo, isso também será examinado.

No entanto, o estudo de Wibeck (2012) trata apenas das dimensões mais cognitivas e normativas das representações sociais, que consiste em crenças sobre o que existe e a valorização social dessas crenças (Fisher et al., 2012). O presente estudo pretende examinar se a aceitação ou resistência a alterações na representação das alterações climáticas pode ser entendida também através da dimensão emocional (Fisher et al., 2012), que será abordada através de perguntas diretas sobre o que é que os participantes sentem em relação a estes

assuntos e, especificamente, ao visualizarem notícias sobre este tema ilustradas com imagens agradáveis, que passam a mensagem de que há consequências positivas destas mudanças climáticas.

É consensual na literatura a ideia de que o conceito de emoções é muito polémico. Na atualidade, ainda não existe uma definição que seja unânime entre a generalidade dos investigadores (Ekman & Davidson, 1994, cit. por Cruz, Dias & Fonseca (2008). Ainda assim, pode dizer-se que as emoções devem ser vistas como produtos cognitivo-culturais relacionados com os valores e normas sociais de uma sociedade e que as cognições ou representações sociais de indivíduos e de objetos visuais e textuais carregam as emoções como parte inseparável delas (Höijer, 2010).

O estudo de Höijer (2010), que teve como principal objetivo demonstrar algumas estratégias comunicativas através das quais os média transformam o fenómeno científico abstrato das alterações climáticas em representações sociais ou no senso comum do dia-a-dia, refere que objetivar as alterações climáticas e ancorá-las emocionalmente em emoções como “medo”, “esperança”, “culpa”, “compaixão” e “nostalgia”, torna o fenómeno reconhecível e aparentemente compreensível. O conceito abstrato é transformado numa representação social que podemos comparar com outros fenómenos sociais atuais anexados a similares emoções como o terrorismo ou uma série de riscos ambientais. Assim, emocionalmente, as alterações climáticas têm sido representadas como algo a temer.

Esta descrição é consonante com os resultados dos estudos de Caillaud e colegas (2015) e de Fischer e colegas (2012), que mostraram que habitualmente as pessoas expressam emoções negativas quando falam sobre as alterações climáticas ou as debatem em grupo.

No estudo de Fisher e colaboradores (2012), respostas a entrevistas sobre este tema mostraram que são expressos certos tipos de emoção como a “preocupação”, a “confusão”, a “renúncia” e a “indiferença” mais vezes do que a “culpa” e a “vergonha”. O “orgulho” e a “satisfação” são mencionados nestes casos muito raramente.

Caillaud e colaboradores (2015) verificaram que as emoções positivas aparecem apenas em casos em que os participantes comparam o seu país a um país mais pobre, por exemplo, expressando algum contentamento por considerar “melhor” o sítio onde vivem e por haver lugares considerados mais poluidores e menos cuidadosos com o clima.

No presente estudo, espera-se encontrar uma atmosfera emocional negativa quando o debate em grupo se centra de forma geral sobre as alterações climáticas e o fenómeno das vagas de calor, corroborando a literatura anterior. Mas, o que acontece se a imagem que ilustra o texto sobre essa temática não traduz essa carga emocional negativa? Isto é, quando a

notícia é ambivalente naquilo que fornece ao leitor, como é que os participantes irão agir perante esse dilema?

Caillaud e colegas (2015) defendem que, nos resultados da sua investigação, o conhecimento social, as identidades sociais e a dinâmica de grupo mudam durante as discussões grupais e que é importante perceber como é que essas mudanças são acompanhadas por mudanças na atmosfera emocional. Neste estudo, pretende-se verificar se haverá alterações na representação social sobre vagas de calor depois da leitura e discussão das notícias que serão apresentadas aos participantes.

As autoras citadas cima (Caillaud et al., 2015) iniciam a apresentação do seu estudo afirmando que “uma das principais dificuldades para ultrapassar os problemas ambientais causados pelas atividades humanas é compreender o que motiva as pessoas a agir a favor do ambiente” (p. 1). O seu principal objetivo era decifrar os processos que sustentam as representações sociais de responsabilidade coletiva sobre problemas ambientais e ecológicos. Para isso, utilizaram a abordagem do grupo focal, que será também adotada no presente estudo.

Os resultados do estudo de Caillaud e colegas (2015) evidenciam a estratégia de “responsabilizar” o outro por vários acontecimentos que não são alheios ao próprio, mas que, para ele ou ela, estão longe do seu alcance de resolução. Isso poderá explicar o facto de as pessoas muitas vezes não agirem pró-ambientalmente, e descartarem a sua “obrigação” em fazê-lo, colocando a ênfase nas ações de outras entidades. Transpor dessa forma a responsabilidade para outros parece permitir que a emoção “medo”, e outras emoções igualmente negativas, sejam reduzidas (Joffe, & Lee, 2004, cit. por Caillaud e colegas, 2015). A este processo, os autores chamam *symbolic othering*. Além disso, as autoras ilustraram como diferentes emoções prevalecem ao longo do debate consoante a fase de *symbolic coping* em que os participantes se encontravam. Mais concretamente, durante a primeira fase das discussões, na resposta ao questionário geral, a atmosfera emocional era maioritariamente positiva. Contudo, o uso de emoções negativas aumentou consideravelmente quando o debate avançou para a segunda fase, em que os participantes teriam de comentar o impacto causado pela sua pegada ecológica. Estratégias como o uso do pronome “nós” (franceses) foram usadas para lidar com a responsabilidade e para diminuir a valência negativa das emoções. Na tarefa de comparação com outros países, os participantes voltaram a aumentar o uso de emoções positivas, sendo que a tarefa de comparação, com efeito da identidade social em grupo, teve um impacto positivo no estado emocional dos membros dos grupos (Caillaud et al., 2015).

No presente estudo, será abordada a maneira como os participantes expressam emoções positivas e negativas ao longo dos debates e de que forma isso se associa aos elementos já estabelecidos da representação sobre o estado atual do ambiente e sobre o problema mais específico das vagas de calor.

Fischer e colegas (2012) analisaram como é que os membros do público em geral, em contexto europeu, conceptualizavam as alterações climáticas em relação à produção e consumo de energia, subdividindo a representação social em três dimensões: cognitiva (o que é), normativa (o que deve ser) e afetiva (emocional). Mostraram haver por parte dos participantes (entrevistas qualitativas em cinco países europeus) uma desvalorização das alterações climáticas em geral, com base em afirmações que, por exemplo, apresentam a poluição como um problema bem maior do que as alterações climáticas, sendo que a “preocupação” de ter de ser feito algo já acerca da poluição se verificou ser mais prevalente. Também segundo Höijer (2010), as emoções mais tipicamente associadas às alterações climáticas são o “medo”, a “esperança”, a “culpa”, a “compaixão” e a “nostalgia”.

O presente estudo pretende encontrar semelhanças e desvios no que respeita às representações sociais presentes atualmente no contexto português e se existem também desvalorizações como as acima mencionadas.

Segundo os estudos já mencionados, é comumente expressa uma preocupação generalizada com as alterações climáticas e suas consequências, mas também é claro o desinteresse ou desinvestimento na atuação quanto a isso. Isso é associado ao facto de os indivíduos mostrarem rejeitar responsabilidade pessoal no que respeita às consequências emergentes desses problemas (Caillaud et al., 2015). Outra possibilidade passa por essas consequências serem algo muito distante, quer no tempo, quer no espaço, para os participantes (Fisher et al., 2012).

1.4. Relação entre o papel mediador da imprensa, as representações sociais e as emoções verificadas

Como já foi referido, a grande diferença entre o presente estudo e os estudos nos quais se baseia é o facto de os outros não estarem a estudar a resposta das pessoas, em interação, à introdução de um novo elemento numa representação social, e raramente terem incluído neste tipo de análise as emoções.

A imprensa introduz significados possíveis com ligação ou sem ligação às alterações climáticas. Através dela, verificam-se pistas para as emoções que devem ser associadas a um determinado fenómeno, como, por exemplo, o uso da linguagem catastrófica ou negativa. Este

estudo fornece a possibilidade de se verificar que emoções são expressas relativamente às diferentes fases dos debates, na discussão de temas gerais sobre o ambiente e após a visualização e leitura de notícias específicas sobre vagas de calor.

Pretende-se saber também se há consenso ou divergência na expressão de emoções antes e depois da análise das notícias, no sentido de se perceber se a representação por parte da imprensa sobre estes casos afeta a maneira como as pessoas dão significado e agem em relação aos dilemas ambientais, segundo aquilo que poderão sentir (raiva, medo, preocupação, impotência, por exemplo).

Neste estudo espera-se compreender melhor como são aceites ou resistidos novos elementos nas representações sociais sobre as vagas de calor depois da observação, por parte dos participantes, de duas notícias compostas por elementos ambivalentes: uma imagem positiva que acompanha um artigo escrito que descreve o estado do clima. A primeira parte do estudo averigua as representações sociais que os participantes têm acerca do ambiente na generalidade e das alterações climáticas e a segunda parte tem como objetivo verificar se essa representação se mantém como a literatura anterior tem referido. A identificação das emoções, estados de humor (ironia, riso) e estados emocionais é relevante para entender se a sua evolução corresponde a algum tipo de estratégia para lidar com os dilemas acima referidos.

O padrão emocional que é esperado nos resultados deste estudo passa por, na primeira fase, conteúdos e emoções negativas; na segunda fase, emoções positivas também, caso haja aceitação do novo elemento da representação, ou negativas e manifestações de desconforto (ironia e risos) no caso de haver resistência à proposta de alteração da representação social.

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

2.1. Participantes

Participaram no presente estudo trinta e nove participantes, estudantes do primeiro ano de licenciatura em Psicologia (n=27) e em Serviço Social (n=12), no ISCTE – IUL.

Estes alunos foram recrutados pelo Laboratório de Psicologia Social e das Organizações (LAPSO), localizado no ISCTE – IUL, e obtiveram créditos pela sua participação. Na página online do laboratório, na qual os estudantes se puderam inscrever, a denominação do estudo era “Interação social em contexto – conversas sobre temas da atualidade”. Cada participação corresponderia a um valor e meio da nota final de uma determinada cadeira do curso de cada aluno. Não houve qualquer fator específico de exclusão no recrutamento dos participantes. Cada sessão tinha um número limite máximo de oito pessoas.

Os oito grupos tiveram um mínimo de três participantes e um máximo de seis participantes. A média de idades dos participantes rondou os vinte anos ($M = 20.4$, $\sigma = 6.4$). Oitenta e dois por cento (82%) dos participantes pertencem ao sexo feminino.

Todos os trinta e nove estudantes mencionaram o seu país de origem e sítio de morada atual, o que permitiu saber que três deles são naturais de dois países africanos, nomeadamente Guiné Bissau (dois participantes) e São Tomé e Príncipe (um participante). Os restantes são portugueses. Isto é importante para depois se entender a razão pela qual existem diferentes perspetivas em relação aos problemas ambientais e quais os hábitos relativamente às práticas ambientais de cada um, verificando-se as diferenças no que toca à categorização social entre países e meios (campo vs. cidade) diferentes.

Tal como na investigação de Caillaud e colegas (2015), nenhum dos participantes deste estudo estava comprometido diretamente com associações pró-ambientais, ou com alguma atividade específica de proteção do ambiente. Em relação a este assunto, apenas foi mencionado o movimento escotista, no qual três participantes estiveram filiados quando eram mais jovens. Um participante estava inscrito numa associação ambiental americana (*Watch Worlds*), que não tem intervenção ativa.

2.2. Procedimento de recolha de dados

Para esta investigação, e à semelhança de Caillaud e colegas (2015), foi adotada uma metodologia específica para a recolha de dados a partir da discussão entre indivíduos: o grupo

focal, que permite ao investigador analisar a interação dos participantes sobre determinado tema em discussão.

Foram realizados oito grupos focais, com a duração média de cinquenta minutos cada, durante quatro dias (em cada dia houve duas sessões, com uma hora e meia de diferença entre elas) no mês de novembro de 2016. Cada grupo foi constituído por três a seis participantes, numa das salas do ISCTE-IUL previamente requisitada.

Os participantes foram convidados a entrar e a sentar-se à volta de uma mesa antecipadamente preparada para a sessão de debate. Sobre a mesa encontrava-se, em cada lugar, uma folha branca, uma caneta e uma fotocópia do consentimento informado, que continha a explicação do objetivo da sessão, das condições do estudo e da garantia de que os dados só serão divulgados em publicações científicas (anexo A). A folha do consentimento foi voltada ao contrário, em cima da mesa, para que os participantes só a lessem após uma breve introdução feita por parte da moderadora, que, neste caso, foi a autora deste trabalho. Essa introdução começou por um agradecimento à participação de cada um deles, prosseguindo-se uma breve apresentação do objetivo do estudo. Inicialmente, o objetivo da sessão foi mencionado muito vagamente, explicando-se que interessava conhecer as diferentes opiniões e perspetivas que as pessoas tinham sobre as questões ambientais e tudo o que isso envolve, na atualidade. Foi explicada também a máxima importância de que cada um desse a sua opinião pessoal sobre o tema a discutir, nas diversas fases da interação.

Na impossibilidade de tomar nota de toda a discussão, foi pedida a autorização aos participantes dos grupos para a gravação áudio de todos os depoimentos decorrentes da conversa, garantindo os termos de confidencialidade da mesma.

Depois dessas explicações breves, foi pedido aos participantes que lessem o consentimento e que o assinassem caso concordassem com as suas condições. De seguida, solicitou-se a inscrição do nome próprio de cada um/uma na folha branca deixada em cada lugar, e que esta fosse dobrada de modo a posicioná-la à sua frente, com o respetivo nome, para ser mais fácil a comunicação entre todos. Foi salientada a importância de cada um falar na sua vez, para evitar sobreposição de vozes na gravação, e de colaborar para que o debate fosse uma conversa e uma interação entre todos os presentes.

O início de cada sessão deu-se com a apresentação dos participantes, que consistiu em dizerem o nome, idade, o que estão a estudar e naturalidade/sítio onde moram atualmente. No fim da sessão, perguntou-se aos estudantes se tinham mais ideias para debater ou se queriam ainda colocar questões ou fazer alguma sugestão relativamente ao estudo.

2.3. O guião dos grupos focais

A abordagem do grupo focal consiste em estimular e orientar debates entre membros de um grupo. Um moderador guia a conversa, que deverá fluir naturalmente, embora sempre com um guião de estrutura (Morgan, 1996). Para a condução do debate, elaborou-se um guião de discussão dos grupos focais (Morgan, 1998), o qual continha dezassete questões (Anexo B), que formaram todas as perguntas-chave para a gestão eficaz da conversa. A ordem de colocação das perguntas do guião nem sempre foi mantida, pois dependia sempre do rumo da conversa, mas em todos os debates se abordaram os temas e tópicos previstos, respeitando o planeado no guião.

As interações ocorridas nos grupos focais permitem aos investigadores entender a forma como os indivíduos interagem entre si sobre questões que estão “em cima da mesa” e, principalmente, os significados que os mesmos dão a determinados acontecimentos.

Por isso, um guião de orientação de um grupo focal é fundamental para estabelecer equivalências e definir padrões entre os diversos grupos em discussão e ainda manter a conversa focalizada do princípio ao fim. Neste caso, a discussão foi dividida em duas grandes partes: o antes e o depois da exibição de duas notícias publicadas recentemente (em relação à data dos grupos focais, novembro de 2016) sobre o tema em questão - as vagas de calor. O Quadro 2.1. expõe os objetivos de cada fase delineada da sessão. A primeira parte corresponde à partilha de opiniões sobre o estado do ambiente e as alterações climáticas de um modo genérico (que vamos chamar depois, na análise, primeira e segunda fases do debate, respetivamente).

Quadro 2.1. *Estrutura Geral dos Grupos Focais e Objetivos de Cada Fase da Sessão*

Fases do grupo		
	focal	O que se pretende
1ª parte da sessão	1ª fase: Ambiente	<ul style="list-style-type: none"> - Debate geral sobre o que significa a proteção do ambiente e tudo o que ele envolve, incluindo práticas, conhecimentos e crenças individuais - Identificação de emoções e estados emocionais nesta fase - Perceber que representações sociais existem sobre a proteção do ambiente
	2ª fase: Alterações Climáticas	<ul style="list-style-type: none"> - Debate geral sobre o que significam as alterações climáticas e tudo o que está relacionado com elas, incluindo práticas, conhecimentos e crenças individuais - Identificação de emoções e estados emocionais nesta fase - Perceber que representações sociais existem sobre as alterações climáticas
2ª parte da sessão	3ª e 4ª fases: Visualização e comentário das duas notícias	<ul style="list-style-type: none"> - Analisar as respostas (aceitação vs. resistência) face à visualização de um elemento divergente ao que tem sido habitualmente verificado na literatura anterior (imagem positiva, agradável, em notícias sobre vagas de calor) - Identificação de emoções e estados emocionais nestas fases

A segunda parte da sessão (então terceira e quarta fases) trata-se da visualização da notícia e pequeno comentário geral, que vamos chamar primeira etapa da análise da notícia.

Depois da observação e comentário das primeiras impressões sobre o que viam, os participantes liam a notícia e faziam um comentário mais aprofundado (segunda etapa da análise da notícia). No comentário mais aprofundado, os participantes respondiam às perguntas que iam sendo colocadas novamente, sempre em interação uns com os outros. Concluído o comentário à primeira notícia, pedem-se os mesmos exercícios (primeira e segunda etapas) para a segunda notícia. No final, solicita-se uma breve comparação entre as duas publicações.

a. As notícias

Foram identificadas diversas notícias online, publicadas em jornais portugueses, que abordassem o tema das vagas de calor, que eram muito frequentemente publicadas na ocasião, principalmente durante os meses de maior calor. De entre as várias publicações online sobre estes fenómenos meteorológicos, foram escolhidas duas notícias de setembro e outubro, meses que correspondem ao fim do verão e à época em que, normalmente, não se registam temperaturas tão altas. As notícias escolhidas retratavam bem o assunto que se queria discutir. “Setembro foi o ano mais quente dos últimos 32 anos”, do Público, e “Subida da temperatura no planeta está a acelerar”, do Jornal de Notícias, foram as publicações selecionadas para o debate. Na versão apresentada aos participantes foi retirada a identificação do jornal, para evitar que o comentário fosse determinado por ou acabasse por se centrar sobre esse aspeto. A escolha passou meramente pelo facto de serem exemplos típicos das várias notícias encontradas durante esse período, em que o texto alertava para aspetos negativos das vagas de calor, mas a fotografia ilustrativa era invariavelmente de pessoas na praia a usufruir da extensão da época balnear (ver exemplo típico no anexo C).

A primeira notícia a ser exibida, “Setembro foi o ano mais quente dos últimos 32 anos” (anexo D), trata-se de um artigo que descreve os dados meteorológicos do mês de setembro de 2016, nomeadamente os graus celsius registados em vários pontos de Portugal continental. A imagem que acompanha o texto é uma fotografia de um jovem que salta para a água. A segunda notícia, “Subida da temperatura no planeta está a acelerar” (anexo E), fala também dos graus de temperatura que se fazem sentir no planeta, mas com fundamentações científicas, proferidas por climatologistas. O texto aborda ainda algumas consequências do aquecimento global e as metas a atingir por algumas cimeiras bem conhecidas como o Acordo de Paris. A imagem que ilustra o artigo é a fotografia de uma praia repleta de banhistas. Em nenhum dos textos é feita uma alusão direta ao conteúdo da fotografia.

2.4. A grelha de análise

O método de análise de dados utilizado foi a análise de conteúdo (Bauer, 2002). Para tal, foi construída uma grelha de análise (anexo F) que auxiliasse a organização e análise de todos os dados retirados das conversas de grupo. Para isso, foram definidas nove categorias. Algumas destas categorias foram adotadas do estudo de Caillaud e colaboradores (2015): os *estados emocionais*, que se dividem em emoções positivas e negativas, o *uso da ironia e do riso*, a *categorização social* e a *fonte de conhecimento* geral acerca do assunto do ambiente e alterações climáticas. Isso permitiu fazer algumas comparações entre os dois estudos. Outras categorias foram criadas a partir dos dados, com base nos objetivos da presente investigação: as *práticas individuais e institucionais* de proteção ambiental mencionadas, a *avaliação da imprensa*, a *posição* e as *crenças individuais* em relação a determinado ponto a ser discutido.

Com base em Duarte, Mouro e Neves (2010), este estudo utilizou a abordagem de construção de um dicionário das categorias utilizadas para a análise, fazendo a ligação entre o nome da categoria e a que é que ela se refere, com a ilustração de exemplos de frases proferidas pelos participantes (ver anexo G). Cada uma destas categorias foi “preenchida” com o que era dito em cada uma das fases da sessão correspondente a cada um dos oito grupos, ou seja, contém em si todas as interações dos participantes (anexo H). A unidade de registo da análise de conteúdo foi, portanto, a frase ou expressão com sentido, e a inserção nas categorias era efetuada de forma mutuamente exclusiva, isto é, cada frase/expressão só foi contabilizada para uma das categorias (Bauer, 2002).

Relativamente às categorias emergentes dos dados, as relativas às práticas individuais e institucionais, este estudo procurou fazer o levantamento do que cada participante fazia diariamente sobre a manutenção do estado do ambiente à sua volta, o que pensava sobre isso e o que lhe parecia que as autarquias, governo, líderes mundiais, organizações ambientais e instituições de ensino faziam para que houvesse uma melhoria da qualidade ambiental na sociedade.

A categoria avaliação da imprensa resultou de se ter verificado, no presente estudo, que os participantes comentavam espontaneamente, mesmo antes da apresentação das duas notícias, o que achavam da imprensa, ao longo de toda a sessão.

As crenças e opiniões pessoais de cada um (nona categoria inscrita na grelha para a análise posterior) são pertinentes para esta investigação, assim como a posição dos indivíduos relativamente aos assuntos a ser discutidos. Caso existam diferenças muito acentuadas de opinião, interessa saber como é que os indivíduos lidam com isso em grupo focal.

CAPÍTULO III - RESULTADOS

Os dados desta pesquisa resultam das transcrições dos oito grupos focais realizados. Depois de estarem realizadas todas as sessões, procedeu-se à transcrição integral de todas as interações, identificando devidamente cada grupo e cada participante. No tratamento dos dados, os participantes foram identificados segundo a sua ordem de participação e segundo o número do seu grupo. Por exemplo, o quarto participante a falar pela primeira vez na primeira discussão, seria o participante número quatro, do Grupo 1, ou seja, P4/1. Ao longo deste estudo, será desta forma que os participantes serão mencionados.

Assim como no estudo de Caillaud e colegas (2015), verificou-se que as sessões realizadas para a extração de dados para análise neste estudo foram marcadas por ausência de debate/dissensões entre os participantes, no sentido em que não foram expressas ideias opostas entre os participantes que pudessem levantar questões de maior discussão e argumentação.

Os resultados deste estudo serão maioritariamente descritos por percentagens, mas, relativamente aos quadros que acompanham o texto, o cálculo percentual não foi efetuado para que se tenha maior noção das diferenças exatas entre as codificações.

O Quadro 3.1. mostra o número de codificações para todos os oito grupos focais, ao longo das quatro fases de discussão e em relação a todas as categorias.

Quadro 3.1. *Número de Codificações Gerais em Todas as Fases e Categorias*

Fases de discussão / Geral dos grupos	Ambiente	Alterações Climáticas	Exibição da primeira Notícia		Exibição da Segunda Notícia		TOTAL
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura	
Emoções positivas	2	2	3	0	0	1	8
Emoções negativas	11	75	13	10	2	22	133
Uso da ironia	1	9	9	5	6	3	33
Práticas individuais	25	34	0	0	0	6	65
Práticas institucionais	12	26	0	0	0	21	59
Categorização social	25	38	3	3	0	7	76
Fonte de conhecimento geral	2	51	0	2	0	10	65
Avaliação da							

imprensa	3	34	20	32	23	66	178
Posição/Crenças	33	42	6	4	0	8	93
TOTAL	114	311	54	56	31	144	710

3.1. Emoções

Este estudo, exploratório, recorre à análise de conteúdo das interações entre os participantes dos oito grupos que fazem parte dele. Para isso, e à semelhança da investigação de Caillaud e colegas (2015), fez-se a codificação de palavras e expressões relativas a emoções e estados emocionais positivos e negativos.

A presença e o uso da ironia durante as discussões também serão analisados. Será feita também a comparação no uso das emoções entre as três fases do grupo focal (comentário sobre ambiente, comentário sobre alterações climáticas e discussão das duas notícias).

É relevante para as conclusões do estudo analisar a comparação entre os vários grupos relativamente à demonstração de emoções e estados emocionais, mas também ao que respeita a comentários específicos nas diversas fases das sessões, para se perceber se existem padrões e identificar eventuais casos divergentes que são suscetíveis de atenção.

No que toca à contabilização das emoções, foi efetuada uma contabilização geral, ou seja, da sessão completa e não só de quando se pergunta aos participantes especificamente o que estão a sentir, e a contabilização por cada grupo, fazendo a comparação entre grupos, e a comparação dentro deles (por cada categoria e fase de discussão). Em todas as contabilizações, há sempre a separação entre emoções positivas e emoções negativas.

3.1.1. Uso das emoções nas sessões: perspetiva geral

Uma das contabilizações mais significativas e que merecem especial atenção é a das emoções, para que se saiba se o que prevalece são as emoções negativas ou as positivas ao longo das interações entre os participantes dos grupos focais. Também é importante, como já se referiu anteriormente e à semelhança de Caillaud e colaboradores (2015), averiguar qual a evolução das emoções (a nível negativo e positivo) à medida que se passa de fase para fase da sessão. O número de emoções em cada fase também será tido em conta para as conclusões deste estudo.

Relembrando novamente, as fases de cada sessão são a discussão geral sobre o ambiente, a discussão geral sobre as alterações climáticas e a leitura e comentário da primeira e da segunda notícias.

Nestas quatro fases, as emoções foram demonstradas depois de se fazer perguntas diretas sobre isso, mas também quando, ao longo das conversas, os membros dos grupos referiram o que sentiam sem se ter perguntado, ou seja, espontaneamente.

Na totalidade, contabilizando as emoções (positivas e negativas) de todas as fases (ambiente, alterações climáticas, exibição e comentário das duas notícias), verifica-se uma maior percentagem na demonstração das emoções negativas (94.3%) em relação à demonstração das emoções positivas (5.7%). As emoções negativas aparecem em maior quantidade (75 vezes) quando os grupos estão a discutir o tema das alterações climáticas (Quadro 3.1).

Apenas metade dos grupos focais se manifestaram em relação a emoções positivas nestas três fases da sessão e as emoções não foram bem especificadas pelos membros que as referiram, tendo, em algumas delas, usado palavras e/ou expressões que incitam às mesmas, como “o ambiente é tudo de bom” (como “alegria”) (P6/2); “é gratificante ajudar” (como “satisfação”) (P38/8). Como se constata, estas emoções não estão diretamente associadas aos dilemas ambientais ou às consequências das alterações climáticas. Das emoções positivas verbalizadas, que foram apenas identificadas oito, nenhuma se repetiu em nenhum dos grupos e até mesmo na generalidade dos mesmos, ou seja, cada emoção positiva apareceu apenas uma vez. Quanto às emoções negativas, a maior parte foi repetida várias vezes dentro de cada grupo e entre os vários grupos.

O Quadro 3.2. revela, por ordem de frequência, a quantidade de vezes em que cada emoção negativa surgiu ao longo de todas as oito sessões. É evidente a prevalência de emoções e estados emocionais negativos na segunda fase das sessões, aquando da discussão sobre as alterações climáticas. A fase em que menos houve demonstração de emoções negativas foi a primeira, sobre o ambiente no geral.

Quadro 3.2. *Número de Emoções Negativas Codificadas em Cada Fase de Discussão*

Fases de discussão / Sub-categorias de emoções	Ambiente (1ª fase)	Alterações Climáticas (2ª fase)	Exibição das Notícias	TOTAL
1. “Preocupação”	4	21	10	35
2. “Medo”	1	14	10	25
3. Estados emocionais negativos gerais	2	7	9	18
4. “Impotência”	0	10	7	17
5. “Zanga”	1	7	9	17
6. “Tristeza”	2	6	0	8
7. “Frustração”	0	5	2	7
8. “Pena”	1	3	0	4
9. “Culpa”	0	2	0	2
TOTAL	11	75	47	133

À semelhança de Fisher e colegas (2012), cada emoção negativa foi colocada numa determinada categoria por uma questão de melhor organização na posterior análise. Por exemplo, “revolta” e “raiva” pertencerá neste estudo à categoria da “zanga”. “Apreensivo” pertencerá à categoria do “medo”. Assim sendo, existem nove sub-categorias de emoções (a maior parte composta por uma emoção apenas).

A “preocupação” (sub-categoria 1), à semelhança de estudos anteriores (Caillaud et al., 2015; Fisher et al., 2012), é também a emoção negativa que prevalece neste estudo, dentro dos grupos e entre os grupos. Corresponde a 26.3% da totalidade das emoções negativas

referidas pelos participantes ao longo de todas as discussões. Esta emoção surge de forma muito espontânea, e sem justificações para a sua existência. Os participantes referem-se a ela dizendo, por exemplo, que o ambiente “é de facto uma preocupação” (P5/1); que a situação ambiental “é preocupante” (P1/1); “é muito preocupante” (P6/2) e, na maior parte das vezes ela surge quando está a ser discutido o estado do planeta e as condições em que os seres humanos terão de viver se as ações (numa escala maior) continuarem a ser as mesmas.

Neste estudo, também se verifica que, nos grupos em que a “preocupação” é mais vezes mencionada, as referências à “impotência” também são em maior número, à semelhança do verificado por Fisher e colegas (2012). Os participantes referem-se a este tipo de estado emocional dizendo “é impossível não sentir um pouco de impotência” (P2/1); “é um sentimento de impotência, de perceber ‘o que é que eu vou fazer?’” (P4/1); “sinto que, por mais que me mexa enquanto indivíduo, não tenho poder, não tenho controlo, sinto impotência” (P15/4). A “impotência” (sub-categoria 4) representou 12.8% das emoções negativas. Verificou-se ainda que este estado emocional surge em apenas duas fases dos grupos focais, na discussão sobre as alterações climáticas (fase 2) e na exibição das notícias (fases 3 e 4), sendo que é prevalente durante a fase de discussão sobre as alterações climáticas, em 58.8%. Durante o comentário sobre as notícias, a “impotência” verifica-se em afirmações como “não se consegue atingir os objetivos que eram esperados (citando a notícia), provavelmente só em 2030, portanto, é uma sensação de bastante impotência” (P4/1). A associação entre estas duas emoções sugere que os indivíduos mais preocupados com o ambiente são o que mais sentem impotência por quererem fazer por melhorar e não terem controlo sobre isso, até porque o único grupo (3) que não fez nenhuma referência à “preocupação”, não fez também à “impotência”.

O “alarmismo”, “medo”, “susto”, “apreensão” (sub-categoria 2, denominada “medo”) corresponde a 18.8% das emoções negativas. Os participantes referem-se ao “medo” e aos estados emocionais mais associados a ele em contextos da conversa sobre aquilo que não conseguem considerar “normal”, ou que acham “estranho” acontecer. O “medo” surge, assim, em ocasiões em que os participantes demonstram falta de certezas sobre aquilo que acontece ou poderá acontecer, justificando sempre que, a continuar assim, será mau.

A quarta sub-categoria de emoções diz respeito aos “estados emocionais negativos gerais”, que é a maior por conter emoções mais vagas, corresponde à “estranheza”, ao “desespero”, ao que é “negativo”, ao “desrespeito”, ao “ser mau” (o estado ambiental, climático, jornalístico), à “angústia”, à “surpresa”, ao “desânimo”, ao “ser incómodo” (estado do clima), à “hipocrisia”, à “indiferença”, à “impressão”, isto é, àquilo que a conversa ia

causando nos participantes de uma maneira mais geral e negativa. Estas emoções ou estados emocionais têm a percentagem de 13.5%.

A “revolta”, “raiva”, “ódio”, “irritabilidade” e a “zanga” são a quinta sub-categoria (denominada “zanga”), que ocupa 12.8% das demonstrações negativas. A “zanga” surge em contextos em que os participantes se insurgem contra determinadas medidas governamentais ou atitudes institucionais que, para eles, não são consideradas benéficas (“sinto um pouco de revolta em relação aos governos” - P2/1) ou, maioritariamente, quando o assunto que está a ser falado é a maneira como os média expõem este tipo de temáticas: “se calhar dá-me um bocadinho mais de raiva até pela imagem que eles põem como se fosse verão e é completamente normal” (P12/3); “quando vejo os média a falar disso também me vejo irritado” (P15/4).

A “tristeza” (sub-categoria 6) atingiu 6.0% das emoções negativas, surgindo quando os participantes se referiam à ineficácia global dos líderes governamentais em relação ao estado do planeta (“eu sinto-me triste pelo facto de os líderes mundiais fazerem pouco” – P8/2) e à falta de sensibilização existente nas grandes cidades, como Lisboa, para a proteção ambiental (“é triste, é triste ver que uma cidade tão grande, que podia estar mais sensibilizada para ter mais cuidado, não está” – P38/8)

Três grupos referiram a “frustração” (5.3%), correspondente à sétima sub-categoria, como sendo uma das emoções negativas que lhes ocorre ao discutir estes assuntos. A “frustração” aparece como consequência da impotência: “mesmo que eu quisesse não podia e isso gera frustração. Sentir que não tenho controlo sobre algo vai inevitavelmente afetar-me” (P15/4); “ficamos sempre frustrados e zangados porque sentimos que não podemos fazer nada” (P22/5).

A oitava sub-categoria corresponde à “pena”, que obteve 3.0% de referências ao longo das oito sessões. Os participantes mencionavam a “pena” em contextos como “a comunicação que há é sobre o senso comum, e isso dá pena” (P22/5); “isso é uma pena” (forma como o ambiente virou negócio global) (P2/1) e “é pena não utilizarem alternativas de energia” (P3/1). A “pena” surge quando o assunto que é falado é direcionado para aquilo que deveria ser feito e não está a ser.

A “culpa” (sub-categoria 9) atingiu apenas 1.5%, sendo que só um dos oito grupos a mencionou (Grupo 2), apesar de o participante em causa ter rapidamente abrangido essa emoção a toda a coletividade (“culpa geral, não é? Não sou só eu” – P7/2).

Há uma diferença entre este estudo e os anteriores relativamente ao aparecimento da emoção negativa “vergonha”, que no presente estudo não foi expressa em nenhuma das sessões.

Quando os grupos eram chamados a demonstrar o tipo de emoções que estavam a sentir em determinada etapa, a interação nem sempre existiu, os participantes não se pronunciavam, e algumas das respostas não eram totalmente claras e diretas. Assim, muitas das vezes, teve que se insistir muito na palavra “sentir” porque, para o grupo, não era clara a perceção de que aquilo que se queria era saber quais e quantas emoções é que se poderiam retirar daquela determinada fase da discussão. Portanto, a maior parte das vezes em que não existiam emoções expressas deve-se a não respostas por parte do grupo em relação à pergunta “o que sentem...?”, várias vezes feita (ver guião no anexo B), devido ao facto de continuarem um assunto que estava pendente e que para os participantes era importante continuar, ou porque, deduz-se pelas interjeições e expressões faciais, já não haveria mais nada a dizer quanto àquilo que sentiam, e para os membros do grupo não fazia sentido repetir as mesmas emoções nas diversas fases.

3.1.2. Primeira parte do debate: discussão sobre ambiente e alterações climáticas

A primeira parte do debate, como já foi referido, resume-se à discussão dentro dos grupos sobre as ideias que têm, na generalidade, sobre o ambiente e tudo o que ele envolve, assim como o que é que as alterações climáticas trazem ao pensamento dos participantes, para além daquilo que lhes fazem sentir.

Relativamente à contabilização das emoções negativas e positivas, são as negativas que fortemente prevalecem nestas duas fases, com a percentagem de 95.6% em comparação com a de 4.4% das emoções positivas. Dentro das emoções positivas, a diferença entre a discussão sobre o ambiente e a discussão sobre as alterações climáticas é nula, sendo que cada uma das fases obteve duas emoções atribuídas pelos membros da totalidade dos grupos. O Grupo 2 e o Grupo 8 foram os únicos que se manifestaram em relação ao ambiente com emoções positivas, dizendo que “o ambiente é tudo de bom” (alegria) (P6/2) e que “é gratificante ajudar” (satisfação) (P38/8). O Grupo 4 foi o único que expôs a demonstração de uma emoção positiva, sendo que “adrenalina” foi o nome dado àquilo que se pode sentir quando o ser humano se prepara para combater uma ameaça, neste caso, referindo-se ao combate a um incêndio (P15/4). Os restantes grupos não se manifestaram com emoções

positivas relativamente ao ambiente e o seu estado, e não o fizeram em relação ao tema das alterações climáticas.

No que diz respeito à manifestação de emoções negativas nestas duas fases, foi quando se falou das alterações climáticas que os grupos no geral expuseram em maior quantidade as emoções. Comparando por percentagem as duas fases, ambiente e alterações climáticas, é na segunda que se verifica o valor bastante elevado de 87.4% de emoções para 12.6% de emoções em relação ao ambiente. Portanto, existe maior carga negativa quando os participantes falam sobre as alterações climáticas.

3.1.3. Segunda parte do debate: observação, leitura e comentário das notícias

Durante a visualização das duas notícias, antes da leitura e depois da leitura, foram proferidas 92.3% de emoções negativas, em comparação com 7.7% de emoções positivas demonstradas durante a discussão das notícias. Apenas dois grupos referiram essas emoções positivas (Grupo 1 e Grupo 4 – “a imagem transmite logo uma ideia feliz, uma ideia de ambiente positivo” – P2/1; “alguma esperança” – P15/4), sendo que 75.0% delas se referiram à primeira notícia e 25.0% se referiram à segunda.

Durante o comentário à primeira notícia, as emoções negativas corresponderam a 47.9% enquanto a segunda notícia obteve 52.1% das emoções negativas.

Concluindo, as emoções negativas continuam a prevalecer na terceira fase das sessões, embora a quantidade de demonstrações tenha decrescido significativamente em relação à discussão sobre o tema das alterações climáticas. A emoção que é verificada mais vezes nesta fase é a da “zanga”. Os participantes sentem-se mais “irritados” quando são confrontados com notícias que, para eles, não estão a retratar a realidade e a transmitir a mensagem que deveriam transmitir.

3.1.3.1 Comparação antes e depois da leitura da primeira notícia – emoções negativas e emoções positivas

Fazendo uma separação entre a primeira e segunda etapas (antes da leitura e depois da leitura) da demonstração da primeira notícia, verifica-se que, antes da leitura, ou seja, apenas através da observação da imagem ilustrativa do texto jornalístico e do título, as emoções negativas surgiram em maior quantidade do que depois da leitura, embora a diferença seja pouca (56.5% antes da leitura e 43.5% depois da leitura da primeira notícia).

Relativamente às emoções positivas, estas praticamente não existiram depois da leitura da primeira notícia, e apenas um grupo revelou estados emocionais positivos (“ambiente agradável”; “ideia feliz”; “ambiente positivo” – P2/1), antes da leitura do texto, olhando para a imagem (Grupo 1).

3.1.3.2. Comparação antes e depois da leitura da segunda notícia – emoções negativas e emoções positivas

No que tange à segunda notícia, verifica-se uma grande diferença entre a primeira etapa e a segunda, onde há um grande aumento da demonstração de emoções negativas depois da leitura do texto. Antes da leitura, apenas dois grupos expressaram emoções negativas (Grupo 1 e Grupo 2), com 8.3%, e depois da leitura apenas dois grupos não demonstraram qualquer emoção negativa (Grupo 5 e Grupo 8). A segunda etapa obteve a percentagem de 91.7% das demonstrações de emoções negativas. Quanto às emoções positivas, foram quase nulas, sendo que na primeira etapa não existiram e na segunda etapa apenas o Grupo 4 demonstrou “esperança” (P15/4) em relação às assinaturas dos Acordos de Paris que vieram salientados na notícia.

É evidente a passagem de uma atmosfera emocional negativa antes da leitura da notícia para uma atmosfera emocional muito negativa depois da leitura da mesma. Isto quer dizer que a diferença entre aquilo que a imagem suscita nos participantes antes de lerem o artigo completo é abismal, e que é abismal também a diferença entre a mensagem que a fotografia passa aos leitores e aquilo que o texto revela.

3.1.3.3. Comparação entre as duas notícias – primeira etapa / emoções negativas e emoções positivas

Fazendo ainda uma comparação entre a primeira etapa (antes da leitura) da primeira notícia e a primeira etapa da segunda notícia, pode-se concluir que, relativamente às emoções negativas, a primeira notícia obteve mais percentagem de demonstrações (86.7% comparativamente a 13.3%, respetivamente).

Em relação às emoções positivas da primeira etapa das duas notícias, quase não existiam, sendo que são presentes apenas antes da leitura da primeira notícia, no Grupo 1, e antes da leitura da segunda notícia são nulas.

3.1.3.4. Comparação entre as duas notícias – segunda etapa / emoções negativas

Em relação à segunda etapa da demonstração das duas notícias (depois da leitura de ambas), as emoções negativas depois da leitura da segunda notícia prevalecem em relação às que foram expressas depois da leitura da primeira (68.75% depois da leitura da segunda notícia e 31.25% depois da leitura da primeira notícia). Depois da leitura da primeira notícia, não existem emoções positivas e depois da leitura da segunda notícia, apenas o Grupo 4 se referiu a uma.

3.1.4. Comparação entre a primeira e a segunda partes do debate – emoções negativas e emoções positivas

Na primeira parte do debate (tendo por referência a contabilização geral de todas as categorias e de todos os grupos) à qual corresponde a discussão sobre o estado do ambiente e as alterações climáticas no geral, focando ainda nas vagas de calor, verifica-se uma percentagem bastante distinta daquela que corresponde à segunda parte da discussão, ao comentário das duas notícias distribuídas. Esta diferença verifica-se essencialmente em relação à demonstração de emoções negativas, pois as positivas mantiveram-se no mesmo número da primeira parte da discussão para a segunda, e eram muito escassas (quatro emoções apenas em cada parte). Contabilizou-se então 73.7% de emoções negativas na primeira parte do debate e 26.3% de emoções negativas referidas na segunda parte do debate.

3.1.5. O uso da “ironia” e do “riso”

Ao longo de todas as sessões, os participantes recorriam à expressão do “riso”, ao mesmo tempo que exprimiam as suas ideias nas quatro fases. O Quadro 3.3. mostra a evolução do aparecimento do uso do “riso” ao longo das oito sessões.

Quadro 3.3. *Uso da Expressão do Riso ao Longo das Sessões*

Fases de discussão / Geral dos grupos	Ambiente	Alterações Climáticas	Exibição da primeira Notícia		Exibição da Segunda Notícia		TOTAL
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura	
Emoções positivas	0	1	0	0	0	0	1
Emoções negativas	0	13	1	1	1	0	16
Uso da ironia	1	0	4	2	2	2	11
Práticas individuais	0	5	1	2	0	1	9
Práticas institucionais	0	0	0	0	0	1	1
Categorização social	1	5	0	1	0	2	9
Fonte de conhecimento geral	0	3	0	1	0	0	4
Avaliação da							

imprensa	0	4	5	1	1	4	15
Posição/Crenças	2	4	0	0	0	0	6
TOTAL	4	35	11	8	4	10	72
Somatório das partes das sessões	39				33		
	(1ª parte)				(2ª parte)		

Através de uma contabilização das expressões em todos os grupos focais, nas quatro fases, verifica-se que o “riso” se manifesta maioritariamente durante a discussão das alterações climáticas (com 35 do total de 72 expressões) à semelhança do que acontece com a expressão de emoções negativas.

Na primeira fase, durante a discussão sobre o estado do ambiente, identificaram-se apenas quatro expressões do “riso”. Uma delas não passa despercebida entre as outras. Um dos participantes (P17/4) considera que a sociedade no geral está a mudar atitudes de modo positivo para com o problema das alterações climáticas: “Por acaso até acho que estamos a seguir um rumo melhor do que o do passado, já estamos a pensar em mais coisas para além de sermos melhores, de crescermos e disso tudo, já estamos a pensar mais no bem global, e no bem geral, em vez de só nosso próprio. Sim, e acho que é bom (risos).” (P17/4). A única interação em relação a esta declaração foi: “Talvez porque também já começamos a sofrer as consequências e começamos a aperceber-nos que é uma realidade, que não é só um conceito abstrato” (P16/4).

Na segunda fase das sessões, o “riso” era complementado com afirmações sobre tópicos gerais como: “a minha educação sobre este assunto (das alterações climáticas) não foi de todo na escola. Isso está fora de questão (risos)” – P3/1; “Aquelas notícias que dão na televisão que são sobre uns ventos de África que vêm, uma frente africana que veio e pronto...(risos). As notícias são dentro disso, não aprofundam nem explicam...” – P4/21; “É triste dar importância ao casal de famosos que se separou e não dar atenção a isto (risos). É triste” – P36/8).

Da primeira parte das sessões (primeira e segunda fases) para a segunda parte (terceira e quarta fases) as expressões do “riso” decresceram parcamente (de 39 para 33). Esta ligeira

diferença pode ser justificada com o tempo mais alongado que levou o comentário sobre as alterações climáticas na generalidade dos grupos, como já foi referido, em relação ao comentário e discussão das notícias. Entre o comentário sobre as duas notícias, houve uma pequena diferença (de 5 expressões do “riso”), tendo a primeira notícia obtido mais (19) do que a segunda (14). É de notar que, durante a discussão da primeira notícia, a expressão do “riso” aparece mais vezes antes da leitura (11) do que depois da leitura (8). Ao contrário, acontece em relação à segunda notícia, em que, antes da leitura aparece 4 vezes e depois da leitura aparece 10, mais do dobro.

Antes da leitura da primeira notícia, são exemplos os seguintes: “qualquer dia não há inverno (risos)” (P7/2); “Sinto a mesma coisa, frustração, impotência (risos)” (P22/5); “não me admira (risos)” (P27/6). Grande parte das expressões do riso nesta primeira etapa da primeira notícia acompanharam opiniões sobre a imagem que os participantes estavam a ver (“a imagem não é...é alegre (risos) – P14/4); “(risos) lá está, a falar de uma vaga de calor e a mostrar às pessoas...ou seja, estão a associar a uma coisa boa, à continuação de umas férias prolongadas, ou seja, o calor é bom, por isso...” – P35/8; “ah, mais tempo de sol, boa, vamos para a praia em vez de pensar que se calhar alguma coisa não está bem (risos)”. Depois de lerem a primeira notícia, os participantes usam a expressão do “riso” com afirmações como “a culpa é atribuída a um anticiclone (risos), não é aos humanos” (P38/8); “quem não está dentro do assunto não se assusta com isto (de as temperaturas serem mais baixas de noite e de dia serem mais elevadas, havendo um equilíbrio, como defende o artigo em questão) (P19/5), afirmação à qual o participante P21/5 responde: “pensa que é bom (risos)”. Em relação à segunda notícia, antes da sua leitura, os participantes riam-se ao ver a imagem: “praia (risos)” (P27/6); “o título diz que a subida de temperatura no planeta está a acelerar. Podiam pegar em tanta coisa só de a frase dizer “do planeta está a acelerar”, não, vão pôr uma praia. Tudo a ver (risos).” (P38/8). Novamente, o “riso” é expresso relativamente à imagem da notícia, antes de a ler. Depois da leitura (segunda etapa do comentário à segunda notícia), o “riso” foi expresso seis vezes mais do que antes da leitura e os comentários por ele acompanhados eram, por exemplo, “Esta notícia põe-nos mais a pensar naquilo que está a acontecer do que a outra, a outra, desculpem a expressão, mas é palha (risos)” (P38/8); “E os próprios governos não dão para incentivar aqui uma tentativa também de baixar os preços dos carros elétricos nos meios interiores, não funcionou...continuamos com pouquíssimos carros elétricos porque são caros, são muito caros (risos).” (P8/2).

Relativamente à diferença entre as categorias estudadas, verifica-se que o uso da expressão do “riso” se verifica em maior quantidade associado às emoções negativas (16), ao uso da ironia (11) e à avaliação da imprensa (15).

Verificou-se que, por vezes, os participantes se “desculpavam” do facto de não pensarem muitas vezes sobre o assunto das alterações climáticas, sem serem confrontados, através do uso do “riso”: “diariamente não penso (risos)” (P7/2); “penso zero (risos)...” (P28/6). Isto pode querer indicar um desvio ao constrangimento sentido quando assumem que não pensam muito sobre o assunto. Na categorização social, verifica-se também o uso da expressão do “riso” para suavizar o facto de em Angola não reciclar o lixo (“em países em desenvolvimento não se faz reciclagem (risos) – P13/3).

Quanto à ironia, como noutros estudos anteriores se verificou (Caillaud et al., 2015), o seu uso neste estudo indica também uma estratégia adquirida pelos participantes quando comentam estes assuntos (Quadro 3.1), de escapar ao constrangimento que o momento lhes está a fazer sentir.

Neste estudo, verifica-se uma evolução bastante acentuada do uso da “ironia” da primeira fase (ambiente: “Se continuar assim acho que não vamos a grandes sítios porque o dinheiro vai continuar a estar lá em cima, apesar das preocupações todas (risos).” - P3/1) para a segunda fase (alterações climáticas: “Ah, está calor, vamos para a praia! Em vez de está calor, não devia. Se calhar devíamos fazer alguma coisa para mudar, não, é sempre levar uma coisa que é negativa para o lado positivo.” - P37/8). Também é evidente a evolução da fase de discussão das alterações climáticas para os dois momentos de exibição das notícias, sendo que a “ironia” foi usada em maior quantidade durante o comentário à primeira notícia (14 vezes) em relação ao comentário à segunda notícia (9 vezes). Durante a primeira etapa do comentário à primeira notícia verificam-se alguns exemplos de afirmações por parte dos participantes que dão a entender que os mesmos brincam com o facto de estar uma imagem tão positiva associada à notícia: “quase que podes fazer a festa na piscina” (festa de aniversário em novembro) (P31/7); “até dá esperança” (a imagem positiva) (P17/4); “incrível, que todos os meses de setembro sejam assim, porque eu quero é que, por mim, se não houvesse inverno, estava tudo bem” (P4/1).

Em relação à segunda notícia, sucede o mesmo: “a imagem é tipo uma atenuante... põem um título agressivo e depois uma atenuante, que aquela imagem para as pessoas não entrem logo em drama (risos)” (P4/1); “Mas não (põem imagens do degelo), é uma praia. Porque é muito bom a temperatura estar a acelerar” (P38/8).

O uso da “ironia” e da expressão do “riso” é mais prevalente no comentário às imagens que acompanham cada um dos artigos mostrados aos participantes. Isto pode ser explicado com a ideia de que há mais cautela por parte dos participantes em avançar com comentários em relação à alteração (em relação à literatura existente até então sobre este assunto) que é a introdução de um elemento positivo (imagem) nas notícias que cobrem o tema. Socialmente, não é aceite mostrar uma emoção positiva relativamente a este assunto, então recorre-se ao “riso” e à “brincadeira” novamente.

No geral, verifica-se, à semelhança de estudos anteriores, nomeadamente aos estudos de Caillaud e colaboradores (2015) e Fisher e colaboradores (2012), uma tendência por parte dos participantes para o uso da “ironia”, do “riso” e da “brincadeira” no sentido de ultrapassar algo com que ainda não sabem lidar. Neste caso, trata-se do facto de, durante a exibição das notícias, serem inculcadas menos emoções negativas através das imagens que transmitem. Isto quer dizer que já começam a ser verificadas alterações nas representações sociais que os média constroem sobre o assunto das alterações climáticas e as vagas de calor. As emoções negativas decresceram da primeira e segunda fases das sessões para a terceira fase e quarta fases, quando se comentavam as notícias.

3.2. As quatro fases do debate

3.2.1. Discussão sobre o tema ambiente (primeira fase do debate)

Dentro da discussão geral, dedicaram-se alguns minutos à conversa sobre o ambiente na sua generalidade, para saber o que é que este conceito significava para cada um dos participantes, o que achavam dele, o que pensavam que poderia ser feito por ele, mas, acima de tudo, para introduzir o tema que viria a ser discutido posteriormente. Nessa parte do debate, podemos verificar que alguns tópicos sobressaíram transversalmente a todos os grupos. De uma forma simples, podemos mencioná-los como: capitalismo (o levar o lucro sempre à frente de todas as outras coisas, neste caso à frente do bem-estar ambiental); soluções que a sociedade poderia adotar; a prática da reciclagem; a integração ou não de alguma associação ou iniciativa a favor do ambiente; a escassez de recursos (exploração ambiental); a verificação de um período atual ascendente em relação ao ambiente a nível comportamental por parte das populações, ou de um período atual degradante; a falta de informação; a frequência com que se pensa nestas situações no dia-a-dia; a falta de preocupação por parte das populações no geral; a não existência de um delineamento atual em relação às quatro estações; a falta de se pôr em prática muitas das teorias e regras em vigor atualmente e o facto

de tudo ser ou não considerado um “mito”. Foram estas as ideias gerais que se retiraram da primeira fase de todos os oito debates, ou seja, enquanto o tema “ambiente” era discutido.

Quando o assunto era o “lucro” que as empresas e as grandes entidades adquirem através da exploração ambiental, que neste caso chamamos capitalismo, os participantes usaram várias vezes a ironia juntamente: “assim não vamos a grandes sítios porque o dinheiro vai continuar a estar lá em cima apesar das preocupações todas (risos)” (P3/1). Os participantes referiam-se a ele quando falavam de atitudes institucionais, maioritariamente: “as energias renováveis e todo o lobby da poluição é tudo visto como um negócio e, se calhar, as coisas não são tratadas como deviam, para preservar o planeta, mas sim da maneira que dá mais lucro ao governo ou a certas instituições e organizações” (P2/1).

Sete dos grupos focais confessaram achar que estava a haver uma melhoria no que toca ao respeito pelo ambiente, que é justificado com o aumento de informação disponível atualmente (“acho que houve uma melhoria, talvez dada a quantidade de informação que nós recebemos (...) atirar lixo para o chão, mesmo que seja uma coisa insignificante, mas se calhar ficamos a pensar mais do que aquilo que ficavam antigamente a pensar e se calhar tentamos mudar esse comportamento ou tentamos que as pessoas à nossa volta mudem o comportamento dada a informação” - P19/5). Noutros casos, afirmou-se que, em anos anteriores, as condições eram mais degradantes e que se está a verificar um período ascendente relativamente às alternativas que podem ser utilizadas (“acho que, neste momento, estamos num período que eu considero ascendente, com a introdução de novas tecnologias (solar e eólica)” – P2/1).

Um caso considerado divergente foi o comentário de um dos participantes (P15/4) sobre os benefícios diretos que o aquecimento global oferece à natureza, salientando que os meios de comunicação social escondem essa situação: “é um tema de relevância para todos nós, o ambiente enquanto natureza...o subtópico que me vem mais à cabeça é o aquecimento global, que se tem vindo a manifestar nos últimos anos, e que tem consequências nefastas, no entanto também tem consequências positivas, nomeadamente, se há mais dióxido de carbono e consequentemente aquecimento global, tendo em conta que o dióxido de carbono é utilizado pelas plantas, também temos verificado fenómenos de crescimento de áreas verdes superiores aos anos onde há dióxido de carbono mais baixo, portanto também tem consequências positivas que os média geralmente não apresentam”. Durante a exposição desta ideia, o restante grupo não se manifestou, nem contra, nem a favor. Não houve, portanto, debate sobre esta ideia que é considerada incomum perante todas as restantes interações. Podemos afirmar

então que o facto de a sessão acontecer em contexto grupal não afetou a opinião deste participante.

Quanto à frequência com que os participantes falavam, discutiam ou pensavam nestas questões, os resultados demonstram que, na parte ambiental, são mais os indivíduos (cinco) que não pensam muitas vezes do que aqueles que pensam bastantes vezes (dois). Os que afirmaram não pensar muito no assunto disseram que, normalmente, só o fazem quando são confrontados com a situação (“eu não penso assim todos os dias, mas quando me deparo com uma situação levo-me a pensar” – P1/1; “eu acho que penso quando sou confrontada com algum tema” – P10/3).

Os participantes, nomeadamente os que não são de naturalidade portuguesa, revelaram uma atitude mais positiva em relação a Portugal e ao ambiente português do que em relação aos seus países de origem, em África (Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe). Também era consensual (sempre que surgia) a ideia de que os países do Norte são mais desenvolvidos e preocupados nestas matérias do que os países do Sul. Ainda quanto à categorização social, os membros dos grupos referiram várias vezes que, na cidade, as pessoas têm mais conhecimento, mas não são tão preocupadas com as questões do clima, que é importante para quem trabalha no campo, embora esta parte da população não conheça tão bem a realidade da exploração e da não preservação ambiental como acontece a quem vive nas cidades. Em relação às diferenças de ideias entre a geração mais jovem e a mais velha, verificou-se que não existiram quase nenhuma declarações nesta parte da discussão e que, no geral, o que se falou foi que a geração mais nova tem mais conhecimento porque teve e tem mais acesso à informação do que a mais velha e menos sensibilizada.

Uma ideia a salvar ainda é a de que alguns participantes afirmaram que “as pessoas não fazem porque acham que outros vão fazer”. À semelhança do estudo de Caillaud e colaboradores (2015), os participantes deste estudo também revelam que há um interesse geral em transferir a responsabilidade que podem ter relativamente aos seus comportamentos para as outras pessoas, justificando a falta de ação com a falta de ação dos outros (processo de “othering”).

3.2.2. Discussão sobre o tema alterações climáticas (segunda parte do debate)

Relativamente aos resultados da segunda fase do debate (comentário sobre as alterações climáticas), pode dizer-se que os participantes despenderam mais tempo nesta parte

da discussão do que na primeira. Este facto não se deve a uma escolha por parte do estudo a decorrer, mas ao desenrolar das conversas, que naturalmente se prolongavam mais nesta fase.

Foram vários os participantes que referiram também a alternância excessiva de temperatura, dizendo que “hoje está muito calor, amanhã está muito frio” e “o frio está cada vez mais frio e o calor está cada vez mais quente”. Ainda dentro destas considerações espontâneas por parte dos participantes, verificou-se o facto de os indivíduos referirem a atitude passiva com que as pessoas no geral atuam perante estes problemas sociais e a desvalorização com que são considerados. Um exemplo disso: “as pessoas também acabam por desvalorizar os problemas, acabam por dizer ‘ah, isso não é tão importante assim’, e acaba por ser, só que as pessoas às vezes também não se preocupam” (P35/8). Neste contexto da desvalorização, houve a confissão de um dos participantes (P28/6) de não se importar muito com o assunto (“eu penso nisso, tenho muita pena, não é? Mas a vida anda para a frente, nós temos trabalho, nós temos família, nós temos casa, nós temos contas para pagar, se tiver ali cinco minutos do dia para pensar sobre isso, se calhar vou é descansar do que ficar a pensar sobre isso e a ficar triste sobre isso; “eu sei que depois podem responder-me: ‘mas se não começares tu, com esse pensamento ninguém vai começar’, mas também quem sou eu, não é?” - P28/6). Este é um exemplo de uma opinião divergente daquilo que é considerado o padrão de comentários do total das oito sessões continuou intacta pelo facto de os restantes participantes do grupo em questão não se manifestarem nem contra, nem a favor dela.

Há outra questão importante que foi debatida sem qualquer referência por parte da moderadora: o facto de cinco dos participantes exporem a ideia de que as pessoas muitas vezes não agem individualmente porque sabem ou pensam que existem outros milhões que não o fazem e que, portanto, as suas ações não farão qualquer diferença. A este processo chamamos, mais uma vez, “othering” (Caillaud e colaboradores, 2015): “as pessoas pensam sempre que o outro vai fazer. E depois acabam por não fazer nada” – P38/8.

Relativamente às publicações dos média sobre o assunto das alterações climáticas, a discussão foi mais evidente nesta segunda parte. Apenas um participante (P8/2) considerou haver muitas notícias sobre alterações climáticas. Porém, ao longo da discussão com os outros membros do seu grupo (Grupo 2), concordou com a ideia de que, “em exclusivo, notícias específicas sobre o tema das alterações climáticas não existem”, estabelecendo-se então um consenso sobre este tema que atravessou todos os grupos. Foi a única vez em que um caso que se considera divergente em relação às ideias gerais deste estudo foi alterado pela interação e ideias dos restantes participantes do grupo, podendo-se dizer que houve uma influência do contexto grupal na alteração da crença deste participante.

Dezoito participantes afirmaram receber informação sobre o tema através da internet (redes sociais maioritariamente) e dezassete disseram que a principal fonte de informação sobre este tipo de notícias era o telejornal. Apenas três participantes, em dois grupos (Grupos 2 e 5), revelaram o seu interesse pela leitura de jornais impressos. Ainda dois participantes confessaram não ver notícias, porque se recusam a fazê-lo (Grupos 1 e 5). No primeiro grupo, um participante (P3/1) referiu convictamente a sua opinião em relação aos média: “eu não vejo notícias, muito sinceramente. Eu sou contra os média e todas essas coisas porque, para ver desgraças, já nos basta olhar para a rua”. E reforça a ideia mais vezes ao longo da sessão, dizendo que considera os média “manipuladores” e que “notícias não vejo, não sei, não quero saber”. Este é o último caso divergente (foram quatro na totalidade das sessões, sendo que os outros três já foram referidos acima). Os restantes participantes, apesar de avaliarem a imprensa como sendo “manipuladora” e infiel na transmissão da realidade ao público, afirmam saber das notícias, interessarem-se por elas, embora tendo os defeitos considerados. Neste caso também não houve alteração de opinião, nem influência do contexto grupal para que houvesse essa mudança.

No Grupo 4, dois participantes afirmaram a sua preferência pela leitura e pesquisa de blogs específicos e artigos de autoria científica comprovada em relação à leitura de notícias, pelo facto de serem mais “confiantes”. No estudo de Happer & Philo (2013), verifica-se a tendência de haver, por parte dos média, uma adulteração dos argumentos científicos em relação a estas questões.

À medida que se ia entrando no assunto da atuação dos média perante a situação das alterações climáticas, os participantes foram revelando, espontaneamente, o seu descontentamento geral em relação ao comportamento jornalístico atual. Três participantes em dois grupos (Grupo 1 e 4), afirmaram convictamente não confiarem nos média televisivos, concretamente. Os participantes confessam ver na imprensa apenas “o que se está a passar”, “se está calor” ou “a temperatura aumentou e vai continuar”, mas nunca veem explicadas as razões desses factos divulgados e queixam-se dessa lacuna. Sete outros participantes falaram ainda em “moldagem” e “manipulação dos media”, sendo que o grupo com mais referências a isso foi o Grupo 4, onde se notou uma certa “raiva” durante a discussão do assunto.

Alguns participantes revelaram ainda que, como nas notícias não aparece o que as pessoas podem fazer, isso faz com que não façam, não se importem de agir a favor do ambiente (Grupo 8).

Uma das categorias em que houve mais discussão nesta segunda fase foi em torno das “categorias sociais”, onde os participantes discutiram principalmente as dicotomias entre

países mais e menos desenvolvidos, Portugal e Guiné Bissau, assim como entre a cidade e o campo. “Nos países mais desenvolvidos, há educação sobre isto” (P4/1); “Na Guiné não há tanta preocupação, pelo pouco conhecimento que há sobre reciclagem” (P1/1) são alguns exemplos. Outra ideia que merece maior relevância, acerca da dicotomia cidade/campo, é a que os participantes do Grupo 5 concluíram: “No campo as pessoas preocupam-se mais, mas não sabem as razões pelas quais as coisas acontecem; na cidade as pessoas sabem essas razões, mas não se preocupam” (P36/8).

Como já se referiu acima, na segunda fase dos debates, a “ironia” foi mais evidente do que na primeira (Quadro 3.1.). Os participantes usaram a “ironia” quando falaram da “confusão que é a meteorologia atual”, na “satisfação” (irónica) que é estar-se vestido com roupa de verão e de repente começar a chover sem ninguém estar à espera, na maior importância que o ensino dá à classificação de orações gramaticais do que à educação ambiental, e brincam ainda com o facto de os média transmitirem ideias positivas (“a água super quente”; “excelente, verão espetacular”; “ah, está calor, vamos para a praia”) através das imagens que publicam para ilustrar os artigos. Pode-se considerar então que, à semelhança de Caillaud e colegas (2015), a ironia e a brincadeira em relação ao elemento positivo (imagem), incomum nas representações sociais das alterações climáticas, funcionam como estratégias para lidar com essa diferença. Socialmente, não é aceite demonstrar emoções positivas em relação a uma imagem positiva ilustrativa de um artigo que retrata a realidade do clima atual, que, cognitivamente, oferece aos participantes a ideia de que algo não está bem, não é positivo e é algo que deveria ser considerado negativo.

Nesta fase, repete-se a ideia, em relação à primeira fase da sessão, de que as pessoas só vão despertar e começar a agir quando algo de muito diferente e catastrófico acontecer.

A ideia geral sobre aquilo que aparece nos média acerca das vagas de calor é a de que as pessoas ao lerem esse tipo de artigos ficam imediatamente a pensar em praia, hotéis e férias. Os participantes justificam isso com o facto de as fotografias que ilustram os artigos serem sempre apelativas pela positiva, agradáveis à vista.

Os participantes afirmaram ainda que muitas pessoas mais velhas não fazem reciclagem (Grupo 7) e que pensam em “não atirar lixo para o chão porque suja a rua e não porque pode fazer mal ao ambiente”.

Nesta fase, foram bastante evidentes as referências por parte dos participantes em relação às soluções para mudar a “imagem” que os média transmitem e que é incutida entre os indivíduos. As soluções passaram por:

- “As publicações deviam ser com temas mais atuais”; “Deviam explorar sempre o assunto”; “Deviam falar exclusivamente de alterações climáticas”; Estes assuntos deviam ser falados mais na TV, pois é o meio a que a maior parte das pessoas tem mais acesso”; “Boas notícias obrigam as pessoas a pensar” (Grupo 1);
- “Os média não deviam exagerar nem dramatizar”; “Devia haver soluções e debates, e não só falar do problema”; “Não tornar as notícias um negócio/levar para o lado lucrativo” (Grupo 4);
- “Não deviam dar foco apenas ao imediato, isso dá ilusão de que as coisas passam”; “Deviam repensar os média”; “Deviam explicar as razões” (Grupo 5);
- “Deviam mostrar a realidade e não apenas as consequências positivas (praia, bom tempo)” (Grupos 6 e 8).

À semelhança do que acontece no estudo de Fisher e colegas (2012), nota-se uma necessidade urgente de mudança do panorama atual das atitudes individuais e coletivas por parte de alguns participantes, justificada com o facto de “os recursos estarem a ser escassos já...” (P4/1).

3.2.3. Discussão sobre primeira notícia

Com a discussão antes e depois da leitura da primeira notícia inicia-se a terceira parte do debate. Para a disposição dos dados, a melhor solução encontrada foi dividi-los pelas categorias e pela primeira e segunda etapa da análise de cada notícia (antes e depois da leitura de cada uma, respetivamente).

A ironia foi apontada quinze vezes durante a primeira e segunda etapas da primeira notícia, oito vezes antes da leitura (“para mim está tudo bem (risos)” – P47/1; “as pessoas até foram à praia, as praias estão cheias” – P4/1) e sete vezes depois da leitura (“Sim, no meio de todo o drama vamos encontrar algo positivo (risos)” – em relação ao artigo afirmar que as noites são mais frescas do que o dia - P4/1). Apesar de o uso da ironia ser mais evidente na segunda fase das sessões (discussão sobre alterações climáticas), ela não deixa de existir na terceira fase. A ironia nesta fase é mais usada quando os participantes comentam aquilo que está escrito como sendo algo de bom quando, na verdade, não é.

Relativamente às práticas individuais e institucionais, não houve qualquer referência por parte dos participantes durante esta fase. Quanto à categorização social, verificam-se a existência de seis referências, três antes da leitura e três depois da leitura da notícia.

Foi a categoria avaliação da imprensa que obteve mais referências, obviamente. Ao todo, durante a discussão antes da leitura e depois da leitura da primeira notícia, houve cinquenta e duas referências sobre avaliação da imprensa, sendo que vinte foram antes da leitura e trinta e duas deram-se depois da leitura.

3.2.4. Discussão sobre segunda notícia

Relativamente à segunda notícia, antes da leitura, a “ironia” foi usada seis vezes e depois da leitura foi usada apenas duas vezes. As práticas individuais e institucionais foram discutidas por sete grupos, ao contrário do que aconteceu com a primeira notícia. Seis vezes foram referidas as práticas individuais depois da leitura da segunda notícia e vinte e uma vezes foram referidas as práticas institucionais depois da leitura também. De salientar que antes da leitura da segunda notícia não houve indicação de nenhuma prática individual ou institucional por parte de nenhum participante.

Novamente, a avaliação da imprensa foi a categoria que obteve mais referências, oitenta e nove ao todo, sendo que antes da leitura obteve vinte e três e depois da leitura obteve sessenta e seis.

À semelhança de Carvalho (2013), como referido no enquadramento teórico desta dissertação, neste estudo verifica-se a ideia de que a linguagem presente na imprensa sobre as alterações climáticas é muito técnica, embora com a particularidade de que essa ideia sugere que é demasiado técnica para as pessoas com pouco conhecimento e, ao mesmo tempo, pouco técnica para a população mais instruída: “a informação muitas vezes é demasiado técnica para a população pouco instruída e é pouco técnica para a população instruída” (P2/1).

É de notar que, ao longo de todas as sessões, e não exclusivamente nas terceira e quarta fases, o papel da imprensa é criticado pelos participantes.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como principal objetivo examinar as respostas das pessoas, quando em interação, à presença de conteúdos ambivalentes (positivos e negativos) encontrados em notícias na imprensa em Portugal em relação às vagas de calor.

Os conteúdos positivos apareceram na imprensa enquanto imagens de pessoas que frequentavam com normalidade espaços balneares, consecutivamente ao longo de todo o verão e princípio de outono de 2016. Essas imagens eram acompanhadas de título e texto cuja mensagem era divergente (mais realista e negativa) daquela que as fotografias transmitiam.

Diante do facto de que há uma representação social bem estabelecida de que as alterações climáticas têm consequências negativas (dimensão cognitiva, em Fisher et al, 2012) pretendeu-se analisar se, ao serem confrontadas com a existência de imagens positivas presentes em notícias sobre as vagas de calor, as pessoas expressavam respostas que aceitação resistência das tais consequências positivas das vagas de calor.

Esperava-se, portanto, que os participantes deste estudo aceitassem esse novo elemento de representação das alterações climáticas, confirmada pela presumível existência de reações positivas, nomeadamente emoções e estados emocionais positivos, ou que rejeitassem esse novo elemento de representação por parte da imprensa, recorrendo a estratégias próprias, em grupo e individualmente, que neste caso se trataram de emoções negativas e outros estados emocionais reveladores de incómodo e constrangimento por parte dos grupos, como o uso da “ironia” e o recurso à expressão do “riso” quando comentavam as imagens positivas das notícias.

A literatura mais recente acerca deste assunto (Caillaud et al., 2015 e Fisher et al., 2012) mostra que não existe aceitação de casos considerados divergentes à ideia de que as alterações climáticas são nefastas. O objetivo deste estudo passava por comprovar se há ou não diferenças em relação a isso atualmente perante a atuação de um sistema mediador específico, a imprensa. Na segunda parte dos grupos focais, aquando da exibição e comentário das notícias, onde se verifica que a imprensa está a propor uma alteração à representação social existente, pretendia-se examinar se os participantes ofereciam resistência a esta alteração, como era previsível acontecer segundo os estudos anteriores (Wibeck, 202).

Especificamente, no estudo de Wibeck (2012), é possível observar que a introdução dos elementos positivos (do aumento da temperatura global, especificamente) por parte de um dos participantes em grupo focal provoca respostas corretivas nos restantes participantes. Para resistir à alteração, o resto do grupo mobilizou-se em função de alterar essa ideia e entrar em consenso relativamente ao facto de não haver consequências benéficas das alterações

climáticas para a sociedade. Ou seja, por outras palavras, o grupo manteve a ideia inicial da representação social de que as alterações climáticas não trazem aspetos positivos e resistiu, assim, a essa nova proposta introduzida. No caso do presente estudo, são muito pontuais e pouco significativas as referências de participantes que espontaneamente deem a entender que existem benefícios nas mudanças climáticas. Mas, quando há, não existem contra-argumentações do restante grupo. Isso não quer dizer que os participantes aceitem essa nova visão, dá-se antes o aparecimento do uso de outras estratégias, como o “riso” e a “ironia”, que vieram, portanto, a ser aspetos importantes para chegar às conclusões concretas deste estudo.

Os resultados mostraram, então, que há resistência por parte dos grupos em relação a uma proposta de alteração à representação social predominante face às mudanças climáticas. Essa proposta é a de que pode haver consequências positivas como as idas à praia em meses de outono ou que as férias de verão podem ser prolongadas ou agendadas para meses mais tardios do ano. A resistência deu-se na forma de emoções negativas, que foram, no contexto de grupo focal, muito superiores ao aparecimento de qualquer emoção positiva, e na forma de “riso” e de “ironia”, revelando o facto de que os participantes não integram a visão de que existem aspetos positivos das alterações climáticas, como a imprensa portuguesa mostrou através de imagens agradáveis (ao contrário do que acontece, por exemplo, no estudo de Jaspal e Nerlich (2013), que mostra imagens de consequências negativas das alterações climáticas).

Os participantes resistem, portanto, em dois níveis neste estudo. Primeiro, ao nível da avaliação crítica do papel da imprensa enquanto sistema mediador, ao dizerem que a imprensa não deveria transmitir a ideia positiva destas situações e, segundo, ao nível da demonstração de emoções negativas quando comentam sobre o assunto ou comentam as notícias apresentadas ao grupo. Não se encontrou, portanto, uma aceitação ou adesão à introdução de aspetos positivos na representação das alterações climáticas, embora também não pareça ter havido uma maior disponibilidade em relação ao seu papel interventivo, a nível individual, na minimização das consequências destas alterações.

Uma forma de minimizar aquilo que se pode chamar responsabilidade coletiva (Caillaud et al., 2015), foi também verificada neste estudo quando os participantes tendiam a responsabilizar apenas ou principalmente as instituições superiores à esfera pública, à qual pertencem, como o governo, a indústria ou as organizações mundiais indicadas como as mais poluidoras e prejudiciais ao ambiente. Uma das justificações mais presentes no estudo foi a prioridade mundial dada ao capitalismo e ao lucro adquirido por essas instituições. Os participantes, para não demonstrarem ou sentirem tanta culpa, tendiam assim a culpabilizar

essas práticas institucionais às quais não têm acesso ativo enquanto indivíduos. O processo de “othering” (Caillaud et al., 2015) também foi referido que muitas vezes o que acontece é que as pessoas não agem tão ativamente a favor do ambiente porque sabem que os “outros” também não o fazem e, portanto, as suas ações se revelam um pouco inúteis perante o grande problema coletivo, verificando-se uma certa desmobilização em relação às ações que consensualmente deveriam ser tomadas por todos.

À semelhança de Caillaud e colegas (2015) e Fisher e colegas (2012), verifica-se que a “preocupação” é a emoção negativa prevalecente quando os participantes comentam antes e depois da exibição das notícias. Essa “preocupação” revelou uma relação com a “impotência” que os participantes sentem quanto ao que podem fazer para evitar consequências piores do que aquelas que já são sentidas. Em alguns casos, essa impotência revelou falta de interesse por parte dos participantes, verificando-se uma desmobilização pelo facto de sentirem que as suas boas práticas não têm impacto algum.

Contrariamente aos estudos anteriores (Caillaud et al., 2015 e Fisher et al., 2012), neste estudo não foi expressa a emoção “vergonha”. Nos estudos de Caillaud e colegas (2015) e de Fisher e colegas (2012), a “vergonha” aparece quando o assunto que está a ser falado é o comportamento dos indivíduos relativamente ao ambiente. Segundo Fisher e colaboradores (2012), esta emoção é expressa quando os indivíduos discutem os comportamentos que têm em relação ao ambiente, usando o riso como sinal de constrangimento para atenuar esse impacto. No presente estudo, houve constrangimento na forma da expressão do “riso” quando os participantes falam do facto de países em desenvolvimento (nomeadamente Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe) não fazerem a reciclagem do lixo e quando referem que não pensam muitas vezes no assunto das alterações climáticas, sendo que só em confronto com o assunto começam a pensar sobre isso.

Este estudo teve algumas limitações que, no entanto, podem ser ultrapassadas em estudos posteriores. O facto de se ter observado a introdução de elementos positivos das vagas de calor na imprensa portuguesa numa fase muito inicial pode ter influência nos resultados desta investigação, sendo possível que a resistência a este novo elemento se deva ao facto de ter passado pouco tempo (pouco mais de um ano até à data) desde o aparecimento dessas imagens positivas em notícias sobre vagas de calor. Talvez em estudos posteriores haja uma resistência menor ou mesmo uma aceitação por parte dos participantes em relação a esta nova proposta de visão das alterações climáticas, se se verificar uma consistência em relação às imagens usadas nas notícias em causa.

Este estudo assume a sua (1) validade ecológica, assegurada pela recolha de dados ter sido feita num registo que é próximo de uma conversa, aproximando-se do que poderia acontecer num contexto ‘real’; (2) a sua fiabilidade, pelo facto de a análise efetuada ter sido discutida com e validada por um “auditor”; (3) transferabilidade, por ser expectável que os resultados deste estudo possam ser transferíveis para outros contextos semelhantes; (4) (5) impacto e importância para o público em geral, para a imprensa/média, para a abordagem teórica e para a mudança social (Braun & Clarke, 2013).

Este estudo contribui para a investigação de forma a completar uma lacuna existente na literatura das representações sociais, que se trata da escassez de investigação sobre a componente emocional. Contribui também para a expansão do estudo, que tem sido pouco até agora, da relação entre a forma como os dilemas ambientais são noticiados e as emoções expressas pelas suas audiências.

Este estudo também foi importante para entender que o papel dos média é fundamental para a criação e manutenção de crenças sobre uma determinada representação social e que pode ter o poder de alterar representações já bem estabelecidas. Neste caso, o que se pode retirar dos grupos focais em relação à avaliação do papel deste importante ator social que é a imprensa é o facto de os participantes não se encontrarem satisfeitos com o papel que a imprensa está a desempenhar. Os participantes revelam desconfiança em relação ao que os média têm feito nos últimos tempos e resistem de alguma forma ao que eles transmitem. Para além disso, sugerem ao longo do estudo algumas soluções que podem ser usadas pela imprensa para que haja uma maior consciencialização da população em relação ao estado do ambiente e, em particular, às alterações climáticas. Este estudo revela assim a importância de isso ter de ser alterado de forma a que os leitores e as audiências dos média em geral voltem a confiar naquilo que transmitem todos os dias.

BIBLIOGRAFIA

- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In M. Bauer & G. Gaskell, *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (pp. 189-217). Petrópolis: Vozes.
- Braun, V., & Clarke, V. (2013). *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. Sage.
- Caillaud, S., Bonnot, V., Ratiu, E., & Krauth-Gruber, S. (2016). How groups cope with collective responsibility for ecological problems: Symbolic coping and collective emotions. *British Journal of Social Psychology*, 55(2), 297-317.
- Castro, P., Mouro, C., & Gouveia, R. (2012). The conservation of biodiversity in protected areas: Comparing the presentation of legal innovations in the national and the regional press. *Society & Natural Resources*, 25(6), 539-555.
- Carvalho, A., Schmidt, L., Santos, F. D., & Delicado, A. (2013). Climate change research and policy in Portugal. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 5(2), 199-217.
- Dias, C., Cruz, J. F., & Fonseca, A. M. (2008). Emoções: Passado, presente e futuro. *Psicologia*, 22(2), 11-31.
- Fischer, A., Peters, V., Neebe, M., Vávra, J., Kriel, A., Lapka, M., & Megyesi, B. (2012). Climate change? No, wise resource use is the issue: social representations of energy, climate change and the future. *Environmental Policy and Governance*, 22(3), 161-176.
- Happer, C., & Philo, G. (2013). The role of the media in the construction of public belief and social change. *Journal of social and political psychology*, 1(1), 321-336.
- Höijer, B. (2010). Emotional anchoring and objectification in the media reporting on climate change. *Public Understanding of Science*, 19(6), 717-731.
- Instituto do Mar e da Atmosfera. (2017). Consultado em 20 de out. 2017. Disponível em <https://www.ipma.pt/pt/>.
- Instituto do Mar e da Atmosfera. (2017). *Glossário Climatológico*. Consultado em 20 de out. 2017. Disponível em https://www.ipma.pt/pt/educativa/glossario/meteorologico/index.jsp?page=glossario_o_p.xml
- Kovats, R. S., & Kristie, L. E. (2006). Heatwaves and public health in Europe. *European journal of public health*, 16(6), 592-599.
- Morgan, D. (1996). Focus groups. *Annual Review of Sociology*, 22, 129-152. doi:10.1146/annurev.soc.22.1.129
- Morgan, D. (1997). *The focus group guidebook* (Vol. 1). Sage publications.

- Mouro, C., & Castro, P. (2012). Cognitive polyphasia in the reception of legal innovations for biodiversity conservation. *Papers on Social Representations*, 21, 3.1-3.21.
- Nerlich, B., & Jaspal, R. (2014). Images of extreme weather: Symbolising human responses to climate change. *Science as Culture*, 23(2), 253-276.
- Östman, J. (2014). The influence of media use on environmental engagement: A political socialization approach. *Environmental Communication*, 8(1), 92-109.
- Patrícia Duarte, A., Mouro, C., & Gonçalves das Neves, J. (2010). Corporate social responsibility: Mapping its social meaning. *Management Research: Journal of the Iberoamerican Academy of Management*, 8(2), 101-122.
- Wagner, W., Duveen, G., Farr, R., Jovchelovitch, S., Lorenzi- Cioldi, F., Marková, I., & Rose, D. (1999). Theory and method of social representations. *Asian journal of social psychology*, 2(1), 95-125.
- Wibeck, V. (2014). Social representations of climate change in Swedish lay focus groups: Local or distant, gradual or catastrophic?. *Public Understanding of Science*, 23(2), 204-219.

ANEXOS

Anexo A – Consentimento Informado

LAPSO
Laboratório de Psicologia Social e Organizacional

Departamento de Psicologia Social e das Organizações
Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

Referência Estudo: SPI16_17_1ºs_CM_JS
Nome Estudo: Interação social em contexto- -conversas sobre temas actualidade
Investigador Responsável: Carla Mouro

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Objectivo do Estudo

Este estudo é sobre as interações sociais que ocorrem durante conversas sobre temas sociais da actualidade.

Condições do Estudo

O tempo previsto de duração de cada sessão é de cerca de 60m.

Benefícios da Participação

A participação neste sistema tem como objectivo complementar a formação metodológica dos estudantes de Licenciatura com a passagem por situações concretas de investigação no Laboratório de Psicologia, em diferentes domínios desta disciplina, na posição de participante e simultaneamente de estudante, favorecendo a aprendizagem sobre as regras da investigação e a reflexão sobre o modo como a experienciaram.

Voluntariado

Este sistema formativo tem um carácter voluntário. O participante tem a possibilidade, por motivos éticos, de negar a participação ou de se retirar do estudo, a qualquer momento, sempre que assim o entender.

Confidencialidade, Privacidade e Anonimato

De acordo com as normas da Comissão de Protecção de Dados, os dados recolhidos são anónimos e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em Revistas da especialidade.

Tendo tomado conhecimento sobre a informação disponível do estudo, declaro aceitar participar.

___ / ___ / 2016 _____

Anexo B – Guião dos grupos focais

Preparação

Encaminhar as pessoas aos seus lugares e “sentá-las” à volta da mesa.

Abertura

Boa tarde. Agradecimento da presença dos participantes.

Apresentação breve e demonstração curta do objetivo do estudo.

Breve descrição do estudo e respetivos objetivos da sessão.

Permissão para gravação do debate.

Regras da conversa (não devem interromper o outro, devem aguardar a sua vez de falar, devem desligar os telemóveis, devem ser claros na forma como explicam os seus pontos de vista, todos devem dar a sua opinião sobre cada assunto a discutir)

Pedir que leiam atentamente o consentimento e, se concordarem, assinem.

Garantia de confidencialidade.

Início da gravação do debate – 1ª parte

Apresentação de cada membro do grupo (idade, onde nasceram, onde moram, o que estudam).

Pessoas que vêm de diferentes regiões e de diferentes países. Portanto, aquilo que esperamos aqui é que haja algumas visões diferentes.

1. Vamos começar por uma questão geral, já vos disse qual é o tema que queremos que vocês debatam aqui hoje, são as questões ambientais. A questão geral seria “qual é a vossa opinião sobre as questões ambientais? De que forma é que veem as questões ambientais atualmente?”
2. No dia a dia pensam sobre este assunto? Ou ele aparece às vezes, dependendo dos contextos?
3. Eu queria saber, relacionado com estas questões, se algum de vocês participa ou colabora com alguma associação ambiental ou em iniciativas ambientais específicas...
4. Então vamos passar para um tema um bocadinho mais específico, dentro das questões ambientais, que são as alterações climáticas. Gostava que vocês pensassem agora

especificamente nas alterações climáticas e sobre para quem este tema, este conceito, vos remete, o que é que vos faz pensar este assunto?

5. As alterações climáticas neste sentido de mudança de temperatura, das mudanças a que temos assistido agora, têm algum impacto direto sobre as atividades quotidianas? Conseguem identificar, de alguma forma, que esteja a ter um impacto direto?
6. Recordam-se de haver notícias nos meios de comunicação social sobre alterações climáticas, em qualquer formato, no último ano, em Portugal? O que é que elas fazem sentir?
7. Assunto ainda mais concreto: vagas de calor. Recordam-se de alguma notícia que tenha sido especificamente sobre as ondas ou as vagas de calor, este ano?
8. Lembram-se de alguma imagem específica relativamente a esse tipo de notícia?

(Passagem para a 2ª parte do debate)

9. Eu queria que olhassem para esta notícia, de um jornal português, observem assim por alto. É uma notícia sobre o mês de setembro, “Setembro foi o mês mais quente dos últimos 32 anos” ... olhando por alto, quais são as primeiras impressões que têm sobre uma notícia como esta?
10. Estes tipos de notícias trazem-vos que memórias deste último verão, por exemplo?
11. Querem passar os olhos no texto da notícia, que é para ver se querem fazer mais algum comentário?
12. Agora uma segunda notícia, pedia-vos que fizessem o mesmo exercício. Que impressões é que vos traz?
13. Então assim mais em detalhe, o que é que esta segunda notícia vos suscita, vos faz sentir?
14. Querem fazer algum comentário relativamente às duas notícias...se nós dissermos que são as típicas notícias que apareceram este ano, este verão, elas são recentes – outubro/setembro...querem fazer algum comentário em relação a estas notícias que nós apresentámos?
15. Uma última pergunta por causa das consequências negativas. Outras notícias também relacionadas com o aumento da temperatura, mas com uma carga mais negativa, são os incêndios. Este ano recordam-se que voltámos a ter incêndios muito severos em Portugal. Apareceram ligados às alterações climáticas, para vocês, alguma vez?

16. Qual é a vossa fonte de notícias, pode não ser os *media*, podem ser outras alternativas... mas só para nós ficarmos com algum registo sobre qual é o vosso meio de informação mais usado?
17. Não sei se têm mais algo a dizer, se têm alguma pergunta para nos fazer a nós, ou se acharem que há alguma pergunta que nós não fizemos e que vocês achem que é relevante, talvez possamos ainda acrescentar... se tiverem alguma sugestão nós também agradecemos, obviamente.

Explicação final sobre objetivo do estudo:

O objetivo deste estudo passa por perceber como é que estes conteúdos informativos podem ter influência no uso das emoções por parte dos leitores. Tentar perceber o que sentem quando visualizam notícias como estas, se a forma como olham para o ambiente tem peso na interpretação destas notícias e vice-versa.

Anexo C – Outro exemplar deste tipo de notícias.

Mais 31 mortes devido ao calor nos primeiros 10 dias de agosto face a 2015

12 DE AGOSTO DE 2016



Nos primeiros dez dias do oitavo mês do ano, registaram-se 186 óbitos. Destes, estima-se que 31 se devam ao calor

O extremo calor que se sentiu no país nos primeiros 10 dias de agosto terá sido responsável pela morte de mais 31 pessoas, face ao período homólogo, indicou hoje a Direção-Geral da Saúde.

Em declarações à Lusa, a sub-diretora geral da Saúde Graça Freitas explicou que nos primeiros 10 dias de agosto se registaram mais 186 óbitos, por todas as causas, em relação ao período homólogo dos dois anos anteriores.

Desses, estima-se que 31 mortes se devam ao calor.

Anexo D – Primeira notícia a ser exibida em grupo focal

Setembro foi o mais quente dos últimos 32 anos

IPMA diz que foi o terceiro mais quente desde 1931. Só os meses de Setembro de 1985 e de 1978 registaram temperaturas mais altas.

10 de Outubro de 2016, 19:02



Mértola foi uma das cidades a atingir recordes nas temperaturas médias alguma vez registadas em Setembro NUNO OLIVEIRA

As temperaturas mais altas do ano foram atingidas nos dias 5 e 6 de Setembro, como já tinha sido anunciado. Agora a informação disponível para todo o mês de Setembro permite ao Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) dizer que o valor médio da temperatura máxima do último mês – ao atingir os 28,96 graus celsius – foi muito superior ao normal e o terceiro mais alto desde 1931.

Antes de 2016, só os meses de Setembro de 1985 e de 1978 tinham atingido valores recorde. Ou seja: Setembro deste ano foi o mais quente "dos últimos 32 anos", segundo o IPMA.

Na cidade de Lisboa, por exemplo, o anterior recorde de 37,3 graus para Setembro foi ultrapassado. Este ano, a capital chegou aos 39,2 no dia 5 de Setembro. O mesmo aconteceu em três quartos das estações meteorológicas em Portugal continental. Lousã, Elvas, Mértola, Mora, Évora, Beja e Viseu são apenas alguns dos locais onde esses recordes das temperaturas médias alguma vez atingidas em Setembro foram ultrapassados este ano.

Excepcional foi o facto de esses recordes voltarem a ser ultrapassados no dia seguinte (6 de Setembro) em cerca de um quarto das 82 estações meteorológicas de Portugal continental onde tal já tinha acontecido na véspera. O recorde foi assim duplamente batido em dias consecutivos em 24% das estações meteorológicas do continente, o que a climatologista Fátima Espírito Santo, do IPMA, descreve como uma situação "muito pouco frequente" e um fenómeno "muito interessante".

Apenas nas regiões do litoral Norte e Centro e no litoral Sul do Algarve (excepto Sagres) os anteriores máximos não foram ultrapassados, acrescenta. Pouco habitual foi também a quantidade de chuva que se fez sentir no mês passado. Choveu menos de dois terços (58%) do que chove habitualmente em Setembro.

Já no que toca a temperaturas máximas, as estações do IPMA registaram 45 graus na Lousã (no distrito de Coimbra), 44,3 na Amareleja e em Beja (Alentejo), e 44,1 em Pegões (Montijo). Em Lisboa, os termómetros atingiram os 41,4 graus e em Setúbal 42,1. Nestes dias em que a Lousã foi a mais quente do país, os valores médios da temperatura máxima (38,6 graus) e mínima (19,8 graus) corresponderam também aos valores mais altos do ano, segundo o instituto.

A onda de calor registada na primeira semana de Setembro deveu-se principalmente a um anticiclone localizado na região dos Açores, que "por vezes se estendeu em crista sobre o Golfo da Biscaia".

Já no mês de Outubro, as temperaturas permaneceram altas durante o dia, e baixas à noite, o que do ponto de vista da saúde é "benéfico", diz ainda a especialista, porque permite ao corpo recuperar e às habitações não ficarem nem muito quentes nem muito frias. Até esta segunda-feira, a temperatura máxima atingida em Outubro foi 34,2 graus celsius. O Outubro mais quente desde que há registos foi em 2011. **Com Lusa**

Anexo E – Segunda notícia a ser exibida em grupo focal

Subida da temperatura no planeta está a acelerar

29 Setembro 2016



A subida das temperaturas no planeta está a acelerar e "é necessário duplicar, ou triplicar mesmo, os esforços" para limitar as emissões de gases com efeito de estufa, alertaram, este quinta-feira, sete eminentes climatologistas.

Estes emitiram um alerta, através de um comunicado de sete páginas, que resume uma nova análise detalhada, intitulado 'A Verdade sobre as Alterações Climáticas'.

"O aquecimento global está a ocorrer agora e a uma velocidade muito mais forte do que prevista", sintetizou Robert Watson, antigo presidente do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC, na sigla em inglês), porta-voz dos sete cientistas que assinaram o documento.

A Terra está em vias de bater este ano o seu terceiro recorde anual consecutivo de calor desde o início dos registos da temperatura, em 1880.

"Sem esforços suplementares de todos os principais emissores de gases com efeito de estufa, o objetivo de limitar a subida da temperatura a dois

graus Celsius (2°C) poderia ser alcançado mais depressa do que previsto", preveniu.

Os dirigentes dos vários países determinaram inicialmente os 2°C como o limite máximo de subida da temperatura média global em relação ao período pré-industrial. Consideraram então que este limite permitiria evitar as consequências mais nefastas do aquecimento global, como as secas, os incêndios, as vagas de calor, as inundações e outras intempéries.

Na conferência de Paris, realizada em dezembro último, porém foi fixado um objetivo mais ambicioso, situando-o nos 1,5°C.

Mas em 2015, a temperatura média na Terra já tinha superado a do período pré-industrial, do século XIX, em 1°C, segundo a Organização Meteorológica Internacional.

Isto representou uma subida importante no espaço de apenas três anos, uma vez que o aumento, em 2012, era de apenas 0,85°C.

E o número de fenómenos climáticos extremos, ligados ao aquecimento global, duplicou desde 1990, sublinharam os cientistas.

Mesmo que todos os países signatários do Acordo de Paris respeitem os seus compromissos para limitar a subida das temperaturas, as emissões globais de gases com efeito de estufa não diminuiriam o suficiente durante os próximos 15 anos, insistiram, citando um relatório das Nações Unidas de 2015.

Desta forma, o objetivo mais ambicioso do Acordo de Paris, de manter a subida das temperaturas abaixo dos 1,5°C, é "quase certamente impossível e (este valor) poderia mesmo ser superado no início dos anos 2030", segundo estes cientistas.

Anexo F – Grelha de análise dos grupos focais

Grupo participantes	Ambiente	Alterações climáticas	1ª Notícia		2ª Notícia	
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Emoções positivas						
Emoções negativas						
Uso da Ironia						
Práticas individuais						
Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações ambientais, Instituições de ensino...)						
Categorias Sociais (Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade, Faixa geracional mais nova – mais sensibilizada/Faixa geracional mais velha – menos informada)						
Fonte de conhecimento geral						
Avaliação da imprensa						
Posição/crenças						

Anexo G – Dicionário de categorias

Categorias	Refere-se a...	Exemplos
1. Emoções Positivas	<p>Todas as expressões de emoções positivas durante as sessões, incluindo estados emocionais que complementam as declarações dos participantes.</p> <p>Poderá não se identificar especificamente uma emoção, mas consegue-se perceber que se trata de um estado emocional positivo e que podemos referir como “prazer” ou “satisfação”, conforme o que for dito pelo participante.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “<u>Surpresa</u>. Quando cheguei cá (da Guiné) ... vi quatro caixotes do lixo ou três caixotes do lixo... para quê?! (risos)”. (P6/2) • “Eu acho que nos sugere logo um ambiente <u>agradável</u>, a imagem é uma criança num lago...”; “Transmite logo uma ideia <u>feliz</u>, uma ideia de um ambiente <u>positivo</u>”. (P2/1) • “O ambiente é tudo o que nos rodeia, <u>é tudo de bom</u>”. (P6/2)
2. Emoções Negativas	<p>Todas as expressões de emoções negativas durante as sessões, incluindo estados emocionais que complementem as declarações dos participantes.</p> <p>Quando se fala em emoções, não quer necessariamente dizer que se trate de palavras concretas, as que são mesmo definidas, como o medo e o nojo, entre outras que são as emoções primárias. Fala-se essencialmente de tudo o que envolva estados emocionais, pois os participantes por vezes falam de uma maneira mais</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Sinto que está para além do meu controlo, particularmente. Sinto que por mais que eu me mexa enquanto indivíduo não tenho poder... <u>impotência</u>”. (P15/4) • “O degelo, exatamente, é algo que é bastante <u>preocupante</u>, não...eu acho que nós nos devíamos <u>preocupar</u> com o ser humano, não é?” (P22/5) • “<u>Preocupa-me</u> imenso (...) muito, muito,

	<p>generalizada para referirem o que estão a sentir em determinado momento.</p> <p>Neste estudo, e com base em Fisher et al. (2012), as emoções negativas foram agrupadas por sub-categorias (como verificado no texto, quando são exibidas as emoções usadas pelos grupos).</p>	<p>principalmente os pólos (degelo)”. (P8/2)</p>
3. Uso da “Ironia”	<p>À “ironia” que é usada para complementar alguma ideia que os participantes estejam a defender ou alguma opinião pessoal/geral. Por vezes, a “ironia” é acompanhada pelo “riso”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Que bom sair do trabalho e vir para a praia, excelente”. (P29/7) • “Realmente é muito benéfico vir para Lisboa assim vestida e chegar a Santarém logo, saio às 21h30, estar um frio que parece que vou congelar. Muito benéfico...” (P3/1) • “Para mim é um dia de verão. Estamos para aí em agosto, em Albufeira”. (P8/2)
4. Práticas Individuais	<p>Todas as práticas que cada participante execute, com impacto (positivo ou negativo) no estado do ambiente à sua volta.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Mas eu também vejo que há mais pessoas que pensam em reciclar as tampinhas, ou cartão, eu separo tudo, eu separo, medicamentos... por exemplo, as tampinhas dão para cadeira de rodas, cartão e papel, o que está limpo, dá para certas pessoas venderem aquilo, é muito pouco,

		<p>mas ganham algum dinheiro”. (P34/7)</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Eu já fiz uma atividade, de recolha de lixo de matas e um grande grupo juntou-se para ir limpar a mata”. (P38/8)
<p>5. Práticas Institucionais</p>	<p>Todas as práticas que os participantes considerem ser (ou que deveriam ser) executadas por autarquias, governos, líderes mundiais, organizações ambientais, instituições de ensino, empresas e indústrias, com impacto (positivo ou negativo) no estado do ambiente.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Por exemplo, o governo, em vez de ter regras para a sociedade, também devia ter regras relacionadas com o ambiente, porque isso é um problema muito maior, que não são só os indivíduos que têm de ter a consciência de não fazer isto ou fazer aquilo, eu acho que deviam estar estipuladas regras em que o governo tivesse essas regras, assim era mais sério e as pessoas levavam o assunto mais a sério”. (P35/8) • “E tentarmos, por exemplo, apostar na energia vinda do sol, por exemplo, em vez de elétrica, dos carros geridos também por energia solar...coisas assim”. (P14/4) • “Só que, também, verdade que muito foi feito, mas continuo a ter que fazer 1km para pôr o

		lixo (falando da sua autarquia)”. (P8/2)
6. Categorização Social	Todas as declarações dos participantes que formem uma dicotomia entre duas categorias relacionadas como: zonas da periferia das grandes cidades, bairros sociais/centros urbanos; países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos; campo/cidade; faixa geracional mais nova / faixa geracional mais velha.	<ul style="list-style-type: none"> • “O ambiente tem sido muito explorado na Guiné”. (P6/2); • “Na Guiné não há reciclagem”. (P1/1/P6/2); • “Em Santarém, fala-se muito disto porque é de extremos e subsiste a agricultura”; “Em Lisboa não se nota tanto” (as pessoas não interagem tanto umas com as outras, nem se conhecem, como em Santarém e, por isso, não falam tanto sobre o assunto do clima como lá). (P3/1); • “Nas zonas rurais não existe informação para reciclar”. (P5/1); • “Tu reparas que os mais velhos têm ideias completamente opostas e depois chocam (conosco, mais novos)”. (P30/7)
7. Fontes de Conhecimento Geral	Fontes a que os participantes recorrem para receber as informações acerca do ambiente, das alterações climáticas, das vagas de calor (média televisivos, jornais impressos/online, blogs especializados, artigos científicos, instituição de ensino, documentários, filmes,	<ul style="list-style-type: none"> • “Nas notícias mesmo, televisão”. (P23/6) • “Percebo que é pela prática que começo a ganhar esse costume, mas também porque procuro muito essa informação, é uma coisa que eu procuro estar rodeada de”. (P4/1)

	<p>livros, contacto com cientistas e pessoas interessadas). Ao que faz surgir o interesse em querer ser informado sobre o tema. Ao que os participantes têm acesso facilmente disponível no seu quotidiano (por exemplo os telejornais nos cafés/sítios que frequentam).</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu arrisco-me a dizer que todas nós temos essa preocupação e temos essa noção, e de onde é que a tirámos? Da escola (risos)”. (P19/5)
<p>8. Avaliação da Imprensa</p>	<p>À avaliação feita pelos participantes ao longo das sessões acerca da imprensa e do que lhes parece ou deve ser o papel da mesma atualmente e/ou no geral. À avaliação daquilo que os participantes leem nas notícias exibidas neste estudo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “O problema é que a comunicação social também não ajuda. Há bem pouco tempo, lembro-me de ver uma notícia que era “cientistas dizem que a camada do ozono já está a regredir”, e as pessoas leem isso e pensam “olha, que fixe, já não preciso de fazer mais nada, já está resolvido”. (P34/7) • “eu só sei mesmo o que é mais publicado e, como ele disse (P15/4), e é verdade, a media tem um bocado tendência para exagerar as coisas, para dramatizar...” (P14/4) • “O problema é esse, é que a percentagem de pessoas que consegue ler para além disto é muito reduzida” (referindo-se à primeira notícia, que o participante considera demasiado

		técnica). (P19/5)
9. Posição/Crenças	Opiniões muito pessoais e próprias de cada participante em relação a determinado assunto em discussão. Visão pessoal sobre o que está a ser discutido.	<ul style="list-style-type: none"> • “Eu dou grande relevância, mas acho que ainda temos muito a fazer nesse sentido, que devemos preservar mais, acho que as pessoas não têm grande consciência sobre o que praticam podem ter várias implicações ambientais. Eu dou grande importância, mas tenho noção de que a maioria das pessoas não a dá”. (P9/3) • “Nós sentimos aquela necessidade de “ok, nós temos de trabalhar em conjunto para resolver isto”, se uma pessoa tiver sozinha não se vai preocupar. E eu acho até que é o que acontece com muitos líderes, se estiverem com outros líderes mundiais, “ok, vamos fazer esta cimeira, vamos fazer isto”, mas se eles estiverem sozinhos, não querem saber, não dão importância nenhuma a isto”. (P13/3)

Anexo H – Grelhas de análise dos oito grupos focais

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

Grupo 1 P1/1 P2/1 P3/1 P4/1 P5/1 5 participantes	Ambiente	Alterações climáticas	1ª notícia		2ª notícia	
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Emoções positivas		Surpresa – “quando cheguei cá (da Guiné)... vi 4 caixotes do lixo ou três caixotes do lixo... para quê?! (risos)”	“Eu acho que nos sugere logo um ambiente agradável, a imagem é uma criança num lago...” “Transmite logo uma ideia feliz, uma ideia de um ambiente positivo” (P2/1)			
Emoções negativas	“Eu vejo as questões ambientais como uma preocupação” (P4/1) “momento são de facto uma	“ isso também é alvo da preocupação da generalidade das pessoas” – a meteorologia andar “confusa” (P5/1) “ Acho que as alterações climáticas, a	“Preocupação. Por ser estranho...” (P5/1) “ É suposto ficar, portanto, alarmada, com isto” – sobre a	“ Há uma parte muito preocupante mas que ocupa apenas um parágrafo, a falta de	“ (o título) Puxa mais para a preocupação” (P5/1)	““Não há hipótese. Não se consegue atingir os objetivos que eram esperados, nem se vai conseguir atingir, provavelmente só em 2030, portanto é uma sensação um bocadinho

	<p>preocupação e motivo de algum alarmismo (...) Portanto é uma preocupação” (P5/1) “E isso é uma pena” – forma como o ambiente virou negócio - (P2/1) “é preocupante” (P1/1) “é pena não utilizarem” (alternativas) (P3/1)</p>	<p>maioria das pessoas se preocupa porque é o tempo e as consequências.” (P5/1) “ se o ambiente, a poluição das ruas, etc, já é uma preocupação, o aquecimento global é considerado, com certeza, uma preocupação ainda maior que nos pode levar mesmo a uma extinção, a uma catástrofe natural que a raça humana, os animais e tudo o que é vida pode definitivamente se extinguir.” (P4/1) “ se não tivermos estes assuntos em conta, provavelmente em breve vamos ter que nos preocupar outra vez com a nossa extinção em massa e isso é preocupante.” (P2/1) “É uma preocupação mas eu acho que (risos)</p>	<p>imagem não corresponder ao título. (P4/1) “Eu como não lido bem com o calor fico mais assustada.” (P5/1) “ dois ou três dias que eu não consegui definitivamente sair de casa... esses dias foram realmente preocupantes para mim, foram dias em que eu pensei nas alterações climáticas porque eu gosto muito de calor, dou-me muito bem com calor, muito melhor do que no inverno, e</p>	<p>chuva, que é relevante para muitos setores de atividade, não só a agricultura que é o primeiro que pensamos, mas o terciário também...” (P2/1)</p>	<p>de, um bocadinho não, bastante, de impotência, de não ter controlo.” (P4/1) “É sem dúvida um ponto de vista muito mais negativo do que a primeira notícia...” (P2/1)</p>
--	--	--	---	---	--

		<p>não é toda a gente que pensa nisso, mas é uma preocupação mundial.” (P1/1)</p> <p>“quando neste momento surgem esses rasgos de bom tempo no meio de uma época de “mau tempo”, há uma certa frustração, uma pessoa fica um bocado frustrada porque está a trabalhar ou está a estudar e, com aquela temperatura, se calhar é possível fazer outras atividades, ter outras dinâmicas e acho que a nível psicológico também acho que começa aqui a baralhar um bocadinho porque acho que nos foi inculcado, principalmente desde a educação na primária, com as estações do ano, e de repente não se está a aplicar.” (P4/1)</p> <p>“Medo. Preocupação.”</p>	<p>foram dias em que eu não consegui sair de casa, não consegui fazer nada, foi um bocado desesperante até.” (P4/1)</p> <p>““eu não vou conseguir, este calor na praia vai ser impossível”, tinha a sensação de que ia morrer estorricada, mesmo na praia, com a água ou o protetor, ou o que quer que seja.” (P4/1)</p>			
--	--	--	--	--	--	--

		<p>– sobre o que as notícias fazem sentir. (P4/1)</p> <p>“Acho que é impossível não sentir um pouco de preocupação, um pouco de impotência também” (P2/1)</p> <p>“Um pouco de revolta”, quanto aos governos (P2/1)</p> <p>“sentimento de impotência, de percebermos “o que é que eu vou fazer?”</p> <p>Porque aí eu fico-me a sentir micro dentro do macro e gera esse sentimento de “e agora?”. (P4/1)</p>				
Uso da ironia	<p>“ Se continuar assim acho que não vamos a grandes sítios porque o dinheiro vai continuar a estar lá em cima, apesar das</p>	<p>“Eu acho que também a meteorologia agora anda assim meio “confusa”” (P5/1)</p> <p>“Portanto, eu acho que ali se pensa bastante nisso. (santarém, sobre alterações climáticas). É como estar um calor</p>	<p>“Para mim está tudo bem...(risos)” (P4/1)</p> <p>““As pessoas até foram à praia, as praias estão cheias”” – sobre a ideia</p>	<p>“ É uma notícia em que está tudo bem.” (P4/1)</p> <p>“ Realmente é muito benéfico vir para Lisboa assim vestida</p>	<p>“ É tipo uma atenuante... põem um título agressivo e depois uma atenuante, que aquela imagem para</p>	<p>“ Isto não interessa, não é? Isso já vai mexer na parte governamental... “vamos falar das pequenas coisas que podemos fazer em casa”, não é? (risos)” (P4/1)</p> <p>“ Se tivesse aqui uma</p>

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

	<p>preocupações todas (risos).” (P3/1)</p>	<p>e nós de chinelos e camisolinhas e começar a chover...” (P3/1) “Mas é muito mais importante saber classificar orações.” (em relação ao que ensinam na escola” (P2/1) “Se tivesse sido marcante recordavas-te. Tal como todos nós.” (em relação ao q se fala sobre este tema na escola) – (P2/1)</p>	<p>que passam (P4/1) “ eu vendo esta notícia vou pensar “incrível, que todos os meses de setembro sejam assim, porque eu quero é que, por mim, se não houvesse inverno, estava tudo bem.” (P4/1)</p>	<p>e chegar a Santarém logo, saio às 21h30, estar um frio que parece que vou congelar. Muito benéfico...” (P3/1) “Sim, no meio de todo o drama vamos encontrar algo positivo (risos) – em relação às noites serem + frias (P4/1) “as habitações não estão nem quentes, nem frias, estão amenas. Porque nós adoramos estar um dia</p>	<p>as pessoas não entram logo em drama. (risos)” (P4/1)</p>	<p>imagem do fim do mundo... (as pessoas leriam tudo) (risos)” (P4/1)</p>
--	--	--	---	--	---	---

				inteiro em casa, não é?” (P3/1)		
Práticas individuais	<p>“o que nós podemos fazer neste momento para reverter um bocadinho essa situação usando algumas inovações, para tentar não piorar e reverter a situação que é negativa” (P4/1)</p> <p>“ hoje em dia pessoas adotam meios de vida mais sustentáveis, com veículos elétricos, com casas inteligentes, recorrendo a essas energias renováveis” (P2/1)</p> <p>“ Eu pessoalmente</p>	<p>“ Se calhar, os que estão ligados a esta área pensam, mas a população em geral se calhar só pensa quando há uma alteração de repente, por exemplo uma temperatura insuportável que faz com que as pessoas pensem nisso. Mas normalmente, dia a dia, acho que pouca gente pensa.” (P1/1)</p>				

	<p>reciclo e não deito um papel ao chão, se vir um papel no chão é uma coisa que eu apanho, é algo que eu tento manter diariamente e pratico” (P4/1)</p> <p>“ Eu fui escoteira durante muitos anos. Acho que faz grande parte de questões ambientais até porque um dos nossos grandes objetivos é preservar a Natureza.” (P3/1)</p>					
<p>Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações</p>	<p>“energias renováveis, que neste momento começam a ser mais faladas e</p>	<p>“ devido à ineficiência ou mesmo ao facto de não quererem dos nossos governos fazer alguma coisa em</p>				<p>“se estas grandes entidades responsáveis conseguirem uma alteração...não conseguem fazer nada,</p>

<p>ambientais, Instituições de ensino...)</p>	<p>mais usadas”(P4/1) “Os recursos estão a ser escassos já... e de sermos pouco sustentáveis” (P4/1) “acho que neste momento estamos num período, eu considero ascendente com a introdução de tecnologias (solar, eólica).” “as energias renováveis e todo o lobby da poluição é tudo visto como um negócio e se calhar as coisas não são tratadas como deviam, para preservar mais o planeta mas sim da</p>	<p>relação a esse assunto, ou a maneira como o fazem, acho que, se nós, pagando os impostos e escolhermos representantes para resolver esses problemas por nós, já que é esse o objetivo de uma sociedade civilizada como a que temos, acho que é um pouco para o indivíduo comum difícil de vez em quando levar com essas questões na cara, essas notícias sensacionalistas e pensar “ok, e o que é que o meu governo está a fazer sobre isto?”.” (P2/1) “costuma-se dizer que temos um sistema de ensino do século XIX, com professores do século XX para alunos do século XXI.” (P2/1) “as questões ambientais continuam a ser</p>				<p>não é o leitor que vai conseguir provocar. Então é quase como comodismo, pronto é isto. Se eles dizem... nós acreditamos.” (P4/1) “ já ouvi muito mais falar este ano do interesse financeiro, e que as matas não são limpas e que o Estado dificulta também porque se tem de pagar a empresas privadas para se limpar um terreno que é nosso e pronto, como é óbvio, muitos dos proprietários dos terrenos em Portugal são pessoas com uma certa idade ou são terrenos demasiado pequenos que não justificam a ida de uma empresa para limpar esse terreno, e todas essas características geofísicas impedem depois um combate eficiente aos incêndios. Podiam haver,</p>
--	---	---	--	--	--	--

	<p>maneira que dá mais lucro ao governo ou a certas instituições e organizações” (P2/1) “Se calhar falta de informação. Sensibilizar, por exemplo, as pessoas com menos conhecimento nos bairros.” (P1/1) “tem tudo a ver com negócio, tanto que já se ouve falar há alguns anos atrás de, por exemplo, alternativas para os combustíveis, e avançaram com isso mas passado um ano ou dois, acabou,</p>	<p>completamente uma coisa que estão em segundo plano, de que se fala na disciplina de geografia, ou de geologia, mas que se fala porque tem que se falar das estações do ano, e depois quem quiser seguir esse caminho tudo bem, quem não quiser não é uma coisa muito presente. Então as crianças desde cedo não são educadas para se preocuparem com o sítio onde vivem de uma maneira maior. É de uma maneira mais pequenina...” (P4/1) “uma pequena palestra e um documentário que muitos de nós até já vimos, que é aquele “Uma verdade inconveniente”... e isso foi uma questão de uma aula de 90 minutos, talvez duas e o resto do</p>				<p>naturalmente, e até incitam haver muito mais incêndios. E já ouvi falar mais disso e acho que isso é positivo porque não se pode só falar de X pessoas que morreram e dos bombeiros que vieram de Trás-os-Montes para o Algarve para combater os incêndios.” (P2/1)</p>
--	---	---	--	--	--	--

	<p>deixou de ser falado, por alguma coisa foi” (P3/1) “acho que nem há muita informação de organizações ambientais e etc. Sinceramente eu não conheço, não me chega...” (P3/1)</p>	<p>período foi passado a PAC (política agrícola comum) e os seus alargamentos e que fundos é que a União Europeia dá a Portugal e como é que Portugal os aplica, portanto...daí se vê a quantidade de tempo que é gasta num assunto que é importante e que afeta a vida de todos e noutro assunto que serve para fazermos um teste no final do período, que afeta a nossa média, e que nunca mais vamos ouvir falar disso, a maioria de nós, a não ser que sigamos estudos nessa área.” (P2/1) “aquilo que eu ouvi falar foi em coisas que aconteceram há 100 mil milhões de anos. Porque da atualidade pouco ou nada, pelo menos eu não me lembro, também já foi</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>há alguns anos mas não me recordo sinceramente.” – Na escola – (P3/1)</p> <p>““não foi uma nem duas crianças, talvez entre os 6/7 anos e os 10/12 que se dirigiram a mim e aos meus colegas e perguntaram “nadador-salvador, onde é que eu ponho este caroço, onde é que eu ponho este pacote de sumo, onde é que eu ponho esta lata, porque eu não sei”, e eu fiquei um pouco chocado porque eu tinha ideia de que, mesmo uma coisa básica que é a separação do lixo, era lecionada nas escolas e aparentemente não é ou então não é com a eficiência que devia ser.” (P2/1)</p> <p>““acho que também passa muito pela educação. nas escolas,</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>desde cedo, desde o início, não dão uma visão muito macro (do planeta, da sociedade). Não nos educam para olhar para os outros, para a Natureza, como uma coisa que realmente faz parte de nós e “nós vivemos aqui, e é importante, é a nossa casa”. Ensinam-nos muito mais a ter relações dentro do nosso bairro ou dentro da nossa escola do que a relacionarmo-nos com uma coisa que é tão grande e que é tão essencial, que se não existir nós também não existimos.” (P4/1)</p> <p>“Também há esse problema, que é... por muito que nós queiramos separar, às vezes tem-se que dar a volta à cidade para conseguir o caixote do lixo.” (P3/1)</p>				
--	--	---	--	--	--	--

<p>Categorias sociais</p> <p>(Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade)</p>	<p>“eu vivo em Odivelas, chegamos ao sítio e há caixotes de lixo divididos mas há pessoas que nem sabem onde devem colocar aquilo. Metem no garrafão coisas de plástico” (P1/1)</p> <p>“em Vale de Forno verifica-se muito pessoas que incendeiam caixotes de lixo. Acho que é falta de informação porque assim uma pessoa não vai lá. E deitam as beatas de cigarro para dentro.” (P1/1)</p>	<p>“Enquanto que a preocupação da reciclagem...nem todas as pessoas se preocupam e talvez nas zonas mais rurais nem haja informação para isso.” (P5/1)</p> <p>“ Em Santarém, que é onde eu vivo neste momento, há imensos campos e coisinhas assim do género e acho que é um assunto de que toda a gente fala, se não é todos os dias, é quase todos os dias porque, lá está, é uma cidade também que vai a extremos, quando aqui está calor, lá está um calor infernal e quando aqui está frio, lá está um frio que não se pode.” (P3/1)</p> <p>“ Se calhar aqui, como Lisboa é muito maior, eu costume chamar</p>	<p>“ Aqui na cidade também é mais quente do que nas zonas rurais, que aqui a poluição aquece um bocadinho mais. Notei muita diferença quando vim para cá, porque estou a morar aqui, as diferenças da temperatura notam-se mais.” (P5/1)</p> <p>“ Eu por acaso discordo. (...) aqui em Lisboa e mesmo na zona onde eu vivo sente-se muito mais o efeito da oceanicidade, e</p>			

		<p>Santarém uma aldeia em ponto grande, lá toda a gente se fala, toda a gente se conhece e se calhar conseguimos falar mais sobre o assunto...aqui se calhar não se nota tanto.” (P3/1)</p> <p>“com a mudança do clima os agricultores sofrem muito. Quando chega o tempo têm de adiar, à espera das melhores condições para começarem. Se calhar é por isso que falam muito das alterações climáticas” (P1/1)</p> <p>“sei que há países de dentro da Europa que são muito mais desenvolvidos a esse nível, são muito mais ecológicos, e com certeza nas escolas devem ter temas muito mais aprofundados nesse campo mas aqui</p>	<p>uma temperatura muito mais amena quer no verão, quer no inverno. (...) tenho família na Guarda, tenho lá casa, e lá o verão são 40°, 45° secos, sem uma ponta de aragem e o inverno são 2/3 graus, até nevar grande parte do inverno.” (P2/1)</p>			
--	--	---	--	--	--	--

		<p>em Portugal o ensino agora não é muito diferente daquele que eu tive há 20 anos.” (P4/1)</p> <p>“na Guiné nós não temos essa...quer dizer, preocupam-se também com as alterações climáticas porque o deserto já está a chegar a zonas mesmo da Guiné.” (P1/1)</p> <p>“na Guiné juntamos num saco e metemos no lixo ou queimamos.” (P1/1)</p> <p>“Eu saliento que ainda há muitas localidades que não têm e há muita gente que não faz. Em minha casa não se faz porque não há caixotes do lixo.” (P5/1)</p> <p>“aconteceu quando cheguei da Guiné, estava mesmo nos primeiros meses. Vi uma senhora com um saco, com garrafas,</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		plástico... “então?” Mas não falei, só pensei. Passados 2/3 dias é que eu perguntei à minha irmã “então, isto aqui é para quê?” e ela “não, não, tem de ser aqui”. Depois lembrei-me de que a senhora estava lá a separar as coisas, plástico, garrafas. Por exemplo, na Guiné há pouco conhecimento sobre reciclagem. Preocupam-se, porque nos anos 90 considerava-se uma das cidades mais limpas da costa ocidental mas agora não, agora não, agora não...” (P1/1)				
Fonte de conhecimento geral	“Percebo que é pela prática que começo a ganhar esse costume, mas também porque procuro muito essa	“ Não é uma coisa em que eu pense todos os dias. Mas mais porque recebo muita informação sobre isso que, de alguma maneira, me obriga a pensar sobre isso. Digo:				“eu também não vejo o telejornal, é raro ver, vejo simplesmente por curiosidade, para ver como é que as notícias estão presentes hoje em dia, as minhas notícias chegam, principalmente

	<p>informação, é uma coisa que eu procuro estar rodeada de.” (P4/1)</p>	<p>páginas de Facebook, coisas que eu sigo, e newsletters, coisas que recebo no e-mail que estão relacionadas com isso e que são como lembretes que me fazem pensar...documentários que saem agora, informação, sei lá, Leonardo Dicaprio e tal, coisas que são alusivas a esse tema e que me obrigam a pensar mas não há um momento no dia em que eu possa dizer “sim, pensei nas alterações climáticas”. (P4/1)</p> <p>“Hoje em dia já não há muita gente que pára para ler e assim no telejornal, que eu também não vejo telejornal, mas se estiver no café e estiver a dar...”(P4/1)</p> <p>“a minha educação em</p>				<p>através das minhas redes sociais porque aí posso selecionar as páginas onde eu me quero informar e é muito mais prático e acho que é muito mais inteligenteeu também não vejo o telejornal, é raro ver, vejo simplesmente por curiosidade, para ver como é que as notícias estão presentes hoje em dia, as minhas notícias chegam, principalmente através das minhas redes sociais porque aí posso selecionar as páginas onde eu me quero informar e é muito mais prático e acho que é muito mais inteligente” (P2/1)</p> <p>“ Eu não vejo televisão, só quando estou em casa durante o fim de semana, se tiver a dar o telejornal ou na hora da refeição...aí oiço qualquer coisa, de</p>
--	---	--	--	--	--	---

		<p>relação a esse assunto não foi de todo na escola. Isso está fora de questão (risos). Foi sim num movimento que é o Escotismo porque aí sim ensinam-nos a viver com a Natureza, a viver com aquilo que nos dão, com o que temos de fazer para melhorar.” (P3/1)</p> <p>“tenho um irmão mais novo, tem neste momento 11 anos, e se eu lhe for perguntar qualquer tipo de coisa em relação à natureza ou ao mundo, ambiente, alterações climáticas e etc, ele não me vai saber responder. E está neste momento no 6º ano.” (P3/1)</p> <p>“porque nos interessamos...porque se não nos interessássemos...lá está, eu tive o escotismo, ela se calhar</p>				<p>resto...via Facebook, se aparecer lá as notícias. Não sigo jornais online, sou um bocadinho desligada...” (P5/1)</p> <p>“Através do Facebook, sigo a Euronews, a CNN, o Expresso, a Sic Notícias...assim dessas notícias assim da atualidade. E depois sigo muitas páginas de ONG’s, do ambiente, e sem ser do ambiente, várias coisas que falam de notícias mais a nível mundial, coisas mais gerais, não tão centradas em Portugal, mas da humanidade em geral. Então a minha base de informação, e quando quero procurar vou a essas páginas ou abro Expresso...normalmente abro o Público e vou ver. Acho que para mim, aqui em Portugal, são as fontes mais credíveis, não vejo televisão.”</p>
--	--	---	--	--	--	---

		<p>teve outros meios, ele teve outros meios... porque se não fosse por iniciativa própria talvez também não soubéssemos onde pôr uma garrafa de água.” (P3/1)</p> <p>“eu no secundário não tinha Facebook nem usava internet, sei lá, agora já vejo que sim... a informação era muito mais adquirida pelo telejornal ou rádio, e hoje em dia já conseguimos ter informação de outras vias pela internet, como é o caso de, por exemplo, documentários.” (P4/1)</p> <p>“eu não vejo notícias e sei o que é que se passa na atualidade, escolho as notícias que quero ver, na possibilidade que a internet me dá, não é? Eu posso escolher aquilo que eu</p>				<p>(P4/1)</p> <p>“(recusa-se a ler ou ver jornais) não tenho muito interesse porque as notícias são muito manipuladas. Às vezes há uma coisa ou outra que todos falam ou estamos sentados num café e toda a gente fala e digo “ok, então vá, expliquem-me lá o que é que se passa?” Porque eu costumo dizer que eu gosto de viver na minha ignorância porque não gosto da ignorância geral.” (P3/1) “Quando quero saber alguma coisa em concreto pesquise. Agora...não, recuso-me. Há muita manipulação, infelizmente.” (P3/1)</p> <p>“Eu telejornal também não, não tenho tempo e não vejo. Mas costumo ver nas redes sociais as notícias. E as páginas que também sigo às</p>
--	--	--	--	--	--	---

		quero ver e saber o que se está a passar no mundo, mas prefiro não o saber por exemplo através das notícias da CMTV. Não preciso, se calhar quero notícias mais viradas para os assuntos que me interessam e excludo outras, e antigamente isso não era possível.” (P4/1)				vezes vejo.” (P1/1)
Avaliação da imprensa	“devido à influência dos <i>media</i> é difícil não associarmos as alterações climáticas ao aquecimento global mas também acho que é um assunto pouco divulgado” (P2/1)	“em vez de publicarem coisas assim do género, como temas atuais e pesquisas não.” (P3/1) “ quando foi as cheias aqui em Lisboa, lembro-me de que todos os meios de comunicação foram logo buscar imagens de arquivo e tudo mais para justificar as chuvas naquela altura do ano, com tanta intensidade. Normalmente é quando	“Não sendo uma notícia preocupante ou negativa mas sim um motivo de alegria, vá lá.” (P2/1) “Sim, engraçado, agora estou a... quando vêm essas imagens das vagas de calor, mesmo sendo fora de	“ Eles estão só a observar, pronto, os factos, descrevem e não há qualquer tipo de interpretação. Dizem que pode ter sido de um anticiclone e pronto, mas	“ Esta já começa melhor...” (P5/1) “ O título, pelo menos... mas a fotografia também...” (P4/1) “ Mas continua a haver uma imagem positiva.”	“ é um pouco o descartar da responsabilidade” (P2/1) “Mais realista.” (P4/1) “ Mas falta, para mim para ser um texto de mínima qualidade, falta aqui a parte do “e o que é que podemos fazer sobre isto”, que não existe, isto é...um facto, “estamos assim”.” (P2/1) “Acho que devia também explicar o

		<p>acontece alguma coisa que afeta diretamente a população é que os meios de comunicação gostam de explorar esse assunto.” (P2/1)</p> <p>“E nas vagas de calor... que foi a vaga de calor desde há 30 anos atrás... isso explica-se porque agora com as alterações climáticas... aí sim, eles mencionam sempre as alterações climáticas exatamente para explicar quando acontece alguma coisa. Mas não é uma notícia que aparece isolada, sem uma causa. Não é uma notícia que apareça no telejornal “vamos falar sobre as alterações climáticas” (P4/1)</p> <p>“ou é no Público ou é no Expresso, e eu até vi online, não é uma coisa que dá na televisão, a</p>	<p>época, aparecem imagens das pessoas no Algarve, na praia.” (P4/1)</p>	<p>está tudo bem. Em outubro espera-se recuperar e voltar.” (P4/1)</p> <p>“É uma notícia meramente informativa.” (P4/1)</p> <p>“Isto é cómico. Por isso é que não vejo notícias, porque disserem que isto é benéfico porque permite ao corpo recuperar...” (P3/1)</p>	<p>(P3/1)</p> <p>“ Sim, o título descreve um facto alarmante e, no entanto, associam a um facto que toda a gente gosta, a generalidade das pessoas, que é estar na praia e férias...” (P2/1)</p>	<p>porquê de não conseguirem, porque ao explicarem o porquê (...)as pessoas que leem isto “ok, então mas não sabemos nada” e voltam, lá está, a ficar com o que dizem e eu não posso fazer nada, é a opinião de toda a gente lá fora, é “o que é que vamos fazer?”” (P3/1)</p> <p>“Não especificam...porquê que não conseguiram alcançar esse objetivo? Porquê que não conseguiram os 2 graus? O que é que aconteceu de errado para que isto tivesse acontecido? Dizem só que aconteceu, estima-se que não vá acontecer tão cedo, que talvez só em 2030, mas não dizem porquê.” (P4/1)</p> <p>“sinto muitas vezes que atribuem fatores que não</p>
--	--	---	--	---	--	--

		<p>que a maior parte das pessoas tem acesso, que param para ver as notícias é pela televisão.” (P4/1)</p> <p>“o telejornal às vezes vê-se as mesmas notícias, sempre com o mesmo conteúdo, as tragédias, e não há assim uma notícia isolada sobre o ambiente. Tipo “vamos falar sobre conclusões que foram encontradas agora, não, é sempre por uma tragédia que se vai falar sobre esses fatores sobre o ambiente.” (P4/1)</p> <p>“esse tipo de notícias sobre o ambiente obriga as pessoas a olharem, a terem uma visão macro – planeta, milhares de milhões de pessoas, uma coisa muito superior, e que está fora do nosso controlo. Percebemos que quem</p>				<p>são os principais causadores. Falam da poluição, falam da reciclagem, só. “Não deixe a sua torneira aberta enquanto está a lavar os dentes”, não é? Mas depois esquecem-se de que, por exemplo, as indústrias de bovinos e de leite e de carne e etc. e toda a poluição toda que há para aí e desflorestação, por exemplo...” (P4/1)</p> <p>“acho que eles nitidamente invalidam os enormes, que não estão ao nosso alcance, que nós não podemos diretamente fazer alguma coisa, mas invalidam esses assuntos com os nossos, não é? “Vamos só falar daquilo que as pessoas realmente podem fazer alguma coisa já, diretamente”. Aqueles que não podem e que, se</p>
--	--	---	--	--	--	--

		<p>está a ter controlo sobre isso não está a ter, não está a adotar as medidas, não está a ter tanta ação.” (P4/1)</p> <p>“Aquelas notícias que dão na televisão que eram uns ventos de África, que é sempre uns ventos de África que vêm...uma frente africana que veio e pronto... (risos). E a notícia foi dentro disso, não aprofundaram nem explicaram...” (P4/1)</p>			<p>calhar, estão na origem deste insucesso não chegam até nós. Nem de maneira clara, nem de maneira não clara. Até podia estar aqui escrito numa linguagem que a maior parte do público não ia perceber nada, às vezes acontece, mas nem isso. Podia estar aqui e eu poder dizer “ah ok, perfeito, não entendo nada do que isto quer dizer”, mas podia estar para quem entendesse, ao menos saberiam o que estava ali, mas nem de uma maneira nem de outra.” (P4/1)</p> <p>“sinceramente eu vejo os títulos...” ok, a temperatura do ar está a aumentar” e vejo pessoas na praia...” fantástico, adoro”. Aqui um rapazinho a mandar-se para o rio e “setembro foi o mês</p>
--	--	--	--	--	---

						<p>mais quente, lá está, “que sejam todos os setembros assim, e setembro, outubro, novembro e dezembro e o resto do ano” ... é ridículo. Querem cativar as pessoas, querem dizer “isto é preocupante”, não me metam imagens de pessoas em biquínis na praia.” (P3/1)</p> <p>“Sim, as imagens são aquilo que tem mais impacto inicialmente, não é aquilo que nós vamos ler. A primeira coisa que nós captamos é a imagem... as sensações que aquela imagem nos provoca, não é?” (P4/1)</p> <p>“Se tivesse aqui uma imagem, pá “vamos fazer alguma coisa ou isto daqui a 50 anos acabou...eu acredito que as pessoas fossem ler.” (P4/1)</p> <p>“a informação muitas</p>
--	--	--	--	--	--	--

						vezes é demasiado técnica para a população pouco instruída e é pouco técnica para a população instruída. Ou seja, eu olho para um artigo destes, eu sou uma pessoa que está no 1º ano de licenciatura, não tenho uma educação superior, para já tenho uma educação do secundário e não há nada aí que eu não compreenda ou... eu olho para isso e ok, se eu me interessar por este tema vou a um blogue ou a uma página de uma ONG, algo mais específico, que me dê dados, que me dê referências a artigos para que eu possa pesquisar.” (P2/1)
Posição/Crenças	“Diariamente é uma coisa que eu penso porque estou rodeada	“A mim faz pensar aquecimento global e toda a problemática que envolve o aquecimento	“Eu esperava que este setembro tivesse sido			“ Eu acho que isto são pessoas que querem realmente falar daquilo que é realidade mas

	<p>de pessoas que se preocupam com o meio ambiente e que falam sobre essa questão de sermos mais sustentáveis, de pensar no planeta, não no sentido do negócio” (P4/1) “Eu não penso assim todos os dias mas quando me deparo com uma situação levo-me a pensar.” (P1/1)</p>	<p>global.” (P5/1) “o aquecimento global não se resume só à informação que eu tenho e que me fazem chegar, não se resume só ao ficar mais quente ou ao clima ficar “esquisito” (P2/1) “com o aquecimento da temperatura, portanto, essas calotes são as primeiras zonas a sofrer e isso pode trazer alterações drásticas mesmo à raça humana e à forma como vivemos” (P2/1) “acho que é um bocadinho pescadinha de rabo na boca, as coisas estão todas interligadas umas às outras” (P4/1) “Eu acho que para a maioria das pessoas é” – uma preocupação – (P3/1) “eu não vejo notícias, muito sinceramente. Eu</p>	<p>agosto porque estive a trabalhar na praia e o agosto foi péssimo e se fosse setembro teria vendido mais gelados.” (P5/1)</p>			<p>depois passam por todo um processo de edição e para chegarem cá fora vai ter que chegar assim. Mais suaves. Tem de ser notícias que falam sobre as coisas mas que seja de maneira muito suave.” (P4/1)</p>
--	---	---	---	--	--	---

		<p>sou contra os <i>media</i> e todas essas coisas porque para ver desgraças já nos basta olhar para a rua.” (P3/1)</p> <p>“eu notícias não vejo, não sei, não quero saber.” (P3/1)</p> <p>“Quando voltei a Santarém, todos nós ficámos malucos porque “uau, aqui está um calor que não se pode”. É as alterações, a semana passada está calor, esta semana já está um frio horrível, toda a gente nota estas alterações e toda a gente fala.” (P3/1)</p> <p>“Eu fico doente mais facilmente, por exemplo. Porque se numa semana está calor e andei com roupa mais fresca, se calhar não estou à espera que passados dois dias realmente as</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>temperaturas vão descer tão drasticamente e não vou tão bem preparada com roupa naquele dia e é o suficiente, se calhar para apanhar uma gripe ou o que quer que seja. O que eu sinto mais é na saúde” (P4/1)</p> <p>“ Acho que acaba por afetar até mesmo o nosso desempenho na faculdade ou no trabalho, porque se num dia está muito calor e é desconfortável, noutro dia está muito frio... acho que acaba por indiretamente influenciar a nível psicológico.” (P5/1)</p>				
Faixa geracional mais nova (categorias sociais)		<p>“ Já não dá para sentir o outono e eu, por exemplo na escola, lembro-me de chegar o outono e de chegar a</p>				

		<p>primavera. Eu sentia o que era o outono e a primavera, agora não, agora está frio, a semana passada esteve calor, não sei se para a semana as temperaturas sobem ou descem e isto é realmente um indicador de que alguma coisa não está bem” (P4/1)</p> <p>“sem dúvida que a nossa geração é muito mais alerta para estas questões ambientais do que a geração dos nossos pais e até mesmo dos nossos avós.” (P2/1)</p> <p>“Talvez porque apanhámos a diferença.” – mais informados (P3/1)</p> <p>“E temos mais acesso.” (P4/1)</p>				
Faixa geracional mais velha	“ As pessoas dizem “ah, o	“E quando as pessoas se põem a comparar,				“ Talvez se eu for entregar isto, já não digo

<p>(categorias sociais)</p>	<p>tempo está todo maluco”... assim esses comentários de pessoas menos escolarizadas.” (P5/1)</p>	<p>por exemplo “antigamente havia..” Eu vejo pela minha mãe, por exemplo, que antigamente existiam bem delineadas as 4 estações e que agora existem duas estações, de extremos.” (P4/1) “Eu acho que sim, acho que as pessoas que não tiveram escolaridade acho que pensam sobre isso, podem não ter uma razão mas pensam, acham estranho, eu acho que sim.” (P5/1) “Já falam que hoje em dia as coisas já não são como eram antigamente, se calhar não vão falar naquele nível científico mas dizem que a poluição ou que são as indústrias, que são as fábricas, e que são aqueles aviões que largam aí umas coisinhas no ar e que</p>				<p>aos meus pais, mas a uma pessoa ligeiramente mais velha do que os meus pais ou aos meu avós, eles vão olhar para isto e vão ler as gordas como a colega disse há bocado e vão pensar “ok, fantástico, está tudo bem, não se vão dar ao trabalho de ler esse texto, que para mim está bem escrito, o texto está bem construído, mas não... é “papa”, não tem substância.” (P2/1)</p>
------------------------------------	---	--	--	--	--	--

		<p>“alteram”, e controlam a meteorologia, não sei (risos)... mas já ouvi e portanto sabem que tem alguma coisa a ver com as alterações climáticas, que são consequência de alguma coisa provocada por nós.” (P4/1)</p> <p>“Nem os meus pais têm esse tipo de pensamento. Aliás, a maior parte dos conceitos a que eles se calhar tiveram acesso foi através de mim.” (P4/1)</p> <p>“a minha mãe sabe. Sabe que eu faço, e eu às vezes digo-lhe, mas...é uma preocupação nossa, não vou obrigá-la, não é?” (P4/1)</p> <p>“A minha filha obriga. Desde que cheguei cá “tem de ser separado, é para separar”. (risos)” (P1/1)</p>				
--	--	--	--	--	--	--

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

--	--	--	--	--	--	--

(P6/2)	Ambiente	Alterações	1ª Notícia	2ª Notícia
---------------	-----------------	-------------------	-------------------	-------------------

			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Emoções positivas	“ O ambiente é tudo o que nos rodeia, é tudo de bom.” (P6/2)					
Emoções negativas		<p>“ Preocupa-me imenso” (P8/2) (...) Muito, muito, principalmente os pólos.” (P8/2) “ preocupo-me com o futuro dos meus filhos.” (P8/2) “Eu sinto impotência pessoal.” (P8/2) “Culpa, um bocadinho de culpa.” (P7/2) “Eu sinto-me triste...” (pelos líderes mundiais fazerem pouco) (P8/2) “Tristeza e impotência.” (ao ler artigo sobre degelo) (P8/2) “culpa geral, não é? Não sou só eu. (...)E tristeza, claro.”</p>		<p>“ No tempo, se houver daqui a um mês, mais duas ou três em 2017, aí já é preocupante.” (P8/2) “ Preocupante será, e não gosto muito de fazer (risos) previsões, mas é muito provável que aconteça no próximo e nos próximos anos e aí é muito preocupante.” (P8/2)</p>	<p>“ Em termos pessoais não, não é. É bem negativo (risos).” (Mood ao ver a notícia) (P8/2)</p>	<p>“ Eu sinto preocupação mesmo.” (P8/2)</p>

		<p>(P7/2) “no meu caso penso logo “isto está tudo ao contrário”...”</p> <p>(P8/2) “É muito preocupante.” (não se associar aos incêndios as alterações climáticas nas notícias) (P6/2)</p>				
Uso da Ironia			<p>“Qualquer dia não há inverno (risos). (P7/2) “Olhando para a fotografia posso começar a tirar férias em outubro” (P8/2)</p>		<p>“ Para mim é um dia de verão. Estamos para aí em agosto, em Albufeira.” (P8/2)</p>	
Práticas individuais	<p>“ Neste momento eu faço parte de uma associação americana, que é Watch Worlds, e faço pouco porque é mais debates também online e há exposições</p>	<p>“ Diariamente não (risos) – pensa com que frequência – (P7/2) “ Na realidade não. Não penso diariamente. Mas</p>				<p>“ Acho que individualmente dá para contribuir mas não vai ser... não se resolve o problema assim. Pode-se resolver um bocadinho, mas não é relevante para</p>

	que vão acontecendo também de sensibilização, mas em Portugal não estou ligado a nenhuma mais por falta de tempo.” (P8/2)	preocupo-me com o futuro dos meus filhos.” (P8/2) “ Eu faço reciclagem” (P7/2) “ Tentando sensibilizar também as pessoas para reciclar” (P6/2) “ Eu tive sempre essa preocupação, já há muitos anos.” (reciclagem) (P8/2) “ Faço-o (risos), seria mais cómodo e mais fácil estar mais perto, mas faço-o. E acredito que há muita gente que não possa fazer esse 1km para separar o lixo, e isto é só um pormenor no meio disto tudo.” (P8/2)				o problema geral.” (P7/2) “ Devíamos fazer mais. Eu devia vir mais vezes de transportes públicos aqui para a faculdade e não o faço. Faço carsharing, tento levar o carro cheio de gente o mais possível, mas é um assunto que se fala pouco. Mais transportes públicos, mais...” (P8/2)
Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações ambientais, Instituições de	“ até que ponto funcionam e até que ponto andam a resultar e até que ponto se aplicam verdadeiramente,	“ Só que, também, verdade que muito foi feito mas continuo a ter que fazer 1km para pôr o lixo.” (P8/2)				“? Há várias teorias, uma delas é o gado, que liberta mais gases de efeito de estufa do que os próprios automóveis. Vamos fazer o quê?

<p>ensino...)</p>	<p>porque há muitas teorias que se pode fazer aquilo e o outro para ajudar o ambiente mas não se aplicam assim tanto.” (P7/2)</p>	<p>“ por não conseguir isoladamente fazer nada, e depois olho para a História, por exemplo para as cimeiras como Quioto e afins, e a verdade é que, na realidade fazem muito pouco, isso é tão urgente que vão fazendo, como já disse, mas na verdade com cimeiras internacionais, a nível mundial, há países que nem assinam os acordos. Os EUA é um deles, são dos maiores poluidores da Terra, e são dos poucos que não assinam os acordos de preservação do planeta.” (P8/2)</p>				<p>Vamos evitar o consumo de carne novilho? A nível de indústrias automóveis já vão fazendo uns esforços, podiam ser muito mais rápidos, como os carros elétricos. Mas para isso é preciso incentivos também para... quando falamos em carros elétricos falamos na Europa e EUA. E o resto do mundo? São pouquíssimos os carros elétricos em África, na América do Sul...porque são caros. E os próprios governos não dão para incentivar aqui uma tentativa também de baixar os preços dos carros elétricos nos meios interiores, não funcionou...continuamos com pouquíssimos carros elétricos porque são caros, são muito caros (risos).” (P8/2) “Tudo isto anda à volta</p>
--------------------------	---	--	--	--	--	--

						<p>somente do dinheiro.” (P8/2)</p> <p>“E as pessoas pensam no imediato, esquecem-se do futuro. Só mesmo com decisões do governo, e os governos centrais é que deviam baixar preços, e isso podia ser feito se houvesse vontade política mas a verdade é que não há.” (P8/2)</p> <p>“Começando nas escolas, já deveria ter sido há mais tempo. Eu acho que tive ecologia quando andava no liceu, mas era assim uma coisinha muito. O meus filhos não falam de ecologia vindo da escola, só falam comigo em casa, não têm aulas de sensibilização, não têm notícias, isso é uma realidade nacional.” (P8/2)</p> <p>“Ainda por cima se o problema está assim. Se</p>
--	--	--	--	--	--	--

						estamos neste estado, mais sensibilização deveria haver.” (P7/2) “nunca nos mostram qual é a consequência de explorar o meio ambiente. Então, se começassem a sensibilizar na escola, pelo menos vamos estar a crescer com aquela mentalidade “exploramos o meio ambiente mas são estas as consequências”. (P6/2)
Categorias Sociais (Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade)	“O ambiente está a ser explorado. Principalmente em África. O ambiente está a ser muito explorado.” (P6/2)	“ para mim, o meu ponto de vista está a ser tudo de novo. Lá no meu país eu não tinha, por exemplo, inverno. Aqui está a ser uma mudança drástica, até me acostumar com o inverno... está a ser diferente.” (P6/2) “ É tudo à base de verão, verão eterno. Tem uma certa				“ Mas uma coisa é certa, só mesmo a nível global é que conseguem resolver o problema. Porque não serve de nada nós andarmos aqui menos de 10 milhões de habitantes a usarmos carros elétricos como acontece em alguns países do norte da Europa, mas depois temos a China, temos Bogotá, a cidade do

		<p>altura em que começa a chuva, depois para. Seis meses de chuva, seis meses de calor. – Na Guiné (P6/2)</p> <p>“ultimamente tem sido muito explorado lá na Guiné as árvores, corte das árvores, e não sei se isso pode afetar o clima...a chuva começava em maio e agora vai tipo até junho para começar.” (P6/2)</p> <p>“Eu... alterações climáticas...o que noto, na minha zona (Elvas), é que cada vez o frio é mais frio e cada vez o calor é mais quente (risos).” (P7/2)</p> <p>“(Na Guiné) Não, é tudo em conjunto (separação do lixo) (P6/2)</p> <p>“é diferente, ter que</p>				<p>México, tem só numa cidade mais habitantes que Portugal tem inteiro, a usar gasóleo e tudo o que possa provocar o efeito de estufa, como a emissão de gases (risos). Portanto, só os países todos juntos é que podem resolver alguma coisa e, como tal os países mais pobres.” (P8/2)</p>
--	--	---	--	--	--	--

		pôr tudo no sítio, porque lá usas qualquer coisa, pões num sítio, ou jogas na rua, as pessoas jogam tudo” (em relação a PT) (P6/2)				
Fonte de conhecimento geral		“ Televisão, internet” (P6/2; P7/2; P8/2) “ Jornais não. Eu não leio jornais” (P7/2) “Jornais online; É mais online, Facebook” (P8/2; P7/2)				
Avaliação da imprensa		“Li sobre os ursos polares, uma história de um urso fêmea a morrer à fome. Porque o seu território de caça tinha diminuído exatamente por causa do degelo, e ela estava pele e osso.” (P8/2)	“ A mim vai de acordo ao que se tem passado nos últimos anos, realmente as estações estão mais desfasadas, o verão é mais prolongado, o	“ O texto em si não me diz muito, também, verdade. Que se virmos bem houve vagas de calor em 1931, houve vagas de calor em 1975, será normal...se		“ Esta sensibiliza muito mais. E é muito mais realista em relação ao problema. Também se calhar um bocado pessimista, que uma pessoa olha e pena “e, já não posso fazer nada, pronto, acabou (risos)”. (P7/2) “– Esta já nos fala em

		<p>“ aparece regularmente, naquelas notícias de Facebook aparecem regularmente notícias sobre os efeitos de alterações climáticas, aparecem. Aparecem bastantes, vocês não acham?” (P8/2)</p> <p>“eu vi aquela do pianista que foi para o Ártico, para sensibilizar também...” (P7/2)</p> <p>“O que eu vi foi para tomarmos cuidados com os idosos e os mais novos por causa da alta temperatura” (P6/2)</p> <p>“Lembro-me de outubro ter sido o mês mais quente dos últimos dez anos...” (P8/2)</p>	<p>inverno – pelo menos nos últimos dois anos tem sido mais quente” (P8/2)</p> <p>“ praia, férias...” – a imagem remete para isso. (P6/2)</p> <p>“ A fotografia por si só não me diz nada mas o título por si só diz-me e é negativo.” (P8/2)</p> <p>“Se a imagem viesse acompanhada com legenda, é negativo. Se a imagem viesse acompanhada com nada seria positivo. Tal como está,</p>	<p>terá sido só esta vaga de calor agora este ano... nós sabemos que não.”(P8/2)</p> <p>“ Eu quando li aqui a parte da chuva por acaso lembrei-me dos terrenos, e das colheitas e da alimentação. Ainda não me tinha lembrado. Mas é algo problemático a notícia.”</p>	<p>dados reais e científicos, preocupam-se com o efeito de estufa, já nos dá dados...” (P8/2)</p> <p>“ Esta é mais séria.” (P8/2)</p> <p>“ Vem-nos alertar do perigo.” (P6/2)</p> <p>“ Os media tradicionais, o que eu tenho é as notícias que saem, são tudo o que seja sensacional. Tanto que não me lembro, aquelas notícias com mais impacto... já nem vejo, são tudo notícias para o sensacionalismo, para o positivo e para o negativo. Não são coisas sérias porque este tipo de notícias dá para os media... como esta segunda notícia que nós vimos, se fossem mais sérias... com mais dados, com mais dados, sem entrar na desgraça ou, talvez tivesse um alcance maior.” (P8/2)</p>
--	--	--	--	--	--

			<p>é negativa para mim.” (P8/2)</p>		<p>“ Não, não está. (o papel dos media não está a funcionar para a sensibilização”) (P6/2) “ os media portugueses estão a atravessar uma fase muito estranha também, muito estranha, porque a passagem do papel para o online levou ao despedimento de muitos jornalistas sérios e então notícias sérias em jornais sérios há poucas, porque vendem menos jornais, o online não está a funcionar tão bem quanto a imprensa esperava, não porque não dá muito dinheiro.” (P8/2) “ Não são notícias sérias, não captam a atenção das pessoas, os media em Portugal, e então se olharmos para a televisão temos um canal que se chama Correio da Manhã Tv, que é assustador (risos).”</p>
--	--	--	-------------------------------------	--	--

						(P8/2) “ Eu acho que deviam haver mais notícias destas, assim sérias, se calhar com o acréscimo de aconselhar as pessoas a fazer alguma coisa.” (P7/2)
Posição/crenças	“ não sei, acho que estamos a prejudicar cada vez mais o ambiente. (...) (vejo o ambiente) Um bocado estragado e degradado e cada vez mais nos preocupamos menos com isso e cada vez acontecem mais problemas.” (P7/2) “está melhor nos últimos dez anos do que estava há 15 anos. Foi estragado por volta dos anos 50 e depois houve uma sensibilização com a opinião pública que, apesar de continuar a haver estragos, pelas major companies	“ parece que já não é exatamente aquele período da estação, parece que dura mais tempo cada uma delas, já está desfasado daquilo que se dizia que era quando é que começa o verão, e quando acaba, e parece que já está a desfasar um bocado.” (P7/2) “ isso é uma realidade inequívoca, que é alterações, basta olhar para a costa portuguesa, para as praias, e são cada vez menos.” (P8/2)	“ tenho em crer que vai continuar” (as estações estarem mais desfasadas); “ O que me faz parecer é que não tarda nada é que teremos o mesmo clima que no norte de África.” (P8/2)	“ Se no próximo ano não houver uma vaga de calor, se se estabilizarem as temperaturas e só houver outra daqui a dez anos ou daqui a 20, é uma coisa normal, é uma coisa cíclica, de vez em quando vem uma vaga de calor.” (P8/2) “ só falam de setembro deste ano, em que comparam com		

	<p>industrializadas, há uma sensibilização maior por parte das populações para a preservação do ambiente e das gerações mais novas. Não resolve mas pelo menos as pessoas estão mais atentas” (P8/2)</p>	<p>“ lembro-me que quando era miúdo havia verão, e, como a Beatriz disse: havia datas marcadas. Nós sabíamos que começava o verão no final de Maio, princípio de Junho, e ia até outubro, quando começássemos as aulas já estava frio. Agora não. Está tudo subvertido, no verão chove imenso, no inverno de vez em quando há umas secas que não é nada normal, realmente essa parte e...no resto do mundo está tudo igual. Na Patagónia há 20 anos vai o gelo tal como estava da última vez, estive lá há 5 anos, já tinha recuado 2 metros.” (P8/2)</p>		<p>75 e 31, não acho muito mal. Vamos esperar se esta vaga só se repete daqui a 10 anos, pronto, menos mal. Se ela se repetir daqui a dois ou três anos é muito preocupante.” (P8/2)</p>		
--	--	---	--	--	--	--

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

		“Eu tendo a pensar, tipo, no futuro. Hoje estamos a prejudicar o meio que vamos ver daqui a dois				
Grupo 3 (P9/3) (P10/3) (P11/3) (P12/3) (P13/3) Faixa geracional mais nova 5 participantes (categorias sociais) Emoções positivas	Ambiente	anos, três, estamos a prejudica-lo, como é que vai ser? E ficamos numa base de incógnita.” (P6/2) Alterações climáticas	1ª Notícia		2ª Notícia	
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Faixa geracional mais nova 5 participantes (categorias sociais) Emoções positivas						
Faixa geracional mais velha (categorias sociais)	“Acho um bocado triste porque é uma coisa	“Eu sinto um bocado de medo” (P10/3)	“Surpresa (...) Porque	“		“ Neste senti raiva das pessoas que

	<p>essencial para nós e não lhe damos o devido valor. E pronto, acho um bocado triste esse sentimento de indiferença face a uma questão tão importante.” (P9/3) “Talvez desrespeito. Não só por nós, que ainda estamos cá, mas pelos que vêm.” (P12/3)</p>	<p>“De certa forma, angústia. Pelas pessoas que lidam diretamente com os fogos, a população, que tem de sair das suas casas, porque o fogo está a se aproximar, dos bombeiros que morrem a tentar lutar contra as chamas.” (P10/3) “Assusta. (Risos) é porque algo não está bem, algo que eu não vejo como normal.” (P9/3)</p>	<p>normalmente em setembro não é quente, é frio já. “Também fiquei surpreendida porque, supostamente os meses mais quentes são em agosto, e quando eu me deparo com a notícia que setembro, que supostamente é o mês do início do outono, que foi o mais quente...” (P10/3) “). Se calhar dá-me um bocadinho mais de raiva até pela imagem que eles põem</p>			<p>escreveram o artigo. Como se nós, que estivéssemos a ler o artigo, íamos de repente “olha, vou salvar o mundo”. Porque o que eles estão a falar é de conferências e mais conferências que chefes mundiais tiveram.” (P13/3) “Também. – sentiu raiva” (P12/3)</p>
--	---	---	--	--	--	--

			como se fosse verão e é completamente normal” (P12/3)			
Uso da Ironia			“vamos aproveitar para ir para a praia e isso é que é importante” e, lá está, o pouco valor que as pessoas dão ao que está a acontecer. As pessoas...”ah, mais tempo de sol, boa, vamos para a praia em vez de pensar que se calhar alguma coisa não está bem”, porque há 20 anos não era assim. Pronto, acho que é um bocadinho por			

			aí (risos).” (P12/3)			
Práticas individuais	<p>“sinto que as pessoas acabam por dizer que se preocupam, mas depois não fazem nada para combater. Ou seja, à frente das outras pessoas tentam dar um sentimento de preocupação, num entanto em casa num ato simples que é a reciclagem são incapazes de fazer.” (P12/3)</p> <p>“ Eu sinceramente não penso muito.” (nestas questões) (P12/3)</p> <p>“Eu acho que penso quando sou confrontada com algum tema.” (P10/3)</p> <p>“penso mais na poluição do que no clima.” (P13/3)</p>	<p>“ culpa nossa porque nós estamos a poluir e a influenciar o ambiente e depois isso reflete-se nomeadamente nessas questões das alterações climáticas.” (P9/3)</p> <p>“ Por exemplo, se agora saísse uma notícia e dissesse “não sei quantas crianças estão a morrer à fome” ou “houve uma guerra num país qualquer”, pronto, as pessoas ficam chocadas, e quando é estas questões parece que “ah, é normal, as coisas agora são assim, os tempos mudaram (risos), não dão tanta relevância se calhar.” (P11/3)</p>		<p>“ nós costumamos dizer “ah, o calor do Alentejo é diferente”, e este ano fui lá algumas vezes e eu não notei grandes diferenças face a Setúbal. Eu achei tão quente como cá, não foi assim um choque como costumava haver noutros anos. Porque aqui está a falar: as temperaturas nem são muito diferentes e está relacionado com o que eu senti quando lá fui.” (P11/3)</p> <p>“o meu irmão</p>		<p>“ Eu acho que nós também temos um papel importante. Porque se as fábricas produzem e poluem é porque alguém compra aquilo que elas produzem e aquilo que elas poluem.” (P11/3)</p> <p>“ se calhar as pequenas atitudes que temos, pelo menos já não estamos a piorar, mesmo que não demos um grande contributo, pelo menos não pioremos, pronto.” (P9/3)</p>

				<p>faz anos a 27 de outubro e é sempre uma dificuldade enorme arranjar um sítio para lhe fazer a festa de anos, este ano, por exemplo, nós pudemos fazer num parque ao ar livre, eles por acaso aqui estão a dizer que as temperaturas ao fim do dia baixam mas nesse dia esteve calor o dia inteiro, e os miúdos foram de t'shirt e calções como se fosse verão, portanto. Pela primeira vez em 9 anos, na existência dele, não houve chuva no seu dia</p>	
--	--	--	--	---	--

				<p>de anos. Também é de estranhar.” (P12/3) “Reciclagem. Mas isso toda a gente faz, acho.” (P13/3) “usar transportes públicos. Ou andar a pé. A reciclagem...” (P9/3) “Eu nunca deito lixo para o chão e depois tenho a mala toda cheia de lixo (risos).” (P11/3) “apanho o lixo dos meus amigos e obrigo-os a deitar no lixo (risos).” (P12/3)</p>		
<p>Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações</p>	<p>“ por mais que se criem protocolos ou se criem regras para estabelecer um limite de CO2, por</p>	<p>“ acho que só vai ser tomada uma medida quando for drástico, ou seja, quando nos</p>				<p>“ São eles que estão por detrás de tudo, não sou eu, uma cidadã</p>

<p>ambientais, Instituições de ensino...)</p>	<p>exemplo, para a atmosfera, é difícil conseguir que se chegue a um determinado consenso acerca desse tema.” (P10/3)</p>	<p>sítios onde o verão costuma ser quente começar mesmo a haver períodos de seca, e nos locais onde o inverno até é relativamente suave começar a haver temperaturas negativas.” (P10/3) “e como vivemos num mundo capitalista, como a colega disse, estão mais preocupados com o fabricar as coisas. As fábricas, os fumos das fábricas, estão a contribuir para a tal alteração climática, e isso é um problema que as pessoas só vão reparar quando houver mesmo um boom, por assim dizer, um grande efeito.” (P13/3)</p>			<p>normal, que está a prejudicar o planeta inteiro. São corporações e mais corporações que estão a prejudicar.” (P13/3) “ não é por eles estarem a dar-me este artigo para eu ler que me vão consciencializar que vou salvar o planeta. Não, tem que, eu costumo dizer que tem que chegar às grandes empresas, tem que chegar aos líderes, não é a mim e não somos nós, pessoas “normais” que vão conseguir salvar isto. Tem de ser as pessoas das grandes corporações, que mandam no mundo.” (P13/3)</p>
--	---	---	--	--	--

						<p>“ Claro que nós também podemos fazer a diferença, às vezes com pequenas coisas, mas se formos ver de onde é que vem a maioria da poluição, as grandes fábricas e por aí fora, a nível atmosférico, a nível da água, a nível de tudo.” (P12/3)</p> <p>“ Em relação às conferências que são realizadas, são os altos chefes de estado mas eu acho que eles deviam ter um papel mais ativo junto das populações, porque as pessoas responsáveis pelas conferências não se estão a importar tanto</p>
--	--	--	--	--	--	--

						com isso porque, tocando outra vez no assunto das fábricas, eles não querem saber se estão a poluir ou não, eles querem produzir e as pessoas querem consumir, somos uma sociedade consumista e já vem de há muito tempo e aí está, é difícil mudar a mentalidade da população.” (P10/3)
Categorias Sociais (Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade)	“ É complicado porque eu, por exemplo, venho do concelho de Cascais, que é um concelho que protege muito o ambiente. E pronto, e temos diversas publicidades e propagandas mesmo para influenciar comportamentos.” (P12/3)	“ Por enquanto são feitas várias medidas a nível europeu e a nível mundial, mas acho que essas medidas são ainda muito suaves para o caminho que estamos a seguir. Pronto, acho que só mesmo quando percebermos que o mundo vai	“ (Angola) Nós temos sempre verão. Só temos 3 meses de frio, que cá digamos que é outono. Lá, o nosso inverno é o outono de cá.” (P13/3)	“(Risos, sinal negativo com a cabeça)” – em Angola não se recicla (P13/3) “ Em países em desenvolvimento não se faz reciclagem (risos).” (P13/3) “ A minha irmã vive cá há 5		“ Eu, pelo menos, sinto que o nosso país é relativamente ativo nessa matéria. Vai a essas cimeiras e acordos e por aí fora... e é assim, também o nosso país por não ser um país que

	<p>“ conhecer Lisboa foi um bocadinho difícil de interiorizar porque é completamente diferente do sítio onde vivo, a quantidade de carros, e tudo, mesmo basta respirar para sentir a diferença.” (P12/3)</p> <p>“ Como podemos ver, os países nórdicos são mais preocupados com esta questão do que os países em desenvolvimento, nomeadamente Angola, em que os países em desenvolvimento não se preocupam com o ambiente porque as pessoas em si não têm essa mentalidade de proteger o ambiente. Eles só estão preocupados em sobreviver, têm que ter isto, têm que ter aquilo, não se preocupam com o ambiente. Os EUA,</p>	<p>acabar quase é que nos vamos lembrar de fazer alguma coisa.” (P12/3)</p>		<p>anos e ela faz reciclagem, e a minha família quando vem, nós somos uns 5, não fazemos a reciclagem e ela passa-se, ela começa a gritar connosco lá em casa porque “você têm de fazer reciclagem, Portugal faz reciclagem”. E, pronto, ainda estou a tentar habituar-me à reciclagem, porque às vezes ponho tudo no mesmo saco.”” (P13/3)</p>		<p>produz muito não é daqueles países que chama mais a atenção para haver essa redução.” (P12/3)</p>
--	--	---	--	---	--	--

	<p>por exemplo, preocupam-se muito com o ambiente mas é um dos países que mais polui e só faz propagandas para proteger o ambiente, mas depois chega a poluir outros países.” (P13/3)</p> <p>“ . Por acaso poderiam fazer mais propaganda nesses países em desenvolvimento, que não têm capacidades, não têm autónima para fazer essa proteção do ambiente.” (P13/3)</p> <p>“Portugal até na questão do clima trabalha muito. Porque eu venho de um país (Angola) onde é sujidade por todo o lado, é poluição por todo o lado...eu chego aqui “oh meu deus, eu consigo respirar” eu respiro fundo e sinto o cheiro de verde. Lá não</p>					
--	---	--	--	--	--	--

	<p>podia fazer isso, mas não fico a pensar “ah estamos a poluir isto, o clima não sei o quê”, não vou assim tão longe. Fico mais agradecida porque já consigo respirar ar puro. E fico por ali.” (P13/3)</p>					
<p>Fonte de conhecimento geral</p>		<p>“ apesar de haver muitos avisos, como filmes, em que falam sobre o fim do mundo e quando derretem os glaciares e falam dessas coisas todas, as pessoas veem, até veem os filmes só que veem aquilo como se fosse um filme, num futuro muito distante, “não vai acontecer comigo”, “não vai acontecer no presente, então eu não me preocupo com isso” (P13/3) “ Televisão e</p>				<p>“ Eu até acho que informação é o que não falta. Podemos ir ao site do Instituto Português do Mar e da Atmosfera, temos lá dados relativos à temperatura e a muito mais, e com isto da internet, em qualquer site podemos encontrar a informação sobre o estado do nosso planeta. E eu acho que não cabe essencialmente</p>

		internet”				aos media consciencializar as pessoas mas sim as pessoas também irem à procura de informação, e tentarem por pequenos gestos alterar.” (P10/3)
Avaliação da imprensa		<p>“ Nos meios de comunicação, na televisão, eu sei que há uns tempos começaram a falar que vinha o inverno mais frio dos últimos não sei quantos anos.” (P12/3)</p> <p>“Eu acho que eles costumam dizer isso quase todos os anos, sinceramente” (P9/3)</p>	<p>“ É sempre associada a algo positivo: calor, praia. (noticias sobre calor)” (P11/3)</p> <p>“ A imagem é agradável, quando associamos ao título é que (risos)...” (P12/3)</p>	<p>“ agora entendo melhor o título da notícia. Porque li e percebi porque é que foi mais quente.” (P13/3)</p>	<p>“ os media e a imprensa estão a querer passar uma imagem que não é o mais correta e é aquela a que não devíamos associar este problema.” (P11/3)</p> <p>“Estou a pensar numa imagem positiva... quando o que devia passar era uma imagem negativa.” (P10/3)</p> <p>“Se calhar se pusessem uma imagem de um urso polar num bocadinho de gelo</p>	<p>“ eles não têm muita escolha porque as pessoas só publicam o que mandam publicar, eles não têm opinião, o chefe diz “olha, faz isto” e ele faz. É o trabalho dele. Mesmo que ele possa pensar o contrário, não pode dizer o que ele pensa, tem de fazer o que o chefe manda. Por isso não vamos dizer a culpa é dos media porque os</p>

					<p>ia ser um impacto maior do que este tipo de imagem. Passa tipo “ah, está a subir a temperatura, vamos todos para a praia!” (P13/3)</p> <p>“eu acho que os media também, o que eles pretendem é também falar o que há de bom no nosso país, isto chama turismo, chama tudo, e Portugal através da crise financeira é o que está a precisar.” (P12/3)</p> <p>“E acho que também escrevem e metem a notícia assim porque é isto que as pessoas querem ler” (P11/3)</p> <p>“nunca demostram dados</p>	<p>media estão mal. Porque eles realmente estão a fazer o trabalho deles só, estão a ser mandados a fazer isso.” (P13/3)</p> <p>“agora durante o inverno inteiro só se está a falar das inundações e eu acho que isso, as inundações não ligamos tanto às alterações climáticas. Pensamos mais no calor, e na subida de temperatura, do que na descida de temperatura e as inundações. Por isso acho que agora este tema vai ficar um bocado encoberto como se não se passasse e depois no verão voltamos</p>
--	--	--	--	--	--	---

					<p>concretos neste tipo de notícias, põem do género “as temperaturas estão a subir”. Não falam nessas questões menos boas, assim como quando apresentam outros assuntos. Se calhar também há essa culpa por parte dos media, não chamar a atenção para os efeitos mais negativos.” (P9/3)</p> <p>“é como se limitassem “ah, isto é um facto, as temperaturas estão a subir, pronto”, não vão ao fundo da questão se calhar.” (P9/3)</p> <p>“também por que é que não põem essa questão “o</p>	<p>tudo outra vez (risos).” (P12/3)</p>
--	--	--	--	--	---	---

					que é que poderíamos fazer, quais são os direitos das pessoas”, não abordam assim aprofundadamente a questão, acho que isso também um bocado culpa de não chamarem à atenção.” (P9/3)	
Posição/crenças	<p>“Eu dou grande relevância, mas acho que ainda temos muito a fazer nesse sentido, que devemos preservar mais, acho que as pessoas não têm grande consciência sobre o que praticam pode ter várias implicações ambientais. Eu dou grande importância, mas tenho noção de que a maioria das pessoas não a dá.” (P9/3)</p> <p>“Eu acho que já há muito tempo que estamos, no geral, a</p>	<p>““Não é normal, porque parece que agora temos as estações todas trocadas, não é? O verão no inverno e o inverno no verão” (P9/3)</p> <p>“ Também acho uma questão importante porque não nos prejudica só a nós como a todas as espécies e ecossistemas e tudo mais, e com as nossas ações metem em causa não só o</p>	<p>“ eu acho que nós estamos sempre à espera que seja o outro a tentar resolver os problemas.” (P10/3)</p>			<p>“ Eu acho que isto é tudo um ciclo vicioso, eu acho que é preciso muito para mudar a mentalidade das pessoas e eu acho que nós ainda não estamos extremamente consciencializados para aquilo que poderá acontecer.” (P10/3)</p> <p>“ reparei aqui, nós como estamos em conjunto, estamos um grupo, e temos</p>

	<p>degradar o ambiente e que tem a longo prazo consequências graves, que estamos a começar a sofrê-las” (P10/3) “acho que os problemas ambientais também têm muito a ver com outras questões, como o capitalismo e tudo mais (...)mas acho que é uma coisa que temos vindo a diminuir e de certeza que vai diminuir ainda mais, é a nossa única alternativa também.” (P11/3)</p>	<p>nosso bem-estar como também a própria existência a continuação da existência de outras espécies.” (P11/3)</p>				<p>opinião, nós damos mais opiniões tipo “nós temos que mudar o planeta”, “a culpa é nossa”, mas se cada uma em sua casa, sozinha, for ler isto, vai dizer “ah, mas por que é que eles não fizeram isto, por que é que eles não fizeram aquilo”, a culpa não vai ser nossa, nós não temos de nos preocupar porque eu tenho que fazer isto. Eu acho que nós quando estamos em conjunto nós sentimos aquela necessidade de “ok, nós temos de trabalhar em conjunto para resolver isto”, se uma pessoa tiver</p>
--	---	--	--	--	--	---

						sozinha não se vai preocupar. E eu acho até que é o que acontece com muitos líderes, se estiverem com outros líderes mundiais, “ok, vamos fazer esta cimeira, vamos fazer isto”, mas se eles estiverem sozinhos, não querem saber, não dão importância nenhuma a isto.” (P13/3)
Faixa geracional mais nova (categorias sociais)						
Faixa geracional mais velha (categorias sociais)						“ posso falar gerações anteriores às minhas, os meus pais, os meus avós são pessoas que não são preocupadas com isso. Eu acho que o futuro está em

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

						nós. Os mais novos. Porque eu pelo menos sinto que os mais velhos não têm também essa preocupação.” (P12/3)
--	--	--	--	--	--	---

Grupo 4 P14/4 P15/4 P16/4 P17/4 4 participantes	Ambiente	Alterações climáticas	1ª Notícia		2ª Notícia	
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Emoções positivas		“Adrenalina” (sobre incêndios) “A possibilidade de lá chegar e preparar-me para a potencial ameaça. Mesmo por uns segundinhos...sinto isso.” (P15/4)				“Alguma esperança? (riso irónico) uma esperança cínica, cética.” (sobre acordo de Paris) (P15/4)
Emoções negativas		“Sinto que está para além do meu controlo,				“estão a apresentar a

		<p>particularmente. Sinto que por mais que eu mexa enquanto indivíduo não tenho poder... impotência.” (P15/4)</p> <p>“é preocupante, causa preocupação.” (P14/4)</p> <p>“Acho que é mesmo impotência porque eu não vou estar à partida a preocupar com algo que eu não vou poder mudar, mesmo se calhar talvez me devesse preocupar mas eu não posso mudar, portanto...” (P16/4)</p> <p>“Também frustração, como consequência da impotência. Porque mesmo que eu quisesse não podia e isso gera frustração. Sentir que não tenho controlo sobre algo vai inevitavelmente afetar-me.” (P15/4)</p> <p>“Preocupa um pouco” (sobre hoje estar frio e amanhã estar muito</p>				<p>notícia como sendo algo de mau. E é algo de mau.” (P16/4)</p> <p>“É algo mau” (P17/4)</p> <p>“É algo mau.”(P14/4)</p> <p>“Eu odeio quando eles fazem isto, sempre em último (a sussurrar). Horrível.” (P14/4)</p> <p>O que uma notícia destas deveria fazer sentir:</p> <p>“Medo!” (P15/4)</p> <p>“Medo.” (P17/4)</p> <p>“Medo, medo. Alguma ansiedade.” (P15/4)</p>
--	--	---	--	--	--	---

		<p>calor) – (P17/4) “Quando vejo os media a falar disso também me vejo irritado.” (P15/4) “Impotência? (risos)” – sobre os incêndios (P15/4) “Medo também. Que chegue à nossa parte, que sejamos mesmo atingidos individualmente e nunca ninguém quer pensar nisso, mas chega sempre a altura.” (Incêndios) – (P17/4) “Tristeza” (sobre incêndios) (P14/4)</p>				
Uso da Ironia		<p>“Há o consenso de que há a influência humana mas o grau é a principal divergência, e eu gosto de ver isso. Devia ter ido para jornalismo.” (P15/4)</p>	<p>“A imagem não é...é alegre. (risos)” (P14/4) “até dá esperança” (a imagem positiva) (P17/4)</p>			
Práticas individuais	<p>“talvez pudéssemos fazer mais enquanto seres humanos para proteger.”</p>	<p>“nós individualmente não podemos fazer nada. E mesmo o que</p>				

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

	(P16/4) “Eu andei algum tempo nos escoteiros, e sim, nós às vezes íamos para a rua apanhar o lixo e tal, mas assim uma associação mesmo não.” (P14/4)	fazemos não vai ter efeito nenhum.” (P16/4) “Não deito coisas para o chão.” (P17/4) “reciclar” (P15/4) “eu gostava (de reciclar) mas não tenho os pontos de reciclagem ao pé da minha casa...” (P17/4)				
Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações ambientais, Instituições de ensino...)	“E tentarmos por exemplo apostar na energia vinda do sol, por exemplo, em vez de elétrica, dos carros geridos também por energia solar...coisas assim.” (P14/4)	“acho que nós devemos tomar algumas medidas para que isso deixe de acontecer (degelo) porque senão vai afetar imenso a nossa biodiversidade e tudo mais.” (P14/4) “Se calhar outras entidades pudessem tomar medidas para mudar alguma coisa na questão dos efeitos...” (P16/4)				
Categorias Sociais (Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países		“, há cerca de 3, 4 anos em Bragança costumava nevar muito, isso agora não acontece. Neva de vez em quando... na cidade especificamente,				“(riso irónico) não sinto grande coisa, para ser honesto. Nós (Portugal) não somos tão

<p>mais desenvolvidos Campo/Cidade)</p>		<p>algumas aldeias à volta, não, continua a nevar, mas na cidade especificamente já quase que não neva, é algo que nós podemos ver que está a acontecer nos nossos dias, que está mesmo a acontecer e não é um mito.” (P16/4)</p>				<p>relevantes.” (P15/4) “Talvez nisto aqui, de o acordo em Paris foi bastante positivo, a conferência de Paris foi bastante positiva, a China subscreveu o acordo em Paris...” (P15/4)</p>
<p>Fonte de conhecimento geral</p>		<p>“A única coisa que eu posso mais ou menos falar é no degelo, no Ártico, realmente eu vejo documentários, já vi da Odisseia e assim, e eles mostram as calotes a cair e tudo mais, e sim, isso é porque deve estar a haver alterações para isso estar a acontecer de uma maneira tão rápida.” (P14/4) “Televisão” (P14/4) “Televisão, internet” (P17/4) “Internet. Principalmente internet.</p>				

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

		<p>(...)Não confio muito nos meios televisivos” (P15/4)</p> <p>“aqueles blogs independentes (são mais confiáveis)” (P17/4)</p> <p>“Ou então ver um artigo científico.” (P15/4)</p> <p>“A televisão está muito manipulada.” (P16/4)</p> <p>“Ler diretamente os cientistas que estudam estas coisas, ver qual é que é a opinião deles.” (P15/4)</p> <p>“na internet tu tens a informação que tu queres.” (P16/4)</p> <p>“gosto de ir diretamente à fonte, as pessoas que estudam isto, e gosto também bastante de ver as divergências entre os cientistas, uns que dão mais relevância à influência humana no aquecimento global, outros que dão menos.” (P15/4)</p>				
Avaliação da imprensa	“Os media tendem a	“eu só sei mesmo o que	“A imagem...”	“Um bocadinho pior	“Este, a imagem	“Isto é

	<p>apresentar lados mais negativos das coisas. Em geral. Mas isto é particularmente notório no que toca ao aquecimento global, porque o aquecimento global, apesar de ter consequências de facto negativas, também tem algumas consequências positivas.” (P15/4)</p>	<p>é mais publicado e, como ele disse (P15/4), e é verdade, a media tem um bocado tendência para exagerar as coisas, para dramatizar...” (P14/4) “de a temperatura ter subido imensamente no verão” – que viu nas notícias – (...)– Do próprio inverno estar a ser mais quente, chuvas quase não se veem, secas imensas” (P17/4) “falam só do problema, só do problema, e depois nunca oferecem soluções, nunca há debates, é muito frequente eles dizerem “verifica-se que o aquecimento global nan nan nan...”. (P15/4) “porque o que vende é o que é mau.” (P17/4) “eles alimentam-se mais do voyeurismo, das coisas negativas...” (P15/4) “E que tal colocarem</p>	<p>(P15/4) “A imagem é feliz.” (P14/4) “E aproveitaram mais, talvez, do que nos anos anteriores. Embora seja algo evidentemente mau acabou por ser bom para as pessoas.” (justificação da imagem) (P16/4)</p>	<p>do que aquilo que parece, porque aqui a imagem é positiva...” (P16/4) “não faz sentido, é incoerente.” (texto e imagem) (P14/4) “E eu não estava nada à espera destas quantidades...” (P17/4) “Eu colocaria uma imagem diferente, mais apropriada ao...” (P15/4) “Não está minimamente relacionada com a notícia em si.” “Vagas de calor...acho que não vi nenhuma notícia com uma imagem...(coerente)” (P15/4) ““Eu olho para esta notícia, que à partida representa algo negativo, e vejo esta imagem que quase que me induz</p>	<p>é logo... é diferente, já traz um pouquinho pior, porque se vê esta quantidade toda de gente na praia, nem dá tanta vontade de ir para lá.” (P17/4) “Eu não ia para uma praia destas, que horror.” (P15/4)</p>	<p>completamente incoerente com a imagem.” (P16/4) “Não sei... não é assim tão incoerente.” (P14/4) “A imagem a única coisa que nos remete é a primeira frase: está dito, a subida das temperaturas do planeta está a acelerar.” (P17/4) “(criança da imagem da primeira notícia) Toda divertida...aqui não. Aqui tem gente já toda, toda a gente farta de estar ali, farta dos vizinhos...” – (P17/4) “Eu acho que há incoerência entre as imagens e o</p>
--	--	---	---	---	--	---

		<p>aqui duas posições e debaterem o problema, darem a conhecer às pessoas o problema...?” (P15/4)</p> <p>“porque uma pessoa vê o telejornal, não está a pensar, está a ler...” (P17/4)</p> <p>“(a informação) não é refinada” (P15/4)</p> <p>“Realmente se eles passassem um outro tipo de informação, talvez a partir daí conseguissem haver mudanças efetivas para melhor.” (P16/4)</p> <p>“O grande impacto visual é o incêndio. É aquela imagem forte, agressiva. – sobre o que se recordam dos media nas vagas de calor – (P15/4)</p>		<p>descontração.” (P15/4)</p> <p>“o que é que eu vou associar a isto? (com alguma agitação/raiva). Eu vou associar o oposto que nós devemos associar a isto.” (P15/4)</p>	<p>que está escrito em ambas as notícias... “ (P16/4)</p> <p>“Não, não transmitem através das imagens o que é suposto dizerem.” (P16/4)</p> <p>“– É suposto alertar as pessoas para a subida das temperaturas como sendo algo negativo e aqui, embora esteja um aglomerado de pessoas, embora este ambiente seja claramente, pelo menos para mim, desagradável, é percebida como sendo algo bom. Porque as pessoas estão na praia, supõe-se que estão</p>
--	--	--	--	---	---

						<p>contentes, estão felizes.” (P16/4)</p> <p>“por vezes fazem (alertar), mas não fazem tanto como deveriam fazer, e não fazem da forma que deveriam fazer.” (P15/4)</p> <p>“Começar pelas imagens, não creio, eu acho que a imagem é a primeira coisa que nos salta à vista, portanto eu acho que deve ser mais relacionada com o cerne da questão do que esta imagem é.” (P15/4)</p> <p>“claro que de facto tendo os media uma capacidade de até manipulação das pessoas no geral, se usassem</p>
--	--	--	--	--	--	--

						de uma forma produtiva de forma a alertar mesmo as pessoas, a induzir a mudança, provavelmente seria muito mais útil do que o que eles fazem (risos).” (P16/4)
Posição/crenças	<p>“acho que com a indústria, com a evolução, estamos cada vez mais a poluir o ambiente e isso, como é óbvio, deve ter danos, que provavelmente vai chegar a um ponto em que não são reversíveis, e por isso acho que cada vez é mais importante haver sensibilização para essa causa.” (P14/4)</p> <p>“é um tema de relevância para todos nós, o ambiente enquanto natureza...o subtópico que me vem mais à cabeça é o aquecimento global que se</p>	<p>“Eu acho que as alterações climáticas já são algo real.” (P16/4)</p> <p>“alterações climáticas, aumento das temperaturas médias a nível global...ocorre, tem influência humana <u>mas é exagerado.</u> (...), não creio que seja tão negativo como nos é pintado pelos media.” – sobre o degelo (P15/4)</p> <p>“Sim, este verão foi para aí até à semana passada. E estas semanas é do estilo: um dia super frio, um dia super calor e isso</p>	<p>“Eu também só aproveitei mesmo em setembro, de resto estive a trabalhar o tempo todo, até foi bastante bom.” (P17/4)</p> <p>“ainda tinham (as praias) bastantes pessoas mas estavam muito mais calmas em relação ao mês de agosto, em relação a dois</p>	<p>“O que se pensa logo é que quente é praia.” (P17/4)</p>		

	<p>tem vindo a manifestar nos últimos anos e que tem consequências nefastas, <u>no entanto também tem consequências positivas</u>, nomeadamente se há mais dióxido de carbono e consequentemente aquecimento global, tendo em conta que o dióxido de carbono é utilizado pelas plantas, também temos verificado fenómenos de crescimento de áreas verdes superiores aos anos onde há dióxido de carbono mais baixo, portanto também tem consequências positivas que os media geralmente não apresentam.” (P15/4) “basicamente desde que apareceu a revolução industrial temos estado a deteriorar tudo o que temos à nossa volta, que é vivo, e a transformar tudo em cimento e em coisas sem vida, sem nada.” (P17/4)</p>	<p>não é normal.” (P14/4) “Ainda por cima os conglomerados dos media cada vez mais juntam informação numa source, numa fonte que é a mesma, são dos mesmos donos. – sobre a manipulação referida dos media (P15/4) “Há qualquer coisa que nunca deixa vir a verdade ao de cima.” (P14/4)</p>	<p>ou três dias antes e de ainda estar bastante calor e de estar mesmo perfeito.” (P16/4)</p>			
--	---	--	---	--	--	--

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

	<p>“Por acaso até acho que estamos a seguir um rumo melhor do que o do passado, já estamos a pensar em mais coisas para além de sermos melhores, de crescermos e disso tudo, já estamos a pensar mais no bem global, e no bem geral, em vez de só nosso próprio. Sim, e acho que é bom (risos).” (P17/4)</p> <p>“Talvez porque também já começamos a sofrer as consequências e começamos a aperceber-nos que é uma realidade, que não é só um conceito abstrato.” (estamos a seguir um rumo melhor) (P16/4)</p>					
Faixa geracional mais nova (categorias sociais)						
Faixa geracional mais velha (categorias sociais)						

Grupo 5	Ambiente	Alterações climáticas	1ª Notícia	2ª Notícia
----------------	-----------------	------------------------------	-------------------	-------------------

P18/5 P19/5 P20/5 P21/5 P22/5 5 participantes			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Emoções positivas						
Emoções negativas		<p>“Sim, muito” (algo que preocupa) (P19/5)</p> <p>“Eu lembro-me de estar a falar com a minha mãe ao telefone num dia e ela estar-me a dar na cabeça por eu não ter levado casaco, de não ter trazido casaco para a escola, e depois a seguir disse-me “olha, sabes que amanhã vão estar 28 graus?” E isso é preocupante (risos), é muito preocupante.” (P19/5)</p> <p>“Sim, eu acho que é preocupante no sentido de ver o</p>	<p>“A mesma coisa, frustração... (risos) impotência.” (P22/5)</p> <p>“Medo.” (P19/5)</p>	<p>“acho assustador uma notícia tão grande e a única coisa que dizem em relação à causa...” (P19/5)</p> <p>“ficamos sempre frustrados e zangados porque sentimos que não podemos fazer nada, e também com um bocadinho de medo de ler estas notícias, também</p>		

		<p>quanto as coisas mudaram, ou seja, é preocupante um dia estar 30 graus e depois estar 10 graus, ok tudo bem, agora, porquê?” (P22/5)</p> <p>“O degelo, exatamente, é algo que é bastante preocupante, não...eu acho que nós nos devíamos preocupar com o ser humano, não é?” (P22/5)</p> <p>“Medo. (risos)” (P19/5)</p> <p>“Sim, medo.” (ao pensar nisto) (P18/5)</p> <p>“Medo e um bocadinho de impotência no sentido em que não conseguimos fazer...”</p> <p>“acho que o maior sentimento é de medo, medo e um bocadinho essa</p>		<p>porque quem é educado e olha para ela e sabe a causa fica assustado.” (P22/5)</p>		
--	--	--	--	--	--	--

		<p>impotência.” (P22/5)</p> <p>“É um bocado assustador, um bocado grande. E acho que nem é uma situação reversível, não dá para voltar a congelar aquela água assim... (risos)” (P20/5)</p> <p>“E eu acho que nós também somos muito comodistas e é assustador nós vermos a quantidade de carros que vem todos os dias para Lisboa com uma só pessoa. É assustador. Mesmo.” (P18/5)</p> <p>“A comunicação que há é o senso comum e não esta ideia a ser transmitida e mete pena, porque aí está, sinto-me impotente.” (P22/5)</p> <p>“, isso traz-nos um</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>pouco o sentimento de frustração. No sentido em que, se nós sabemos, porque é que essa informação não está a ser partilhada com toda a gente?” (P22/5)</p> <p>“E isso traz frustração no sentido de “eu quero ajudar, eu quero que toda a gente saiba o que eu sei”, mas isso não está a acontecer porque as pessoas que têm esse poder não o estão a fazer. E, novamente, impotência, frustração, eu acho que o sentimento é sempre o mesmo.” (P22/5)</p> <p>“Impotência, frustração, sentir que não podemos fazer</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		nada, isto leva a um desânimo da nossa parte e se calhar, há muita gente que desiste de ter um estilo de vida mais saudável por causa disso.” (P22/5)				
Uso da Ironia		<p>““Adoro, a água está super quente”” (sobre as notícias que passam sobre vagas de calor) (P20/5)</p> <p>““epá, excelente, este verão está mesmo a ser espectacular”” (P19/5)</p> <p>““A água nunca esteve tão quente” – pois, se calhar...” (P20/5)</p>				
Práticas individuais	<p>“quando dizemos às crianças que aquilo que eles estão a fazer é errado, não devemos só dizer que é errado mandar o lixo para o</p>	<p>“Sei lá, até na reciclagem, uma coisa tão simples, as pessoas acham que “ok, eu vou fazer a minha reciclagem em</p>				

	<p>chão, devemos explicar o porquê de ser errado, porque às vezes as crianças têm noção de que é errado e que não se deve fazer, mas não sabem porquê, sabem só que é errado e se calhar também isso leva a que não tenham tanta consciência do porquê de ser errado e porquê que não o devemos fazer” (P19/5) “Não só falar na realidade, falar que há gente que vive muito mal de vida ou que o aquecimento global naquele país ou noutro e que nós não somos tão afetados, mas também expô-los um bocadinho a isso, não para os fazer sofrer nem para eles ficarem traumatizados...” (P22/5)</p>	<p>casa para quê se o mundo tem milhares de pessoas e não vou ser eu que vou mudar?” Mas se cada um de nós tiver esse pensamento, aí é que não vamos mesmo mudar nada.” (P19/5) “Todos os dias venho de autocarro do Bombarral, são 45 minutos, e quando chego de facto cá a Lisboa, porque é de manhã, não é...bem, é realmente incrível, tanto carro e em cada carro uma pessoa. Mas é que é mesmo raro eu encontrar um carro com mais do que duas pessoas.” (P22/5) “eu não venho de comboio porque é bom para o ambiente, eu venho de comboio</p>				
--	--	---	--	--	--	--

	<p>“Agora já não sou escoteira, mas fui, e sim nós éramos muito sensibilizados, quando estamos no acampamento deixar aquilo tal e qual como encontramos, e lixo zero, nada.” (P21/5)</p>	<p>porque há trânsito, porque tinha que me levantar muito mais cedo, porque é muito mais dispendioso, e eu acho que isso não vem já de mim, vem já da ideia que me passaram. Portanto, acho que a ideia que me estão a passar e que nós passamos é que está a ser errada e se calhar aí é que devíamos pegar.” (P19/5)</p> <p>“nos últimos três anos eu tenho estado a alterar o meu estilo de vida nesse sentido e sinto que, de facto, numa diferença de três anos, eu estar sempre a dizer estas coisas a mim mesma, ou seja, eu dizia “Mafalda, não faças isto porque é mau</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>para o ambiente”, que ao início não tinha muito efeito, agora noto que tem muito mais efeito. Por exemplo, eu na minha terra vou ao ginásio, e demoro 10 minutos a ir a pé para o ginásio. E muitas vezes, quando tirei a carta na altura “ah yey, tirei a carta, posso conduzir”, e muitas vezes ia de carro para o ginásio. E comecei a dizer a mim própria, ao início não tinha muito efeito porque pensava “estou atrasada, vou de carro que é mais fácil”, mas agora sinto-me sempre, aí está, com um peso na consciência porque eduquei-me a sentir esse peso na</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>consciência. E não é uma coisa má sentir-me com peso na consciência, essa é outra questão, as pessoas acham que sentir peso na consciência é algo negativo, mas não é porque eu quis colocar peso na consciência para poder fazer algo positivo para o mundo. Outra alteração que fiz foi deixar de eu comprar roupa que não fosse sustentável. Por várias razões, razões morais e também ambientais. E é algo difícil, não é? Porque (risos), primeiro é muito mais caro, e depois há muito menos escolha, tem de ser tudo online,</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>etc. E é muito difícil mas desde que penso assim, ou seja, todos os dias digo isto a mim mesma para me conseguir habituar e de facto eu vou a uma loja, por exemplo vou à bershka, e não sinto necessidade de comprar e se comprar sinto-me culpada. Nunca comprei desde aí mas sentir-me-ia de facto muito culpada, e portanto, por isso é que eu estou a dizer que não podemos esperar que os outros implementem isso em nós” (P22/5)</p> <p>“comecei a dizer a mim própria que era o melhor (ser vegan) e a procurar o porquê de ser o melhor e comecei a sentir-me mais sensibilizada,</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>comecei a fazer perguntas a mim própria que ao início não me agradavam, não é? Perguntas do género “eu não comia o meu cão. Não é?”. Isto também tem a questão ambiental, que depois há a ideia de que isto é só uma questão moral, mas a maior questão é mesmo ambiental porque a indústria animal é das que contribuem mais para a poluição. E aí está, informação que não é partilhada.” (P22/5)</p>				
<p>Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações ambientais, Instituições de ensino...)</p>		<p>“os presidentes, nem sei como é que eles se chamam, cujo objetivo é mesmo tratar disto do ambiente, não fazem isso, não transmitem esta ideia, e existe</p>				<p>“Nós temos objetivos, sendo que fazemos parte da união europeia, temos objetivos que a maioria das pessoas não conhece. E como é</p>

		<p>muito pouca informação sobre isto.” (P22/5)</p>				<p>que eles querem mudar as coisas para cumprir os objetivos relacionados com a união europeia se a maior parte da população não sabe...” (P19/5)</p>
<p>Categorias Sociais (Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade)</p>		<p>“Os meios pequenos, embora sejam pequenos no sentido de serem pequenos, ou seja, eu posso ir mais facilmente a pé da minha escola para a minha casa, mas para ir ao shopping tenho que ir de carro. Para ir ao supermercado comprar as compras da semana toda, que é muito pesado, tenho que ir de carro, nesse sentido é bem mais difícil.” (P22/5) “Não é? O meu avô paterno é do Alentejo</p>				

		<p>e na aldeia dele, eu vou lá passar férias, e sei por experiência própria que, se eu não tenho carro lá, eu não faço nada. (...) Há pessoas de lá que realmente só se conseguem movimentar de transportes e é horrível porque se acontece alguma coisa momentânea, sei lá, uma pessoa desmaia, há um autocarro. E o táxi vem não sei de onde. Eu acho que se calhar também é por aí. Tudo bem que se acabava por tirar de um lado e por do outro, porque se andar um autocarro de hora em hora com um passageiro vai dar exatamente ao</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>mesmo. Mas, não sei...” (P19/5) “nas cidades as pessoas muitas vezes andam de transportes públicos também por comodismo e não colocam a questão ambiental primeiro, pelo que dentro da sua consciência “eu faço isto porque me dá mais jeito, eu faço isto porque é mais barato, eu faço isto porque a minha mãe quer que eu faça”, e não me dizem “eu faço isto porque é melhor para o ambiente” e assim não estamos a espalhar a ideia da consciência, estamos a espalhar a ideia de que é mais fácil assim.” (P22/5)</p>				
--	--	---	--	--	--	--

<p>Fonte de conhecimento geral</p>		<p>“E eu acho que se calhar também era mais fácil por aí porque se eu não tenho necessidade de ir procurar informação mas a informação também não me vem até mim, eu não vou conseguir mudar a minha maneira de pensar, e isso acontece com imensa gente (risos), nós não temos ideia da quantidade de pessoas que não têm acesso à internet, não têm... e depois lá está, porque se tu não tens acesso à internet, não é pela televisão e pelos jornais que vais ter mais consciência das coisas que se estão a passar e das razões pelas quais elas se</p>		<p>“Eu arrisco-me a dizer que todas nós temos essa preocupação e temos essa noção, e de onde é que a tirámos? Da escola (risos).” (P19/5) “As organizações que fazem isso, tipo Green Peace, que fazem uns vídeos para passar na internet, não é para passar na televisão.” (P20/5)</p>		
---	--	--	--	---	--	--

		<p>estão a passar. Portanto, essas pessoas não vão conseguir ir buscar informação, nem sequer vão conseguir perceber o porquê de as coisas se estarem a passar e se calhar nem sequer vão conseguir perceber as coisas que se estão a passar, e se elas não têm essa informação, não vão conseguir mudar a ideia.” (P19/5)</p> <p>“Eu não vejo muitas notícias no geral.” (P22/5)</p> <p>“Principalmente internet.” (P22/5)</p> <p>“Internet. E jornais e telejornal também.” (P19/5)</p> <p>“Internet e televisão.” (P18/5)</p> <p>“E na internet muitas</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>vezes as redes sociais são o primeiro contacto” (P22/5)</p> <p>“É por isso que eu nem tenho o hábito de ver telejornais, nem de ler jornais, nem nada, é mesmo o que vejo na internet.” (P21/5)</p> <p>“eu tenho o hábito de ver o jornal, não todos os dias, mas é uma coisa que eu gosto de fazer, e não há grande referência às alterações climáticas ou a políticas ambientais que possam ou estejam a ser implementadas, não há (risos). Mas há coisas a acontecer todos os dias que se calhar não são tão bombásticas, mas são preocupantes na</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>mesma e não há, não aparece nas notícias” (P19/5)</p> <p>“a nível de internet, é muito mais fácil tu ires buscar essa informação, mas se tu fores a ver um jornal é um meio muito importante, porque há muita gente que não tem acesso à internet ou que não se interessam” (P19/5)</p>				
Avaliação da imprensa		<p>“basta ir às redes sociais, não é? As coisas acontecem num dia, focamo-nos só naquilo e esquecemos aquilo que aconteceu no dia antes. Mas o que aconteceu antes não desaparece. E acho que o ser humano de facto tem este</p>	<p>“(risos) é a prova de que está a piorar.” (P22/5)</p>	<p>“eles referem aqui que do ponto de vista da saúde é benéfico porque durante o dia está calor e à noite está, é uma grande diferença de temperatura. Quem não está</p>	<p>“Aqui parece que já fala mais do aquecimento global.” (P21/5)</p> <p>“O título parece que assusta mais um bocadinho do que o normal.” (P20/5)</p>	<p>“pronto, não tem nada a ver (risos).” (com a notícia anterior) (P22/5)</p> <p>“É este o tipo de notícias que precisamos que sejam expostas a toda a gente.” (P19/5)</p> <p>“esta é mais científica.” (P18/5)</p>

		<p>problema, que é agravado pelos meios de comunicação.” (P22/5)</p> <p>“Só se focalizam numa notícia, ou algo que aconteceu, e são capazes de estar ali durante uma semana a falar do mesmo tema e só depois só quando acontece outra bronca qualquer é que vem outra vez para as notícias e lá temos outra vez mais uma semana a ouvir que aquilo aconteceu.” (P18/5)</p> <p>“é do género “olha, hoje aconteceu isto e para a semana aconteceu outra coisa, isto passa”, e existe a ilusão de que as coisas passam por deixarem de ser</p>		<p>dentro do assunto não se assusta com isto.” (P19/5)</p> <p>“Pensa que é bom (risos). (quem não está dentro do assunto)” (P21/5)</p> <p>“o ambiente acaba por ser algo que nos é favorável ou desfavorável, mas fala-se mais daquilo que nos é rapidamente favorável, “está calor”. E não “está calor, por isso daqui a 30 anos vais morrer porque a tua casa vai ser inundada”.” (P22/5)</p>		<p>“, eu acho que qualquer pessoa que acabe de ler esta notícia fica pelo menos um minuto a refletir nisto, não é? E, pelo menos, de uma maneira ou de outra, consegue sensibilizar as pessoas. “Wow, mas afinal o que é que está a acontecer, o que é que é isto?” Eu acho que mesmo que não se perceba a totalidade do texto” (P19/5)</p> <p>“Dá as causas, dá os objetivos...” (P20/5)</p> <p>“tem a citação de cientistas que têm... ou seja, tira um bocado aquela ideia de que é um mito.” (P22/5)</p> <p>“Ameaça para o futuro...” (P20/5)</p>
--	--	--	--	---	--	---

		<p>faladas, portanto, acho que de facto umas das coisas que têm de ser mudadas é a questão dos meios de comunicação, que muitas vezes são vistos como algo positivo por nos passarem a informação, mas têm essas questões todas negativas, acho que são mais as coisas negativas do que positivas até.” (P22/5)</p> <p>“Acho que elas (notícias) foram um bocado apagadas pela questão do terrorismo e dos refugiados.” (P22/5)</p> <p>“Que ia estar mais calor e que ia continuar o calor, mas explicarem porquê...” (P20/5)</p> <p>“Exato, acho que</p>		<p>“O problema é esse, é que a percentagem de pessoas que consegue ler para além disto é muito reduzida.” (P19/5)</p>	<p>“não é uma notícia que nos traga pânico mas é uma notícia que nos traz... (...) deixa-nos a pensar.” (P22/5)</p> <p>“acho que está bem estruturada, sim.” (P22/5)</p> <p>“a informação no nosso país é muito escolhida, é muito manipulada, e é mal gerida no sentido de não se procurar o que as pessoas querem saber. Aliás, procurar-se apenas o que as pessoas querem saber e não procurar o que é importante que elas saibam.” (P22/5)</p> <p>“Ou seja, se eles vissem isto (incêndios/alterações climáticas) como um problema ambiental</p>
--	--	---	--	---	--

		<p>nunca dão a razão pela qual...nunca ouvi.” (P18/5) “As notícias são muito canalizadas...” (P20/5) “basicamente aquilo que se ouviu falar era que ok, o verão começou mais tarde, ok, este ano teve muito calor, então vamos fazer reportagens na praia, ver porque é que as pessoas estão na praia e...(risos) (...)E não é esse o foco, não deveria ser esse o foco, deveria ser o porquê de isto estar a acontecer” (P19/5) “o telejornal podia dar mais cultura às pessoas.” (P20/5) “E eu acho que quem está por cima disso está mais preocupado com as audiências e</p>			<p>era uma questão apresentada e falada no ano todo.” (P22/5) “há incêndios, é mau para as pessoas porque tira-lhes as casas, tira-lhes a terra, ok. Mas a parte ambiental é dada mas não é oferecida, ou seja, está lá, se vocês procurarem mas eu não vos vou dizer.” (P22/5) “Filma só o desespero das pessoas e eu acho que isso na televisão foi muito perceptível este verão, em que os jornalistas iam à procura das chamadas, à procura do desespero das pessoas, as pessoas a gritarem, um bocado</p>
--	--	---	--	--	--

		<p>com o dinheiro que vão fazer ao passar aquela notícia, porque se calhar a população vai ver mais aquela notícia. Mas eu acho que há espaço para tudo, não é? E acho que, se isso é uma forma de chegar as notícias à população, devia ser algo que realmente interessasse, e não... se o jornal nacional é aquilo que passa a informação para as pessoas, devia ser informação que fosse útil. Porque há informação não útil a passar o resto das 24h na televisão, coisas que não interessam a ninguém.” (P19/5)</p>				<p>chocante, fiquei “pobres das pessoas”” (P20/5)</p>
Posição/crenças	“Acho que às vezes as	“Uma das grandes				

	<p>peças não se preocupam tanto com isso como deveriam, a algumas questões é dada mais importância do que a outras, talvez o caso da poluição e essa parte, mas depois...talvez a poluição venha do civismo das pessoas” (P18/5)</p> <p>“acho que tem havido uma melhoria ao longo dos anos, antigamente acho que é notório que havia muito mais poluição, se calhar agora há mais informação mas ainda não há tanto respeito como deveria haver relativamente ao ambiente, mas sim, eu acho que houve uma melhoria, talvez dada a quantidade de informação que nós</p>	<p>agravantes é não termos já as 4 estações, torna-se...deixou de haver um ciclo, ou está a deixar de haver porque não temos primavera, o verão, o outono e o inverno, não. A semana passada estava de t’shirt a morrer de calor aqui e hoje estou de casaco e é mesmo essa questão, as estações deixaram de estar estipuladas no tempo. Ok, vem aí o inverno, vai mudar a hora... e daí? Amanhã pode fazer 30 graus, a gente não sabe.” (P20/5)</p> <p>“Portanto, não é apontar a preocupação com o ambiente, que às vezes as pessoas</p>				
--	---	--	--	--	--	--

	<p>recebemos (...)atirar lixo para o chão, mesmo que seja uma coisa insignificante, mas se calhar ficamos a pensar mais do que aquilo que ficavam antigamente a pensar e se calhar tentamos mudar esse comportamento ou tentamos que as pessoas à nossa volta mudem o comportamento dada a informação.” (P19/5) “acho que é um tema muito importante mas que as pessoas desvalorizam por acharem que os outros vão fazer e eles não fazem nada para mudar e ainda há muitas coisas para mudar para que possamos todos viver num planeta melhor em si (risos)”</p>	<p>acham “ah, o ambiente, coitadinho”, mas as pessoas não pensam que são elas que vão, somos nós que vamos deixar de ter... nem é deixar de ter qualidade de vida, é deixar de ter vida. (Risos)” (P22/5) “o planeta terra é isto, é os ciclos e acontece, sei lá (risos), a mudança das Eras, uma extinção brutal e depois volta a vida, voltam a acontecer as coisas, portanto, a preocupação não deve ser apenas com a terra porque ela vai voltar, portanto, ela vai estar sempre cá, mas é nós como ser humano que estamos a desaparecer, mas a</p>				
--	--	---	--	--	--	--

	<p>(P20/5) “também acho que ainda há muito pessoal que pensa que o aquecimento global e tudo mais ainda é um mito e assim, que não e já se vê as consequências disso e há informação dessa na internet a circular todos os dias, também acho que se está a agravar mas tem a ver com o desenvolvimento de certas indústrias mais poluentes e assim, que dantes não existiam.” (P21/5) “eu acho que hoje em dia também se está a colocar esse grupo de pessoas que se preocupam com o ambiente precisamente de parte, ou seja, quase que estão a criar dois grupos: as pessoas que</p>	<p>culpa é nossa também, aí está. Acho que nós temos é de procurar formas de nos salvar a nós próprios, importando-nos connosco nesse sentido, no sentido em que nós vamos desaparecer, nós estamos a ser parvos, mesmo (risos).” (P22/5) “em vez de pensarmos “ok, vamos comprar roupa sustentável, porque é bom para o ambiente”, porque é que não pensamos “vamos comprar roupa sustentável porque é bom para o ambiente, porque nos faz sentir mais saudáveis, porque tem menos químicos, porque são mais</p>				
--	---	--	--	--	--	--

	<p>se importam e as pessoas que não se importam.” (P22/5) “acho que existe a necessidade não só de dar a informação, mas de trabalhar na consciência das pessoas, ou seja, de nada vale estarmos a dar informação de que cada vez as coisas estão piores sem trabalharmos um pouco também desde pequeninos na nossa consciência, do que é que é bom, do que é que é mau, e porque é que nós somos importantes, não é?” (P22/5) “. Porque eu acho que, mesmo na minha idade, há muita informação, toda a gente sabe que é verdade. Qualquer</p>	<p>pessoas que trabalham justamente”, ou seja, não focar... ver as coisas como um todo, ver isto não como uma ação solitária mas como um estilo de vida, mesmo. E daí, as pessoas a adquirir este estilo de vida, não vão ter de fazer estes esforços únicos, mas sim um esforço constante que se torna num hábito.” (P22/5) “. Para mim é mesmo muito estranho ver um carro só com uma pessoa.” (P22/5) “nós temos de nos educar a nós próprios a sentir essa força, isso é fazendo questões todos os dias a nós próprios que sabemos que não</p>				
--	--	--	--	--	--	--

	<p>pessoa que tenha bom senso sabe que é verdade, sabe que todos os dias contribui para que piore um bocadinho, nem que seja gastar mais um pouco de água no banho porque estáquentinho lá dentro, nem que seja aquecer o aquecedor quando se calhar nem é tão necessário. As pessoas continuam a fazer isso e continuam a saber que é mau, acho que é bastante óbvio que o que se passa aqui também é um pouco a parte da consciência, agora como se melhora isso ainda não sei, mas eu acho que é esse o caminho para trabalhar.” (P22/5)</p>	<p>nos são agradáveis. Ao início não me é agradável pensar que estou a comer um animal da mesma forma que poderia estar a comer os meus animais de estimação. Não é agradável. E então o que é que nós fazemos? Propusemos isto. E isto acontece também para questões mais ambientais. Não é agradável eu saber que estou a tomar um banho durante meia hora quando poderia estar a tomar durante 15 minutos. Então o que é que nós fazemos? Deixamos de fazer estas perguntas a nós próprios, deixamos de</p>				
--	---	--	--	--	--	--

		enfrentar isso... Parece que o problema desaparece. É isso que nos falta, é educar-nos a nós próprios.” (P22/5)				
Faixa geracional mais nova (categorias sociais)	“Eu concordo com todas elas no sentido de estarmos cada vez mais conscientes principalmente pela educação que nos têm estado a dar e pela inclusão desta questão do ambiente, que não era algo que se incluía tanto na idade dos nossos pais e dos nossos avós” (P22/5)					
Faixa geracional mais velha (categorias sociais)		“ponho-me a ouvir conversas ou até mesmo conversas com pessoas que não são tão informadas...os meus avós, por exemplo, quando eu lhes digo				

		<p>que é preocupante o facto de nós tipo há uma semana atrás andarmos de t-shirts e esta semana termos de ter ido buscar os casacos todos, eles acham que é só uma simples coincidência, sei lá, está a acontecer, sim, está a acontecer mas não há nenhuma razão aparente para que isso aconteça e os culpados disso somos todos nós, não é?" (P19/5)</p> <p>"acho que é um crescimento das próximas gerações, mas um dos maiores problemas acho que é mesmo aqueles que já passaram por esse desenvolvimento cognitivo e então a aplicação destas</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>formas de pensar e desta consciência é muito mais difícil para os adultos, para os idosos, para os adolescentes de hoje em dia, que não aceitam isto como uma realidade, é muito difícil agora nos próximos 20, 30, 40 anos que estas pessoas ainda vão viver mudar a forma como elas pensam e a forma como elas agem. É preciso uma elasticidade cerebral muito grande que muitas pessoas não têm.” (P22/5)</p> <p>“eu vejo pelos meus avós, eles veem o jornal. E aquilo que eles sabem é aquilo que vem no jornal. Aliás, aquilo que vem no telejornal e aquilo</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>que vem no jornal. Porque eles não vão à internet (risos). Portanto, era aquilo que eu estava a dizer, eles não sabem daquilo que acontece porque se calhar os meios que chegam a eles mais facilmente não o transmitem. (...)o que é que será que é mais visto? Ou quais é que são as mentalidades que precisam mais de ser mudadas? São as nossas, jovens? Ou são as deles, mais velhos ou pessoas com menos cultura? Digamos assim. Se calhar são eles, não é? E o que é que eles procuram mais, será que é a internet ou será que são os jornais, os</p>				
--	--	---	--	--	--	--

		<p>telejornais?” (P19/5) “as crianças pequeninas ensinam-se depressa e levam até aos pais para casa, que a reciclagem é importante, mas se eu for pedir aos meus avós para eles fazerem reciclagem, se calhar a minha avó nem sabe onde é que é o pacote de leite, nunca fez reciclagem na vida. Os meus pais já sabem, não é? Porque houve uma preocupação a partir agora das crianças, mas e a população idosa e os mais velhos?” (P20/5)</p>				
--	--	--	--	--	--	--

Grupo 6 P23/6 P24/6 P25/6 P26/6 P27/6 P28/6 6 participantes	Ambiente	Alterações climáticas	1ª Notícia		2ª Notícia	
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Emoções positivas						
Emoções negativas		<p>“pois (risos)” – algo que preocupa? (P25/6)</p> <p>“É algo mau.” (P23/6)</p> <p>“Eu, pelo menos quando penso nisso, é assim, ok, penso nisso, tenho muita pena, não é? Mas a</p>				<p>“Mal. Preocupado, isto é preocupante. Mas...” (P27/6)</p> <p>“esta frase foi a que me deixou mais assustado: o aquecimento global está a ocorrer agora e a uma velocidade</p>

		<p>vida anda para a frente, nós temos trabalho, nós temos família, nós temos casa, nós temos contas para pagar, se tiver ali 5 minutos do dia para pensar sobre isso, se calhar vou é descansar do que ficar a pensar sobre isso e a ficar triste sobre isso.” (P28/6)</p> <p>“Medo (risos). Eu vivo no litoral (risos).” (degelo) (P27/6)</p> <p>“Preocupação com as gerações futuras.” (P25/6)</p> <p>“acho que é mais preocupação do que medo, porque...os filhos, os netos e os bisnetos.” (P28/6)</p> <p>“Eu penso no medo mais propriamente, o nome do meu país é São Tomé e Príncipe,</p>			<p>muito mais forte do que o previsto. É verdade, os dias e as noites, e a chuva, o calor, tudo e mais alguma coisa, isso está-se a ver...antigamente falava-se, agora vê-se a olhos vistos que alguma coisa está a mudar. Assusta-me e deixa-me preocupado, mas...” (P28/6)</p> <p>“isto não vai parar... ok, realmente é desagradável ler esta notícia e de facto deixa-me preocupado, mas... a vida continua, como o João diz.” (P27/6)</p> <p>“A única impressão que me dá, que me deixa realmente apreensivo, não me tira o sono, e deixa-me com uma sensação de</p>
--	--	--	--	--	---

		<p>são duas ilhas, se o nível do mar aumenta aquilo tudo vai... nós preocupamo-nos mais com as gerações futuras” (P23/6)</p> <p>“Eu lembro-me de uma notícia, mas não sei se foi no ano passado que houve uma vaga de calor, inclusive no norte da Europa, Berlim com 30 graus (risos), foi uma coisa que deixou os alemães boquiabertos. Foi este ano, então...pronto. Isso deixa-me completamente boquiaberto (risos), eu tenho uma tia na Alemanha e ela não estava a acreditar.” (P27/6)</p> <p>“A mim pessoalmente deixa-me</p>				<p>impotência, porque se me perguntasse “o que é que tu achas que podia ser feito?”, acho que, por exemplo, quem de direito, a ONU, as empresas de proteção ambiental deviam ter mais poder, mais palavra a dizer, deviam dar o poder de limitar ou obrigar, digamos mesmo obrigar as pessoas e as empresas e as grandes empresas e as indústrias a ter que corresponder aos limites e aos prazos que eles dão, porque eles sim, têm poder e estão a tentar fazer com que o aquecimento global e os problemas que a terra está a sofrer, estão a tentar fazer com que isso mude.”</p>
--	--	--	--	--	--	---

		<p>incomodado.” (a instabilidade do tempo) (P27/6)</p> <p>“não é que tenha medo ou isso, eu penso mesmo nisso. Quando eu notei que, aliás os meus pais, a minha mãe adora chuva, adora frio, e quando ela soube que o verão estava atrasado era a loucura lá em casa, pronto. Só que a mim, por exemplo, deixou-me preocupado “pois, mas isto depois lixamos o turismo, mãe”, isso é algo que ela não pensa, pronto.” (P27/6)</p>				<p>(P28/6)</p> <p>“O sentimento que eu tenho em relação ao nosso país, é um sentimento, como eu disse, de impotência, para quem pode fazer algo e não consegue, e também um bocado de hipocrisia, porque de quem consegue, e permite essa impotência a quem consegue.” (P28/6)</p> <p>“O único sentimento que me dá é impotência e hipocrisia.” (P28/6)</p> <p>“Ao mesmo tempo, revolta, se calhar também.” (P23/6)</p>
Uso da Ironia				<p>“O verão mais quente dos últimos 50 anos, e filmam tudo na praia (risos)”</p>	<p>““Ah, boa”” (sobre o facto de estar a praia cheia) (P27/6)</p>	

				(P28/6) “aparecem, às vezes até falam lá com as pessoas que estão na praia e as pessoas ali a elogiarem e a adorarem aquilo tudo... (risos)” (P27/6)	
Práticas individuais	“vivo na zona de Sintra e está perto da serra, por exemplo íamos lá arrancar espécies que não eram autóctones para dar espaço para as espécies por exemplo, creio que era o sobreiro, embora o sobreiro não seja propriamente autóctone, mas pronto. Era arrancar por exemplo os pinheiros para dar espaço a que as árvores autóctones	“Também se nós os 7 nos preocuparmos é melhor do que um, mas eu acho que não nos cabe também a nós, nem a nível de recursos ou de posição social, fazer assim uma grande mudança. Eu sei que depois podem responder-me “mas se não começares tu, com esse pensamento ninguém vai começar”, mas			“Agora, acho que, se nós pudéssemos fazer alguma coisa, acho que quem de direito poderia ter mais, deveria ter mais poder, deveria ter mais espaço de manobra para fazer. Agora, nós, eu não tenho muito a dizer sobre isso (risos).” (P28/6)

	<p>crescessem, por assim dizer, era basicamente isso, plantar árvores.” (P27/6)</p>	<p>também quem sou eu, não é? Há sempre aquela ambiguidade.” (P28/6) “Zero (risos)” (P28/6) “Zero... ou se calhar...” (P23/6) (não pensam nisso) “Uma vez se calhar quando passa nas notícias, com as ditas tecnologias, Facebook a toda a hora está a aparecer notícias dessas, mais por aí. (que pensa nisso)” (P23/6)</p>				
<p>Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações ambientais, Instituições de ensino...)</p>	<p>“acho que há muita investigação, muita manipulação, espalha muito as preocupações com ambiente, mas acho que não dão o significado mesmo que o ambiente tem para nós, para todos nós. Acho que divulgam</p>	<p>“São fantásticos, mas porquê não colocam os carros híbridos mais acessíveis à sociedade? Hoje em dia, uma pessoa para adquirir um carro híbrido, nem todas as bombas têm as baterias, nem todos</p>				<p>“mas fazendo um diagnóstico não tanto virado, por assim dizer, para estas notícias que no fundo não mudam nada, mas repare bem, o aquecimento global corresponde a uma riqueza exorbitante e a incontáveis empregos.</p>

	<p>muito, falam muito, demonstram muita preocupação, mas as verdadeiras ações como pequenas ações diárias no lixo, nas indústrias, nas empresas, não dão o devido valor que demonstram ter.” (P28/6)</p>	<p>os parques têm baterias, o preço de um carro híbrido é o dobro ou o triplo de um carro normal, e depois será que essa... estava a pensar, se o pessoal anda muito preocupado com o ambiente deviam tornar mais acessível os carros híbridos, as baterias dos telefones, os sprays e etc, porquê não divulgar mais informação e dar mais acesso às pessoas? Será que não podem, será que não querem, será que não interessa? O que é que era feito das grandes petrolíferas? O que é que era feito das grandes empresas de combustíveis,</p>			<p>Ou seja, fábricas, outras indústrias, outros negócios, o aquecimento global no fundo deve ter dado emprego a 90% da população ao nível mundial.” (P27/6) “Eu acho que estão mais preocupados com a crise que estamos a viver política e economicamente do que com o ambiente.” (P24/6) “sabemos que Portugal sofre incêndios, pronto, não podemos fazer nada quanto a isso, então vamos replantar. Vamos voltar a criar as florestas, acho que em tempos Portugal teve um terço do seu território coberto de florestas, pergunto-me quanto é que será hoje</p>
--	--	--	--	--	---

		Galp, Shell, BP, será que lhes interessa, será que não interessa, será que lhes seria possível?" (P28/6)				em dia." (P27/6) "em relação às florestas, todos os anos em agosto é aquele festival nas notícias, dos fogos e das florestas ardidas, etc, mas eu acho que, por exemplo, equipamentos para os bombeiros, os bombeiros são o órgão mais preciso nesta situação, não há qualquer tipo de preocupação, acho que resistem todos, ou 80% deles, com o voluntariado, eles não recebem nada por isso, não há incentivo nenhum para isso, o ano passado morreram 3 bombeiros porque o equipamento não era adequado, acho que quem pode não faz." (P
--	--	--	--	--	--	--

<p>Categorias Sociais (Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade)</p>	<p>“obviamente que há uma grande preocupação com o ambiente, mas há que entender que se calhar a parte a norte do equador não está a ver o ambiente como está a ver a parte sul do equador. Porque a parte sul está a desenvolver-se agora e o ambiente não está a ser tão considerado, porque eles estão a desenvolver-se.” (P27/6)</p>					
<p>Fonte de conhecimento geral</p>		<p>“Facebook.” (P27/6) “Nas notícias mesmo, televisão.” (P23/6) “Televisão.” (P26/6) “Naquelas imagens de previsões daqui a 10, 15, 20...” (P28/6)</p>				
<p>Avaliação da imprensa</p>			<p>“Não me admira (risos).”</p>	<p>“Mas há aqui uma parte em que eles</p>	<p>“Praia. (risos)” (P27/6)</p>	<p>“no que toca à imagem, devia estar aqui por exemplo uma</p>

			(P27/6)	<p>referem que... não estou a encontrar, mas supostamente estendeu-se em crista sobre o golfo da Biscaia, eu não estou a perceber esta linguagem, mas pelo que eu estou a perceber, o anticiclone que supostamente ficava na zona dos Açores, se estendeu, foi isso?</p> <p>Aumentou... pronto, eu não consigo muito bem perceber esta linguagem, mas supostamente isso deverá ter então algum</p>	<p>cheia, casas destruídas, uma coisa assim. Aí se calhar, uma pessoa olha para a notícia, lê isto com uma outra mentalidade. Agora assim uma pessoa até pensa “oh, fantástico.” Todas as pessoas gostam de praia. E mesmo que não gostem de praia, gostam de dar um passeio perto da praia, pronto.” (P27/6)</p> <p>“se nós continuarmos...quando perguntou o que é que sentíamos, se nós continuarmos mais 1 ou 2 ou 3 horas a falar disto, e a ver comentários na net e a ver notícias vamos sair daqui todos... vamos para casa, fazer a mala e fugirmos a qualquer</p>
--	--	--	---------	--	---

				<p>efeito no nosso clima, que por sua vez tem de certa forma a ver com as alterações climáticas, é a única ligação que eu consigo fazer” (P27/6)</p> <p>“Quem olha para a imagem, um rapaz a saltar para a água, dá a impressão de que é uma boa notícia, um rapaz nestas condições, em fato de banho, a saltar para a água, não está triste ou preocupado.” (P28/6)</p> <p>“, passa uma imagem, e</p>		<p>momento. Mas a vida continua.” (P28/6)</p> <p>“Acho que esta é mais específica, dá-nos mais dados...” (P28/6)</p> <p>“É mais científica, se calhar.” (P27/6)</p> <p>“A segunda alerta-nos mais. Porque dá precisamente, temos a noção do quão rápido isso tem evoluído.” (P23/6)</p>
--	--	--	--	--	--	---

				depois lemos a notícia toda é completamente ao contrário.” (P23/6)	
Posição/crenças	<p>“– Penso que de há uns tempos para cá já se começou a dar mais importância a essa questão, ter mais cuidado com o lixo, a reciclagem, tem-se feito mais publicidades, mesmo debates a chamar a atenção para esse facto, tendo em conta os agravamentos ambientais, os desgastes e essas catástrofes naturais” (P23/6)</p> <p>“Obviamente que como qualquer ser humano eu vejo as políticas verdes com bons olhos, têm sido adotadas a seu tempo, pronto, também somos</p>	<p>“É péssima. (Risos)” – opinião sobre alterações climáticas. (P25/6)</p> <p>“Então, isto das alterações climáticas se não for combatido só vai levar a que piore. O mundo foi feito de uma certa maneira, para ficar assim e agora ser alterado vai trazer imensas consequências, pronto.” (P25/6)</p> <p>“acho que agora já não podemos fazer nada para evitar. (o degelo)” (P27/6)</p> <p>“– Eu posso parecer assim um bocado frio, mas acho que, na</p>			<p>“Quem não tem uma palavra a dizer sobre isto ou não tem uma alta posição na sociedade, seja cargos na ONU, seja cargos em empresas ambientais, seja o que for, acaba por ser forçosamente egoísta ou tem que seguir com a sua vida. E quem tem alguma palavra a dizer e não o faz, acaba por ser egoísta e era o que estavas a dizer, as pessoas estão se marimbando, agora é a nossa vez, os outros também puderam, nós também vamos poder e os próximos que vierem também têm</p>

	<p>um país relativamente novo nisto do que toca à democracia e políticas. Em geral, a Europa tem feito, especialmente a Europa porque nem os EUA nem a Ásia fizeram alguma coisa quanto a isto, tem feito progressos nas suas medidas Greenfriendly, é basicamente isso, quer dizer é difícil alguém ter uma opinião contra isso.” (P27/6)</p>	<p>minha opinião pessoal, a todos nós faz um bocado de confusão o nível das águas subir, o gelo a derreter, as consequências que isto tem para nós, para os nossos filhos, para os nossos netos, para os nossos bisnetos... mas eu acho que também acabamos por ter um bocadinho uma atitude passiva.” (P28/6)</p> <p>“Basicamente já não temos aqueles meses intermédios, primavera e outono. É verão, passa logo para inverno...” (P24/6)</p>				<p>de fazer pela vida porque eu também fiz.” (P28/6)</p>
<p>Faixa geracional mais nova (categorias sociais)</p>	<p>“tem se começado mesmo do mais novo porque penso que é mais fácil se calhar</p>					

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

	começar por aí, porque as populações mais velhas já se torna mais difícil impor estes tipos de hábitos, se começar do mais novo há de ser mais fácil.” (P23/6)					
Faixa geracional mais velha (categorias sociais)						

Grupo 7	Ambiente	Alterações climáticas	1ª Notícia		2ª Notícia	
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
P29/7 P30/7 P31/7 P32/7 P33/7 P34/7 6 participantes						
Emoções positivas						
Emoções negativas	“revolta até um bocado” (P31/7)	“Revolta.” (P34/7) “Revolta.” (P29/7) “Eu tenho medo” (P34/7) “Eu também estou. E	“porque tu sentes mesmo impotência” (P34/7)			“esta notícia assusta imenso” (P31/7) “A mim irrita-

		<p>depois eu olho para a Baixa (risos), tenho medo...porque vai voltar a repetir-se se isto continuar assim e há montes de previsões que é isso que vai voltar a acontecer” (P32/7)</p> <p>“revolta...” (P29/7)</p> <p>“Irrita-me as pessoas ainda não terem percebido.” (P32/7)</p> <p>“E fico triste.” (P34/7)</p> <p>“É mesmo um bocado medo porque...” (P30/7)</p> <p>“revolta (risos) (P34/7)</p> <p>É sempre (risos) (P29/7)</p> <p>Again (P33/7) (sobre estar calor no inverno e as temperaturas aumentarem cada vez mais)”</p>				<p>me.” (P31/7)</p> <p>“revolta (risos)” (P32/7)</p> <p>“Medo.” (P30/7)</p>
--	--	--	--	--	--	---

<p>Uso da Ironia</p>			<p>“quase que podes fazer a festa na piscina.” (Festa de aniversário em novembro) (P31/7)</p>		<p>“Ah, pois o acordo de Paris... para pôr na gaveta.” (P30/7)</p>	<p>“Que bom sair do trabalho e vir para a praia, excelente.” (P29/7)</p>
<p>Práticas individuais</p>	<p>“– Mas eu também vejo que há mais pessoas que pensam em reciclar as tampinhas, ou cartão, eu separo tudo, eu separo, medicamentos... por exemplo, as tampinhas dá para cadeira de rodas, cartão e papel, o que está limpo, dá para certas pessoas venderem aquilo, é muito pouco, mas ganham algum dinheiro.” (P34/7) “quando era criança, eu e umas amigas minhas, decidimos fazer uma</p>	<p>“Sensibilizar as crianças é o melhor. O ser humano é muito orgulhoso, que por ser já adulto, não vai mudar de mentalidade, porque, desculpe a expressão, mas é um calhau, porque não ouve e não percebe o quanto está a prejudicar e fica focado só nele, é egoísta, porque não só mata os animais, mata os habitats para poder construir mais um hotel, mais uma</p>				

	<p>campanha de sensibilização e andamos pela escola, andamos ali a tirar o lixo, a limpar a escola e andamos pelas turmas a fazer campanha de sensibilização.” (P30/7)</p> <p>“, nós sempre tivemos imensas campanhas dentro da escola, e a fazer imensos projetos, e também uma coisa que fiz há dois anos foi, aquilo fica em Algés, e íamos pela rua, na aula de Biologia e íamos apanhando o lixo, basicamente.” (P31/7)</p> <p>“Todos os dias não.” (penso nisso) (P29/7)</p> <p>“Eu, em relação a atirar lixo para o chão, eu não gosto mesmo nada. E por isso, isso acaba por estar sempre presente em mim, porque eu sou fumadora e também</p>	<p>coisa, e nós também somos culpadas porque nós vamos consumir aquilo que eles fizeram para nós. E é começar mesmo pelas crianças...” (P32/7)</p> <p>“só compensa em grandes áreas, ter um painel não compensa assim tanto se for pequenino.” (P29/7)</p>				
--	--	--	--	--	--	--

	<p>não gosto de atirar beatas para o chão” (P33/7)</p> <p>“Eu no ano passado pensava mais nisso, mas é também porque tinha na escola uma disciplina que tratava mais desses temas, era ciências da terra e do meio ambiente, então pronto, nós tratávamos mais desses temas e falávamos mais sobre isso. Mas, senão também tenho aquela coisa de reciclar sempre, de separar tudo, mas também já faço tudo muito automático, então não é tão consciente.” (P34/7)</p> <p>“Eu acho que penso todos os dias porque é uma temática que me importa muito” (P31/7)</p> <p>“as pessoas querem se</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	envolver e não podem, só coisas pequenas, como a reciclagem, por exemplo, para nos insurgirmos contra a poluição das fábricas, ou coisas do género, ou o corte de árvores, isso não há nada” (P31/7)					
Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações ambientais, Instituições de ensino...)	<p>“É ridículo, é mesmo ridículo. O presidente dos EUA, que é uma pessoa que tem um poder imenso, que é super importante, que vai influenciar muita gente, a dizer que o aquecimento global não existe, quer dizer...” (P30/7)</p> <p>“o problema é que cá em Portugal também não há assim grandes organizações que ajudem nesta temática, por exemplo eu fui procurar e por exemplo não há escritório</p>					<p>“Visto que faltam organizações para sensibilizar as pessoas acho que é muito mal gerido porque devíamos ter mais... como a Green Peace e organizações assim” (P29/7)</p>

	<p>português da Green Peace, por exemplo. Eu fui procurar porque queria fazer voluntariado nessa área e não há quase nada, eu estive a procurar e não há quase nada.” (P31/7)</p>					
<p>Categorias Sociais (Zonas da periferia das grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade)</p>	<p>“Lisboa está toda em obras para porem árvores no meio da estrada, no entanto, não acho que é isso que vai facilitar, porque a poluição continua a ser a mesma, ou seja, quando eu penso no ambiente, penso logo nas coisas más, na poluição, no aquecimento global, nas espécies em vias de extinção, e nos problemas que isto traz para nós e para todos os seres vivos.” (P32/7) “incitam-nos a usar mais transportes</p>					

	<p>públicos e a deixar de lado o transporte pessoal, neste caso o carro, as motas... mas depois a rede de transportes públicos está cada vez pior...” (P31/7)</p> <p>“Ok, tudo bem, eu estou a poupar, não trago o carro, mas a nível de segurança não me sinto segura. Ou vou a falar sempre com alguém ao telefone, e tipo ali a relatar o que está a acontecer (risos), ou então, pronto... se querem... e também é uma questão de trazerem... se querem que nós usemos mais os transportes públicos não só pelo ambiente, mas também como poupança, ponham segurança e tragam principalmente</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	segurança aos nossos pais” (P32/7)					
Fonte de conhecimento geral	“Muita gente também não sabe porque muita gente não tem acesso a essa informação porque não há nada que sensibilize as pessoas, lá está, não há grandes organizações cá em Portugal que sensibilize as pessoas numa grande dimensão” (P29/7)	“Não há assim grandes campanhas de sensibilização, houve aquele filme que o Leonardo DiCaprio fez... não é um filme, é um documentário, isso são coisas que realmente sensibilizam e usar uma personalidade que chama a atenção e por isso eu acho que deviam ser feitas mais coisas dessas” (P30/7) “Televisão.” (P34/7) “Televisão.” (P32/7)				“Eu não vou ver jornais online, eu normalmente vejo o telejornal ou o equivalente online, sic notícias por exemplo” (P31/7) “E depois as redes sociais, é uma coisa tão boa porque poupa papel, os jornais online e não sei quê, acho que... e toda a gente tem acesso por assim dizer...” (P30/7)
Avaliação da imprensa		“O problema é que a comunicação social também não ajuda.	“Olha, vês, mais quente (risos)”	“a imagem não corresponde principalmente	“É o que estávamos a falar há	“é o mesmo problema, a imagem.”

		<p>Há bem pouco tempo, lembro-me de ver uma notícia que era “cientistas dizem que a camada do ozono já está a regredir”, e as pessoas leem isso e pensam “olha, que fixe, já não preciso de fazer mais nada, já está resolvido.”</p> <p>(P34/7)</p> <p>“Isso foi o que eu vi nas notícias, só, da camada de ozono. E de resto foi campanhas publicitárias, mas nada a falar do clima, foi da reciclagem.”</p> <p>(P32/7)</p>	<p>(P34/7)</p> <p>“está a dizer que setembro foi o mês mais quente dos últimos 32 anos, mas a imagem transmite uma coisa positiva.”</p> <p>(P32/7)</p> <p>“parece que se está a divertir.”</p> <p>(P30/7)</p>	<p>àquilo que está a ser dito. Por exemplo eu não ia ter tempo, se eu visse isto numa capa de jornal, via o título, via isto e dizia “boa, está verão, adoro”. Mas depois se eu fosse ler a notícia se calhar não é assim tão boa, não é?”</p> <p>(P32/7)</p> <p>“devia estar explícito no título... que é uma coisa negativa.”(P34/7)</p> <p>“O tema, parece que é um tabu falar disto...”</p> <p>(P31/7)</p> <p>“Praia. (P34/7)</p> <p>Praia. (P31/7)</p> <p>Da seca... (P33/7)</p> <p>E incêndios e os</p>	<p>bocado. Da praia... metem praia.” (P34/7)</p>	<p>(P34/7)</p> <p>“logo o subtítulo dá muito mais impacto do que o título, ou seja, porque é que põem uma imagem positiva, eu acho que, e nós em psicologia até vamos dar isso, o ser humano é atraído à desgraça e àquilo que é mau e repugnante, atrai porque tem a curiosidade de ver o que é”</p> <p>(P32/7)</p> <p>“Mostrem mesmo, informem as</p>
--	--	--	---	---	--	---

				<p>bombeiros (P32/7)” (sobre o que as notícias de vagas de calor fazem lembrar) “Eu acho que uma notícia destas devia estar sempre aliada a uma imagem negativa e não a uma imagem de diversão.” (P31/7)</p>	<p>peças e ponham no título a verdade crua e nua como ela é, porque isto é paninhos quentes que dão, que a pessoa passa e não vê.” (P32/7) “é só mais uma notícia no meio de tantas outras.” (P34/7) “e depois, a notícia é má e tem numa linha as consequências. Nem a uma linha chega as consequências disto tudo. Uma pessoa que está a ler</p>
--	--	--	--	--	--

						<p>uma notícia deste tamanho, não vai olhar para o meio e tomar tanta atenção como ao início, por exemplo. Deviam pôr no início e o como é que nós podíamos mudar isso, não é numa linha as consequências e depois o resto a dizer “epa, está muito calor, bora para a praia”. Acho que isso é má comunicação.” (P33/7)</p> <p>“Se estamos a falar de coisas negativas então é tornar isto o</p>
--	--	--	--	--	--	--

						<p>mais negativo possível, para que as pessoas percebam.” (P31/7) “E informação séria! Não publiquem esta informação porque isto...” (P34/7) “E que foquem quando é notícias sobre isto, que foquem no que realmente é importante.” (P33/7)</p>
Posição/crenças	<p>“... eu quando falo em ambiente penso logo no aquecimento global, e como é que eu hei de explicar? Para mim, está cada vez pior, ou seja, cada vez há menos espaços verdes...” (P32/7)</p>	<p>“Ontem teve um frio que ninguém podia e eu hoje fui buscar esta camisola de manga curta...” (P32/7) “um dia está a chover imenso e noutro dia está um sol... e só</p>	<p>“Mas eu estava a sentir mesmo calor. (na passagem de ano) Eu desisto. Porque é mesmo, dá mesmo</p>			

	<p>“toda a gente pensa porque é politicamente correto dizer que se preocupam com o ambiente, mas acho que é desvalorizado. Porque as pessoas dizem “sim, eu reciclo, sim, eu não poluo”, mas toda a gente chega a casa e já mandou lixo para o chão, toda a gente manda as beatas para o chão, toda a gente... os carros, só em si, poluem.” (P29/7)</p> <p>“tu pensas “ambiente”, vais logo à reciclagem, ao carros, aos transportes, esse tipo de coisas... mas há muito mais coisas, tipo os tipos de eletrodomésticos, a água que tu gastas... eu por exemplo, adoro tomar banho, adoro ficar ali debaixo do</p>	<p>agora é que estou a sentir um bocado mais que o inverno está a chegar mas de resto, por mim ainda estamos no verão...” (P33/7)</p> <p>“E todos os anos dizem “este verão foi o verão mais quente dos últimos...”, sempre, todos os anos. Cada vez aumenta, porque a temperatura está a aumentar.” (P34/7)</p>	<p>vontade de desistir, mas não devemos. Mas dá vontade.” (P32/7)</p>			
--	--	--	---	--	--	--

	<p>chuveiro muito tempo, adoro, mas eu sei que faz mal. Mas eu penso “ah, também sou só eu”, mas não sou só eu. Porque toda a gente gosta de tomar banho (risos), mas pronto.” (P32/7)</p>					
<p>Faixa geracional mais nova (categorias sociais)</p>	<p>“A nossa geração como apanhou imenso isso do ecoponto, a maior parte recicla, eu acho que deve se muito a isso.” (P33/7)</p>	<p>“eu fui muito sensibilizada quando era mais nova, no infantário, lembro-me perfeitamente de uma música que nós cantávamos, fizemos um teatro, e eu andava a cantarolar aquilo pela casa, os meus pais achavam imensa piada, mas depois acho que ao longo da minha escolaridade não se foi insistindo, passou a ser só o ecoponto e só a reciclagem, e então isso é uma</p>				

		coisa muito mínima comparando com a informação toda que eu recebi quando era mais nova” (P34/7)				
Faixa geracional mais velha (categorias sociais)	“nós falamos aqui na escola, mas há pessoas que não têm acesso a essas coisas, por exemplo as mais velhas não pensam nisso, porque eles não sabem.” (P29/7)	“eu acho que a parte mais problemática da população é mesmo a população adulta e idosa, porque esses aí é que não sabiam disso quando estavam a crescer, e por isso agora é um bocado mais complicado aceitar, mas por isso é que eu acho que deviam ser criadas campanhas que ajudassem nesse sentido, que dissessem a essas pessoas “gostam dos vossos filhos, dos vossos netos, então se calhar têm de começar a pensar num mundo que vão				“Tu reparas que os mais velhos têm ideias completamente opostas e depois chocam.” (P30/7)

		<p>deixar para eles”. (P30/7)</p> <p>“. Eu fui sempre sensibilizada na escola para o ecoponto, mas em casa nunca fizemos. Eu quando era criança dizia sempre aos meus pais, mas eles nunca fizeram, ou seja, eles próprios precisam de uma sensibilização e de perceber que é preciso, porque na altura eu dizia e eles nunca fizeram, nós púnhamos e pomos sempre o lixo no lixo, e acho que isso está mal.” (P33/7)</p> <p>“os meus pais antes também não reciclavam. A minha mãe tinha a mania, só que o meu pai não. E fui eu que, da</p>				
--	--	---	--	--	--	--

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

		escola e tudo isso, trouxe aquilo, e agora fazemos reciclagem de tudo.” (P29/7)				
--	--	---	--	--	--	--

Grupo 8 P35/8 P36/8 P37/8 P38/8 P39/8 5 participantes	Ambiente	Alterações climáticas	1ª Notícia		2ª Notícia	
			Antes da leitura	Depois da leitura	Antes da leitura	Depois da leitura
Emoções positivas	“é muito bom. Sentimos que ajudamos dentro do pouco que podemos fazer, sabemos que pelo menos aquele bocadinho nós ajudamos, é gratificante. (limpeza da mata)” (P38/8)					

<p>Emoções negativas</p>	<p>“É triste, é triste ver que uma cidade tão grande, que podia estar muito mais sensibilizada, lá está, para isso não acontecer, para ter mais cuidado com isso, porque há mais pessoas, tem que haver um cuidado redobrado do que em meios pequenos, e é triste não haver esse cuidado redobrado, porque se há em meios pequenos também devia haver em meios grandes.” (P38/8)</p>	<p>“É um sentimento de impotência que nós temos.” (P38/8) “É impotência, é um sentimento ...preocupa-me bastante, saber que o meu futuro está condenado por causa daquilo que se tem feito até agora” (P38/8) “É triste dar importância ao casal de famosos que se separou e não dar importância a isso (risos). É triste.” (P36/8)</p>		<p>“acabo por não sentir nada porque é uma notícia à qual eu estou habituada, normalmente sempre que falam de calor é uma notícia deste género, por isso não é nada que seja diferente do que tem sido sempre.” (P35/8) “faz impressão pensar que é isto que está a ser mostrado, é isto que está a ser relatado sobre uma coisa importante como o calor que pode destruir tanta</p>		
---------------------------------	--	---	--	---	--	--

				coisa” (P38/8)		
Uso da Ironia		“Ah, está calor, vamos para a praia! Em vez de está calor, não devia. Se calhar devíamos fazer alguma coisa para mudar, não, é sempre levar uma coisa que é negativa para o lado positivo.” (P37/8)		“A culpa é atribuída a um anticiclone (risos), não é aos humanos, é de um anticiclone a culpa de as temperaturas aumentarem, não foi o homem, não foi uma ação do homem, é a natureza.” (P38/8)	“O titulo diz que a subida de temperatura no planeta está a acelerar. Podiam pegar em tanta coisa só de a frase dizer “do planeta está a acelerar”, não, vão pôr uma praia. Tudo a ver (risos).” (P38/8) “Mas não (põem imagens do degelo), é uma praia. Porque é muito bom a temperatura estar a acelerar.” (P38/8)	
Práticas individuais	“Eu já fiz uma atividade, de recolha de lixo de	“Mas parece que não se dá importância, isso				

	<p>matas e um grande grupo juntou-se para ir limpar a mata.” (P38/8) “no sítio onde eu vivo a junta tem uma coisa de pintar as paredes, todos os anos no verão juntam crianças e dão dinheiro simbólico e vão pintar as paredes, e eu já o fiz, portanto eu se calhar até participaria em coisas do género, mas não há. E visto que há tantas pessoas sem fazer nada, porque não utilizar essas pessoas para, pronto utilizar entre aspas, para fazer esses trabalhos que são tão necessários e que às vezes não ligam?” (P36/8)</p>	<p>que ela falou de recolher o lixo, eu gostava muito de fazer algo do género, só que, eu não sei se é porque eu vivo num meio mais pequeno, mas mesmo assim eu nunca soube de nada que fosse feito.” (P35/8) “as pessoas também acabam por desvalorizar os problemas, acabam por “ah, isso não é tão importante assim”, e acaba por ser, só que as pessoas às vezes também não se preocupam para não ter, e não sei... às vezes vou andar e está muito lixo e apanho a maior parte, é que depois acaba por ficar mal, tipo, árvores e não sei quê, muito bonito, mas depois aquele lixo todo</p>				
--	---	--	--	--	--	--

		<p>à borda das estradas, tipo a mim faz-me bué confusão.” (P35/8)</p> <p>“Sinceramente? Só quando isto é falado assim.” (é que pensa nisso) (P37/8)</p>				
<p>Práticas institucionais (Autarquias, Governo, Líderes mundiais, Organizações ambientais, Instituições de ensino...)</p>		<p>“– Eu acho que é um tema muito complexo porque envolve várias vertentes, e neste momento não acho que cada um de nós tem de mudar certas coisas para mudar, eu acho que os vários países têm de ter diversas regras e muitos deles não estão dispostos a colaborar, e não sei, acho que é muito complexo ainda.” (P35/8)</p> <p>“tendo em conta que eu sinto que se eu mudar alguma coisa que não se vai notar assim tanto, eu acho</p>				<p>“estes acordos entre os vários países é que deviam ser feitos porque isto são problemas muito mais graves, é o que eu estava a tentar explicar há bocado, mas mesmo assim eles acabam por não os cumprir porque se os cumprirem se calhar têm de fechar certas fábricas, e eles não estão</p>

		<p>que é um problema muito maior que devia ser mais abrangido a mais pessoas, porque não devia ser só tipo individual, devia...eu não sei explicar isto, mas por exemplo, os países deviam se juntar e fazer campanhas...” (P35/8)</p> <p>“Eu acho que grandes países como o Japão e assim, que dão exemplos em tantas coisas, que são tão bons em tantas coisas e depois acabam por ser se calhar os mas poluentes, a América, que falam tanto e que são tão bons em tanta coisa, mas depois em coisas como esta que são importantes para toda a gente eles se calhar não...” (P36/8)</p> <p>“por exemplo o</p>				<p>preocupados com isso, eles querem é lucro, por isso...” (P35/8)</p>
--	--	--	--	--	--	--

		<p>governo, em vez de ter regras para a sociedade também devia ter regras relacionadas com o ambiente, porque isso é um problema muito maior, que não é só os indivíduos que têm de ter a consciência de não fazer isto ou fazer aquilo, eu acho que deviam estar estipuladas regras em que o governo tivesse essas regras, assim era mais sério e as pessoas levavam o assunto mais a sério.” (P35/8)</p> <p>“E estas alterações climáticas acabam por estragar, aquelas chuvas poluídas estragam monumentos, estragam tanta coisa, que deviam ter mais cuidado com isso, não</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>sei, devia haver algum movimento no mundo, em todo o lado mesmo, para resolver isso.” (P36/8)</p> <p>“às vezes quando há aquelas notícias de, por exemplo, uma fábrica está a poluir um rio, só se preocupam com isso quando o rio já está poluído e não por exemplo, estão a construir uma fábrica, para onde é que vão os resíduos...não, é só quando já estão os peixes todos mortos, já não há nada que possa ser feito, aí é que chamam a televisão, é que falam sobre isso, mas mesmo assim é só quando já está o mal feito.” (P35/8)</p>				
<p>Categorias Sociais (Zonas da periferia das</p>	<p>“venho de um sítio onde não há muita poluição,</p>	<p>“eu sou do campo e eu reparo que, por</p>				<p>“E Portugal, lá está, eu vivo ali</p>

<p>grandes cidades, bairros, países em desenvolvimento/países mais desenvolvidos Campo/Cidade)</p>	<p>em geral, do que na cidade, e dou muito conta de Lisboa, tipo o aumento de poluição que existe, que quando eu chego à Guarda nota-se até no ar que é muito mais puro do que cá em Lisboa, por isso eu quando crescia não notava tanto isso como agora noto cá em Lisboa. (...)as pessoas também não têm tanto cuidado como lá, que não se importam tanto, parece-me.” (P37/8) “eu também venho de um meio pequeno, uma vila, onde é tudo rodeado de campo, temos uma grande serra e está muito incutido na nossa mente que não é para poluir, é mesmo... os espaços são muito verdes e nós sabemos que não é para poluir. E</p>	<p>exemplo os meus pais têm horta, assim grande por acaso, e eles dizem “agora não chove, é altura de chover e as batatas vão se estragar”, mas eles não sabem porque é que isso acontece e não dão aquela importância...no campo, eu reparo, as pessoas vão a andar, e comem um pão que está num guardanapo que mandam para o chão, em Lisboa, por exemplo eu reparo que as pessoas não querem saber se está a chover ou a fazer sol, é como se fosse, vou à rua “está a chover, vou calçar umas botas”, mas não se preocupam também, os do campo preocupam-se mas não percebem, não querem</p>				<p>em Almada, eu já noto uma diferença entre Almada e Lisboa, Pronto, vocês conhecem o campo, e conhecem a cidade e pensam que realmente isto é péssimo, mas se calhar um dia forem dar uma volta por Almada vão ver que ainda é pior do que Lisboa.” (P39/8) “Portugal não é dos piores países.” (P38/8) “eu acho que há tantos outdoors pela rua, há tantas paragens de autocarro</p>
---	---	--	--	--	--	---

O Uso Social das Emoções no Debate da Representação das Alterações Climáticas em Notícias Nacionais

	sim, quando chegamos cá o ar é mais pesado, a poluição sente-se, é mesmo carregada” (P38/8)	saber, poluem à mesma.” (P36/8) “Não têm o conhecimento suficiente para perceberem o que é que estão a fazer para não estar a chover. (os do campo)” (P38/8)				com anúncios de perfumes e com jogadores de futebol e depois não há nenhum a dizer... até para as crianças, uma coisa ilustrativa, uma coisa... quer dizer, para mostrar o que é que não se deve fazer, o que é que se pode fazer, eu acho que, pronto eu falo por Portugal, é o que eu conheço melhor, acho que não estão a lidar com o assunto como devia ser.” (P39/8)
Fonte de conhecimento geral		“Televisão.” (P39/8) “Televisão.” (P37/8)				“devia haver mais

		“Internet.” (P38/8)				informação sobre aquilo que podemos fazer, nós pessoas, população, para não nos sentirmos tão impotentes, o que é que podemos fazer para ajudar? Há muita falta de informação...” (P38/8)
Avaliação da imprensa		“isso tem sido abordado nos meios de comunicação, pelo menos eu acho que já vi (risos), espero não estar a inventar, que não é normal estar a fazer calor em outubro e estar a fazer frio em junho, que está a haver uma mudança e que essa mudança não é boa (risos), que quer	“(risos) lá está, a falar de uma vaga de calor e a mostrar pessoas... ou seja, estão a associar a uma coisa boa, a continuação de umas férias prolongadas, ou seja, o calor é bom, por	“mesmo assim só falam do que poderá ter causado o calor numa frase entre tantas coisas.” (P37/8) “o que está a ser relatado é, em todo um artigo, uma frase que diz o porquê e o	“Pois, subida de temperatura, praia.” (P39/8) “É uma imagem muito comum na televisão. (risos)” (P36/8) “Podiam por exemplo pôr o degelo.” (P39/8)	“é uma notícia que já foca mais no que está a acontecer. No entanto, pela imagem escolhida...nós somos humanos e somos atraídos por imagens. Eu lia esta notícia e via aquela

		<p>dizer que algo está mal.” (P38/8) “Mas mesmo assim parece que não dão muita atenção a isso. É mais “esta semana vai estar calor”...” (P35/8) “A única coisa que eu vejo é mesmo “esta semana há de estar muito calor e não sei quê”, mas mesmo a falar sobre o porquê de estar assim, ou porquê de termos de mudar. As únicas coisas de que me lembro aprendi na escola.” (P39/8) “como estamos tão habituados a ver isso na televisão... acabamos por também não ligar muito porque estamos habituados “há vaga de calor, praia”, pelo menos eu não vejo a notícia e não sinto “ah, ninguém</p>	<p>isso...” (P35/8) “As pessoas até pensam vagas de calor, bora para a praia, está tão bom, vamos para a praia.” (P39/8) “Um tópico que também é abordado dentro das vagas de calor é os incêndios, talvez aqui devia estar a imagem de um incêndio, porque também está aliado. Mas lá está, é só quando já está o incêndio feito, não se preocuparam que até lá</p>	<p>resto é “a temperatura aqui foi isto, a temperatura aqui foi aquilo” e foca nas temperaturas, então e o porquê, o que é que vai acontecer daqui para a frente, faz impressão pensar que é só isso que estão a relatar. Não estão a preocupar-se com o que é que vai acontecer no futuro.” (P38/8) “Pois e ainda por cima falamos de, durante o dia está calor e à noite está frio como se fosse</p>	<p>imagem e ignorava, porque é mais um artigo sobre praia, e no texto estão muito mais coisas do que estavam no outro, está muito mais focado no que está a acontecer, no que é que pode acontecer, é um outro tipo de texto, não é tanto a imagem que não tem nada a ver com aquilo que está aqui escrito. Eu não lia, caso visse a imagem e o título.” (P38/8) “Era como estávamos a</p>
--	--	--	--	---	---

		<p>está a falar nisso, deviam estar a falar no porquê de estar calor”, porque nós já estamos habituados desde sempre a ver isso nas notícias” (P35/8)</p> <p>“Nós só quando paramos para pensar é que ficamos a pensar, é que chegamos à conclusão de que se calhar não devia ser assim. Mas no momento, quando estamos a ver as notícias não...” (P36/8)</p> <p>“se de facto falassem disso nas notícias, falassem mais sobre o porquê de estar tudo assim, o que é que podíamos fazer mais para mudar, se isso fosse mais regular na televisão, se calhar nós também íamos ser mais regulares a</p>	<p>aquilo podia acontecer. Quando já estava é que eles se vão preocupar.” (P38/8)</p>	<p>uma coisa boa, tipo cada vez quanto mais calor, no inverno também mais frio está, por isso não podem olhar para isso como uma coisa boa.” (P36/8)</p>	<p>dizer há bocado, é tanta praia, tanta praia, tanta praia, que era mais uma. Para mim era mais uma igual às outras...” (P38/8)</p> <p>“Põe nos mais a pensar naquilo que está a acontecer do que a outra, a outra, desculpem a expressão, mas é palha (risos). A temperatura, não quero saber a quanto é que está a temperatura no outro lado, aqui já é algo que nos deixa a pensar.” (P38/8)</p> <p>“eu acho que o</p>
--	--	---	---	--	--

		<p>conversar sobre isso. Mas como levam sempre para o lado “está calor, vamos para a praia”, nós também somos obrigados a pensar assim porque é o que nós vemos.” (P35/8)</p>				<p>texto está bom, para explicar muita coisa, mas se eu quiser ajudar, se eu quiser realmente mudar isso, o que é que eu faço? Não mando lixo para o chão? Então e...ok, dizem aqui os objetivos que têm... então e como fazer como cumprir esses objetivos? Eu acho que é isso que é importante mostrar às pessoas, é “isto está a acontecer, vai levar a isto, o que é que</p>
--	--	---	--	--	--	--

						<p>podemos fazer para isso não acontecer”. Não é só dizer “olha, vai acontecer isto”. E eu fico “então e o que é que eu faço agora?” Como é que eu posso ajudar?” (P39/8)</p> <p>“este texto quase que nos faz sentir que “ok, está a acontecer, mas não conseguimos fazer nada”.” (P36/8)</p> <p>“Nós sabemos que é mau, mas como sabemos que também não podemos fazer nada porque aqui não está, faz com</p>
--	--	--	--	--	--	--

						que as pessoas não se importem com isso." (P36/8)
Posição/crenças	<p>“gosto muito de observar as paisagens, então dou muito valor à natureza, e tipo eu tento não poluir muito e quando vejo lixo no chão e assim apanho sempre, mas eu acho que neste momento a nossa terra está muito poluída, e devíamos mudar isso, mas é difícil porque é uma questão muito global.” (P35/8)</p> <p>“o ser humano polui muito, mas acho que agora, atualmente, é a minha opinião, acho que já dá mais valor ao ambiente e acho que já tem mais cuidado e tenta resolver coisas para não estragar a terra.” (P36/8)</p> <p>“embora haja aquela sensibilização para tentar</p>	<p>“As pessoas pensam sempre porque o outro vai fazer. E depois acabam por não fazer nada.” (P38/8)</p> <p>“eu faço anos em outubro e de há dois anos para cá tenho passado os meus anos com sol e montes de calor. E para mim isso era uma coisa impensável, porque eu faço a dia 23 e acabava por passar sempre com chuva e era uma coisa normal, e de há dois anos para cá passo com calor.” (P36/8)</p> <p>“Eu acho estranho, eu acho que não é normal e que pronto, há muitas pessoas que devem achar “que</p>				

	<p>mudar não vai acontecer essa mudança tão rapidamente, nem sei se vai acabar por acontecer porque poluição há sempre, fábricas há sempre, fumo há sempre, por isso quanto mais se tente mudar, vai sempre acontecer o mesmo, não há uma perspectiva de mudança assim tão rápida.” (P38/8)</p>	<p>bom, é outubro, ainda há sol”, mas isso não é bom porque para haver sol em outubro quer dizer que alguma coisa está mal, que não é normal” (P36/8)</p> <p>“Eu acho que a única coisa, das vagas de calor é os hotéis cheios e as praias. Toda a gente diz “os hotéis ainda estão cheios para as pessoas irem para as praias e tudo”. (P35/8)</p> <p>“É o dinheiro, novamente, é tudo a pensar no dinheiro, está calor, praia.” (P38/8)</p> <p>“Exato, parece que estão a levar as vagas de calor para um aspecto positivo em vez de para um aspecto negativo” (P36/8)</p> <p>“Vagas de calor são</p>				
--	---	---	--	--	--	--

		más, não são para a praia, vagas de calor são porque algo está mal, algo tem que ser feito para não existir vagas de calor...o que é que vai acontecer, os problemas que vão acontecer, as chuvas e isso tudo, é focalizar no negativo e não no positivo.” (P38/8)				
Faixa geracional mais nova (categorias sociais)						
Faixa geracional mais velha (categorias sociais)	“eu acho que as pessoas mais velhas, a mentalidade deles é difícil de mudar. E para isso, se calhar começar a tratar mais com crianças, as campanhas de sensibilização para crianças, eu estagiei numa escola primária e vejo que há cuidado, e se calhar é nisso que notamos a diferença de	“os meus avós, os meus tios, pensam “pronto, está bem, não se manda lixo para o chão porque suja a rua”.” (P36/8)				

	<p>há uns anos para agora, de mostrar às crianças a reciclagem, o não deitar o lixo para o chão, entre muitas outras coisas, por exemplo, não desperdiçar água, não desperdiçar eletricidade, acho que são coisas que se forem inculcadas nas crianças desde novas, podem mudar e se calhar os adultos agora não o fazem tanto porque na altura deles, pronto a escola era diferente, e isso também não se fazia.” (P39/8)</p>					
--	--	--	--	--	--	--